

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

Luciene Bassols Brisolara

**OS CLÍTICOS PRONOMINAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO
E SUA PROSODIZAÇÃO**

Porto Alegre, janeiro de 2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

Luciene Bassols Brisolará

**OS CLÍTICOS PRONOMINAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO
E SUA PROSODIZAÇÃO**

Tese apresentada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Doutor em
Letras, na área de concentração de
Linguística Aplicada

Dr. Leda Bisol
Orientadora

Data da Defesa: 15/01/2008

Instituição depositária:
Biblioteca Central Irmão José Otão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, janeiro de 2008

Dedico esse trabalho aos meus pais que contribuíram para o meu crescimento pessoal e intelectual e ao meu marido que sempre me apoiou em todas as minhas decisões.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Oscar Luiz Brisolara e Carmen Vera Bassols, e aos meus irmãos, Clarice, René, Simone e Lisiane, que me incentivaram a lutar pelos meus ideais.

Ao meu esposo, Luciano Leão Duarte, pela força e incentivo ao meu trabalho, por dividir minhas angústias e por incentivar-me constantemente a prosseguir meus estudos.

À professora Leda Bisol, pela orientação atenciosa e pelos incentivos constantes.

Ao professor Joan Mascaró, da *Universitat Autònoma de Barcelona*, pelo auxílio acadêmico e pela orientação cuidadosa durante meu período na Espanha.

Ao CNPq e à PUC, pela bolsa de estudos que me foi concedida.

À CAPES, pelo estágio no exterior que me proporcionou realizar.

Aos professores Sérgio Menuzzi e Regina Lamprecht, pelos ensinamentos preciosos durante o curso de doutorado.

À Mara e à Isabel, secretárias do PPGL, pelo atendimento atencioso.

À professora Carmen Lúcia Barreto Matzenauer e à professora Cláudia Brescancini, por suas valiosas contribuições durante o exame de qualificação de tese.

Aos amigos Clarissa, Marcos, Sophia e Sara, pela amizade, hospedagem e companheirismo durante o tempo de doutorado.

Aos colegas e amigos Ubiratã Kickhöfel Alves, Raymundo Olioni, Elaine Silva, Roberta Azambuja, Ana Paula Blanco, Ana Paula Rigatti Scherer, Deisi Vidor e Carolina Cardoso Oliveira, expresse meu profundo agradecimento por todo apoio, carinho, confiança e amizade constantes.

Aos Projetos VARSUL e BDS PAMPA, professores responsáveis e bolsistas, por me autorizarem o uso das gravações de fala das cidades de Santana do Livramento e Porto Alegre.

Aos moradores da cidade de Santana do Livramento, amostra 2003-5, que serviram como informantes para essa pesquisa, agradeço pela disposição, acolhida e cooperação prestada.

À professora Eulália Bonet com a qual tive a oportunidade de aprender muito sobre fonologia e fonética. Agradeço imensamente as críticas, discussões e colaborações para com o meu trabalho durante meu estágio na UAB.

À professora Teresa Cabré que muito me ensinou em suas aulas no Máster e na Graduação em Língua Catalã.

À *Universitat Autònoma de Barcelona* e ao *Departament de Filologia Catalana* por deixarem à minha disposição sala de estudo e todo o material que necessitei durante o período que estive na UAB.

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS.....	v
LISTA DE QUADROS.....	vi
LISTA DE TABELAS.....	vii
LISTA DE SÍMBOLOS E CONVENÇÕES.....	x
RESUMO.....	xi
ABSTRACT.....	xii
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	7
2.1. Fonologia Prosódica.....	7
2.1.1. A natureza dos clíticos.....	17
2.1.2. Discussões sobre o status prosódico dos clíticos.....	22
2.1.2.1. Peperkamp (1997).....	22
2.1.2.2. Vigário (2001).....	31
2.1.2.3. Bisol (2005).....	41
2.2. Fonologia Lexical.....	44
3. ANÁLISE VARIACIONISTA.....	53
3.1. Teoria da Variação.....	53
3.2. Metodologia.....	56
3.2.1. Sujeitos.....	56
3.2.2. Apresentação dos Bancos de Dados.....	57
3.2.2.1. Banco de Dados BDS PAMPA.....	57
3.2.2.2. Banco de Dados VARSUL.....	59
3.2.3. Formas de transcrição e codificação dos dados da pesquisa.....	60

3.2.4. Amostras da pesquisa.....	61
3.2.5. Definição das variáveis.....	62
3.2.5.1. Variável dependente.....	62
3.2.5.2. Variáveis independentes.....	63
3.2.5.2.1. Variáveis independentes lingüísticas.....	63
3.2.5.2.1.1. Tipo de clítico.....	63
3.2.5.2.1.2. Vogal do clítico	64
3.2.5.2.1.3. Contexto seguinte.....	64
3.2.5.2.1.3.1. Onset da sílaba seguinte ao clítico.....	64
3.2.5.2.1.3.2. Vogal da sílaba da palavra seguinte.....	65
3.2.5.2.1.3.3. Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro.....	66
3.2.5.2.1.3.4. Tipo de junção.....	67
3.2.5.2.1.3.5. Posição do clítico.....	68
3.2.5.2.1.3.6. Presença ou ausência da vogal alta no hospedeiro.....	68
3.2.5.2.2. Variáveis independentes extralingüísticas.....	69
3.2.5.2.2.1. Gênero.....	69
3.2.5.2.2.2. Faixa etária.....	71
3.2.5.2.2.3. Escolaridade.....	73
3.2.5.2.2.4. Informante.....	74
3.2.6. As cidades pesquisadas.....	76
3.2.6.1. Porto Alegre.....	76
3.2.6.2. Santana do Livramento.....	77
3.2.7. Descrição do Pacote VARBRUL 2S.....	79
3.3. Discussão dos resultados.....	84
3.3.1. Seleção de variáveis pelo VARBRUL.....	85
3.3.1.1. Descrição da amostra de Porto Alegre (1990).....	87
3.3.1.1.1. Variáveis selecionadas pelo Pacote VARBRUL 2S.....	90
3.3.1.1.1.1. Escolaridade.....	91
3.3.1.1.1.2. Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro.....	92
3.3.1.1.1.3. Vogal da sílaba da palavra seguinte.....	93

3.3.1.1.1.4. Tipo de junção.....	95
3.3.1.1.1.5. Tipo de clítico.....	96
3.3.1.2. Descrição da amostra de Santana do Livramento (1978).....	97
3.3.1.2.1. Variáveis selecionadas pelo Pacote VARBRUL 2S.....	99
3.3.1.2.1.1. Tipo de junção.....	100
3.3.1.2.1.2. Vogal da sílaba da palavra seguinte.....	101
3.3.1.2.1.3. Gênero.....	102
3.3.1.2.1.4. Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro.....	103
3.3.1.3. Descrição da amostra de Santana do Livramento (2003-5).....	104
3.3.1.3.1. Variáveis selecionadas pelo Pacote VARBRUL 2S.....	107
3.3.1.3.1.1. Tipo de junção.....	108
3.3.1.3.1.2. Presença ou ausência da vogal alta no verbo.....	109
3.3.1.3.1.3. Tipo de clítico.....	110
3.3.1.3.1.4. Vogal da sílaba da palavra seguinte.....	111
3.3.1.3.1.5. Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro.....	113
3.3.1.3.1.6. Escolaridade.....	114
3.3.1.3.1.7. Faixa etária.....	115
3.3.1.3.1.8. Gênero.....	116
3.3.1.3.2. Cruzamento de variáveis extralingüísticas.....	117
3.3.1.4. Síntese dos resultados das amostras da pesquisa.....	119
3.3.1.4.1. Amostra de Porto Alegre (1990).....	119
3.3.1.4.2. Amostra de Santana do Livramento (1978).....	120
3.3.1.4.3. Amostra de Santana do Livramento (2003-5).....	121
3.3.1.4.4. Resultados mais relevantes relativos às amostras da presente pesquisa.....	122
3.3.1.4.5. Conclusão.....	124
4. REFLEXÕES SOBRE A PROSODIZAÇÃO DOS CLÍTICOS.....	127
4.1. Os sistemas vocálicos do Português Brasileiro e do Português Europeu	127
4.1.1. O sistema vocálico do Português Brasileiro.....	127
4.1.2. O sistema vocálico do Português Europeu.....	131
4.2. Os clíticos do Português.....	133
4.3. O grupo clítico e as regras fonológicas.....	135

4.3.1. O acento.....	135
4.3.2. A neutralização da postônica final.....	136
4.3.3. A nasalização.....	138
4.3.4. A sonorização da fricativa coronal.....	140
4.3.5. A palatalização de /t/ e /d/.....	141
4.3.6. A harmonização vocálica.....	142
4.3.7. Regras de sândi.....	143
4.3.7.1. Ditongação.....	144
4.3.7.2. Degeminação.....	145
4.3.7.3. Elisão de /a/.....	145
4.3.7.4. Elisão de /e/.....	147
4.3.7.4.1. Português Brasileiro.....	147
4.3.7.4.2. Português Europeu.....	148
4.3.8. Considerações gerais.....	150
4.4. Tamanho da palavra fonológica.....	150
4.5. A estrutura prosódica da seqüência 'clítico+hospedeiro' e 'hospedeiro+clítico' no Português Brasileiro	151
4.5.1. Prosodização de proclíticos e enclíticos.....	152
4.6. Conclusão.....	155
5. CONCLUSÃO.....	158
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	162
ANEXOS	
Curriculum Vitae	

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Índice geral de aplicação da elevação vocálica.....	88
Gráfico 2: Posição do clítico.....	90
Gráfico 3: Índice geral de aplicação da elevação vocálica.....	98
Gráfico 4: Posição do clítico.....	99
Gráfico 5: Índice geral de aplicação da elevação vocálica.....	104
Gráfico 6: Posição do clítico.....	106
Gráfico 7: Cruzamento das variáveis extralingüísticas 'Faixa etária' e 'Escolaridade'.....	117
Gráfico 8: Cruzamento das variáveis extralingüísticas 'Gênero' e 'Escolaridade'.....	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Testes fonológicos.....	19
Quadro 2: Testes que usam similaridades entre clíticos e afixos flexionais..	20
Quadro 3: Esquema geral das variáveis relativas às vogais médias /e/ e /o/ de clíticos pronominais nas três amostras.....	75
Quadro 4: Síntese do funcionamento do Programa VARBRUL.....	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição das ocorrências dos clíticos pronominais em cada amostra.....	84
Tabela 2: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Porto Alegre, segundo a variável ‘Escolaridade’.....	91
Tabela 3: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Porto Alegre, segundo a variável ‘Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro’.....	92
Tabela 4: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Porto Alegre, segundo a variável ‘Vogal da sílaba da palavra seguinte’.....	93
Tabela 5: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Porto Alegre, segundo a variável ‘Tipo de juntura’.....	95
Tabela 6: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Porto Alegre, segundo a variável ‘Tipo de clítico’.....	96
Tabela 7: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (1978), segundo a variável ‘Tipo de juntura’.....	100

Tabela 8: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (1978), segundo a variável ‘Vogal da sílaba da palavra seguinte’	101
Tabela 9: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (1978), segundo a variável ‘Gênero’	102
Tabela 10: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (1978), segundo a variável ‘Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro’	103
Tabela 11: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável ‘Tipo de junção’	108
Tabela 12: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável ‘Presença ou ausência da vogal alta no hospedeiro’	109
Tabela 13: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável ‘Tipo de clítico’	110
Tabela 14: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável ‘Vogal da sílaba da palavra seguinte’	111
Tabela 15: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável ‘Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro’	113
Tabela 16: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável ‘Escolaridade’	114

Tabela 17: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável 'Faixa etária'.....	115
Tabela 18: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável 'Gênero'.....	116
Tabela 19: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), com cruzamento das variáveis extralingüísticas 'Faixa etária' e 'Escolaridade'.....	117
Tabela 20: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), com cruzamento das variáveis extralingüísticas, 'Gênero' e 'Escolaridade'.....	118

LISTA DE SÍMBOLOS E CONVENÇÕES

σ	-	SÍLABA
Σ	-	PÉ
ω	-	PALAVRA FONOLÓGICA
C	-	GRUPO CLÍTICO
ϕ	-	FRASE FONOLÓGICA
I	-	FRASE ENTONACIONAL
U	-	ENUNCIADO
FL	-	FONOLOGIA LEXICAL
FP	-	FONOLOGIA PROSÓDICA
PB	-	PORTUGUÊS BRASILEIRO
PE	-	PORTUGUÊS EUROPEU

RESUMO

A presente pesquisa constitui-se em um estudo sobre o status prosódico dos clíticos pronominais ‘-me’, ‘-te’, ‘-se’, ‘-lhe(s)’, ‘-o(s)’, ‘-nos’, ‘-lo(s)’ do Português Brasileiro, tomando como base a análise do comportamento da regra de elevação das vogais /e/ e /o/ desses elementos em dados de fala de Porto Alegre e Santana do Livramento.

A análise é realizada sob a perspectiva da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 1986) e da Fonologia Lexical (Kiparsky, 1985; Mohanan, 1986), as quais se complementam, como também da Teoria da Variação (Labov, 1972, 1982, 1994).

Com esse suporte teórico, além de verificarmos o status prosódico dos clíticos pronominais do Português Brasileiro, também estabelecemos uma comparação com os clíticos do Português Europeu. Tal comparação fundamentou-se na hipótese de que a integração dos clíticos pronominais com o seu hospedeiro nesses dialetos pode dar-se de maneira diferente.

Além disso, a pesquisa inclui uma análise estatística da regra de elevação vocálica dos clíticos, o que, além de contribuir para o estudo em questão, também apresenta um caráter descritivo do Português Brasileiro.

ABSTRACT

This dissertation presents a study on the prosodic status of the pronominal clitics ‘-me’, ‘-te’, ‘-se’, ‘-lhe(s)’, ‘-o(s)’, ‘-nos’, ‘-lo(s)’ in Brazilian Portuguese, as we consider the raising rule applied to their vowels /e/ and /o/ in the cities of Porto Alegre and Santana do Livramento.

The analysis was carried out based on Prosodic Phonology (Nespor e Vogel, 1986) and Lexical Phonology (Kiparsky, 1985; Mohanan, 1986), which are complementary, as well as on Variation Theory (Labov, 1972, 1982, 1994).

Departing from this theoretical background, besides investigating the prosodic status of pronominal clitics in Brazilian Portuguese, we also compare them with the clitics in European Portuguese. This comparison is based on the hypothesis that the integration of the pronominal clitics to their host in these two dialects can occur in a different fashion.

Furthermore, the study presents a statistical analysis of the raising rule applied to the vowel of clitics, which, besides contributing to the development of this study, plays an important role in the description of Brazilian Portuguese.

1. INTRODUÇÃO

A presente tese é uma análise do status prosódico dos clíticos pronominais ‘-me’, ‘-te’, ‘-se’, ‘-lhe(s)’, ‘-o(s)’, ‘-nos’, ‘-lo(s)’ do Português Brasileiro (PB). A base empírica que a pesquisa toma para a abordagem de tal foco de estudo é a análise do comportamento da regra de elevação das vogais /e/ e /o/ desses elementos em duas variedades de fala existentes no Estado do Rio Grande do Sul: a metropolitana e a variante fronteiriça com país de fala espanhola. Tal recorte de variedades lingüísticas tem motivação em resultados de pesquisas já realizadas que apontam para a elevação variável de vogais em comunidades gaúchas.

No sistema do Português Brasileiro, as vogais médias são as que estão mais sujeitas à aplicação de processos fonológicos, particularmente em posição átona.

Os estudos de Bisol (1981), Callou, Leite & Coutinho (1991), Bortoni, Gomes, Malvar & Alves (1991), Vieira (1994, 1997, 2002), Amaral (1996), Battisti (1994), Schwindt (1995), Amaral (2000), Carniato (2000) são referência na questão do comportamento das vogais médias em sílabas átonas. Embora existam numerosas discussões já apresentadas sobre o funcionamento das vogais médias do PB, até o momento apenas a pesquisa de Brisolara (2004)

investigou especificamente o comportamento dessas vogais em clíticos pronominais.

O presente estudo utiliza dados de Santana do Livramento, região que faz fronteira com o Uruguai, em diferentes épocas: uma amostra coletada em 1978 e uma amostra coletada em 2003-5, além de utilizar dados de uma terceira amostra, a da cidade de Porto Alegre – região metropolitana.

A opção por investigar a regra de elevação de vogais átonas de clíticos pronominais em uma variedade fronteiriça deve-se ao fato de, na língua espanhola, as vogais médias altas não se converterem em vogais altas em posição final. Por essa razão, confrontamos uma variedade fronteiriça com uma não fronteiriça, a fim de verificar o comportamento das vogais dos clíticos com respeito à preservação das médias. Com esse encaminhamento, além da busca de subsídios para a verificação do status prosódico dos clíticos, foi possível também revelar se essa regra apresenta um estágio de variação estável ou um processo de mudança em andamento, contribuindo, assim, para a descrição do português falado em região de fronteira e oferecendo elemento para discussões a respeito de mudança lingüística. A análise desses dados, com a fundamentação teórica proposta para a pesquisa, foi efetivamente capaz de dar suporte à discussão sobre o status prosódico dos clíticos.

De acordo com Labov (1972, p.3), *não se pode compreender o desenvolvimento de uma mudança lingüística separadamente da vida da comunidade em que ocorre, pois há pressões sociais que operam sobre a língua*. Utilizando dados de fala de uma comunidade próxima à fronteira, investigamos que pressões estão modificando ou não o comportamento lingüístico da comunidade.

No tocante à prosodização dos clíticos, o aspecto importante a ser aqui destacado é o fato de haver divergências a respeito da inclusão do grupo clítico na hierarquia prosódica proposta segundo Nespor e Vogel (1986). De acordo com Selkirk (1981, 1982, 1984), Vigário (1999, 2001) e Peperkamp (1997) entre outros, esse não é um constituinte da hierarquia prosódica. Diante de propostas antagônicas, é prudente investigarmos mais detalhadamente o comportamento dos clíticos, procurando as propriedades que esses elementos deixam em evidência.

Inserida no quadro teórico da Fonologia Prosódica, Fonologia Lexical e Teoria da Variação, esta pesquisa tem como objetivo geral discutir o status prosódico dos clíticos pronominais '-me', '-te', '-se', '-lhe(s)', '-o(s)', '-nos', '-lo(s)' do Português Brasileiro falado em Porto Alegre e em Santana do Livramento, tendo por referência a regra de elevação das vogais /e/ e /o/ aplicada a esses elementos.

Os objetivos específicos deste estudo são:

- Discutir o status prosódico do grupo clítico, com base nos dados analisados neste trabalho e no funcionamento do PB.
- Discutir a relação entre o clítico pronominal e o verbo a que se liga prosodicamente.
- Descrever e discutir o processo de redução vocálica em clíticos pronominais nas cidades de Porto Alegre e Santana do Livramento.

- Verificar se a redução vocálica em clíticos é um indicativo de diferenças entre variedades lingüísticas.
- Realizar análise do processo de elevação vocálica em dados coletados na cidade de Santana do Livramento, em 1978 e em 2003-5, a fim de verificar fatos relativos à mudança lingüística.
- Investigar os fatores lingüísticos e fatores extralingüísticos que influenciam na elevação das vogais dos clíticos.
- Comparar o Português Brasileiro com o Português Europeu com respeito aos clíticos com vistas a buscar evidências que justifiquem as interpretações.
- Contribuir para a descrição do Português Brasileiro.

Esses objetivos foram formulados a partir das seguintes hipóteses:

- O grupo clítico é uma palavra fonológica em nível pós-lexical.
- A redução vocálica em clíticos traz evidências para seu status prosódico.
- A redução vocálica em clíticos pode ser um indicativo de diferenças dialetais ou de variedades lingüísticas.
- A redução vocálica é um processo generalizado na variedade de fala de Porto Alegre, não sendo muito freqüente em Santana do Livramento, por influência do espanhol.
- A regra de elevação de vogais átonas de clíticos tem maior aplicação nos dados de Santana do Livramento do período 2003-5 comparado à

amostra coletada em 1978, o que pode estar indicando um processo de mudança em curso.

- Há diferenças entre o comportamento dos clíticos no Português Brasileiro e no Português Europeu, as quais estão na dependência das regras aplicadas às vogais que os integram.

A presente pesquisa está estruturada em cinco capítulos. No primeiro, apresentamos o tema desta tese, os objetivos e hipóteses do trabalho, bem como a exposição da divisão de cada capítulo.

O segundo capítulo apresenta uma revisão a respeito da literatura sobre o tema, buscando distinguir clíticos de outros elementos, bem como enfatizando a discussão sobre o status prosódico dos clíticos no português e em outras línguas.

O terceiro capítulo apresenta os fundamentos da Teoria da Variação, descreve a metodologia aplicada a esta pesquisa, caracterizando os sujeitos da investigação, os bancos de dados de onde foram coletadas as amostras de fala, a forma de transcrição e codificação, as amostras da pesquisa, a seleção das variáveis e o sistema VARBRUL, bem como apresenta os resultados estatísticos, em termos de percentuais e pesos relativos, fornecidos pelo pacote VARBRUL 2S, relativos à elevação variável das vogais médias dos clíticos pronominais.

O quarto capítulo apresenta uma análise dos clíticos do Português Brasileiro, estabelecendo comparação com os clíticos do Português Europeu. Neste capítulo, investigamos o status prosódico da seqüência

‘clítico+hospedeiro’ e ‘hospedeiro+clítico’ no PB. Logo, apresentamos nossa proposta de estrutura prosódica do grupo clítico, com base em evidências oriundas de processos fonológicos que envolvem os clíticos.

O quinto capítulo apresenta a conclusão do nosso trabalho em que fazemos uma retomada das principais idéias contidas nesta tese, dando ênfase à análise estatística e à análise fonológica encontradas nos capítulos 3 e 4. Finalmente, seguem-se as referências bibliográficas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, faremos uma retomada de estudos sobre os clíticos, realizados por Nespor e Vogel (1986), Peperkamp (1997), Vigário (2001) e Bisol (2005). Apresentamos, também, os fundamentos da Fonologia Lexical, os quais servirão de base para a análise fonológica sobre o comportamento dos clíticos pronominais no PB.

2.1 Fonologia Prosódica

Conforme Nespor e Vogel (1986), a estrutura prosódica constitui um subsistema do componente fonológico da gramática que interage com outros componentes da gramática.

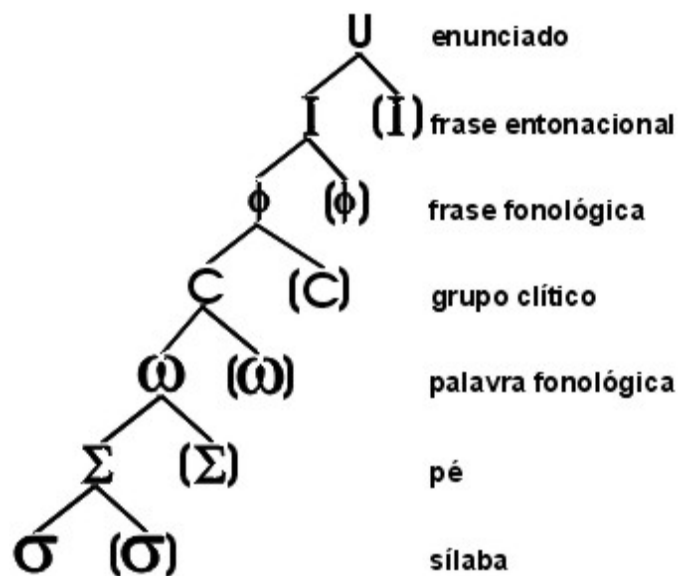
De acordo com essa proposta teórica, os constituintes prosódicos estão organizados de forma hierarquizada e correspondem a domínios de aplicação de regras fonológicas.

Para Câmara Jr. (1991, p.83), 'constituintes' são definidos como elementos que constituem uma forma lingüística complexa, os quais são apreendidos pela análise, que só cessa quando se chega aos constituintes imediatos, isto é, que se

articulam sem intermediários. Os constituintes apresentam uma relação do tipo dominante/dominado, ou seja, um elemento forte e um fraco.

A hierarquia prosódica, proposta por Nespor e Vogel (1986), é composta por sete unidades e pode ser representada, segundo Bisol (1999a), pelo diagrama arbóreo em (1):

(1)



Os princípios que regulam a hierarquia prosódica são os seguintes (Nespor; Vogel, 1986, p.7). Os dois primeiros constituem o que se denomina Hipótese da Camada Estrita.

Princípio 1. Uma dada unidade não terminal da hierarquia prosódica, x^p , é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, x^{p-1} .

Princípio 2. Uma unidade de um dado nível da hierarquia está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior da qual ela é parte.

Princípio 3. As estruturas hierárquicas da Fonologia Prosódica ramificam-se encaixadamente.

Princípio 4. A relação de proeminência relativa definida entre nós irmãos é tal que a um só nó é atribuído o valor forte (s) e a todos os outros nós é atribuído o valor fraco (w).

A formação de cada constituinte está explicitada em (2), em que x^p representa um constituinte (por exemplo, pé, palavra fonológica, grupo clítico etc) e x^{p-1} indica o constituinte imediatamente inferior a x^p .

(2) Construção do constituinte prosódico

Agrupe em uma categoria x^p ramificada enearicamente todos os x^{p-1} incluídos em uma cadeia delimitada por uma definição do domínio de x^p .
(Nespor; Vogel, 1986, p.7)

Na proposta de Nespor e Vogel, o menor constituinte prosódico é a sílaba; entretanto, não significa que a sílaba não possa ser dividida em unidades menores. As autoras excluem, da hierarquia prosódica, ataques, rimas silábicas e segmentos, em virtude de essas unidades não estarem organizadas de acordo com os princípios que regem as demais unidades. Um exemplo da não obediência a esses princípios refere-se ao fato de uma sílaba não poder ser constituída de um ou mais ataques ou de uma ou mais rimas. Nespor e Vogel afirmam que o ataque e a rima têm um papel importante na fonologia; entretanto, não é possível que sejam considerados constituintes da hierarquia prosódica, porque, na visão das autoras, esses elementos não servem como domínio de aplicação de regras fonológicas. Nespor e Vogel citam Van der Hulst (1984) ao referirem que há autores que consideram que as sílabas dominam moras em vez de ataques e rimas; entretanto, as autoras não

incluem as moras na estrutura prosódica, pois, para elas, as moras não são unidades válidas como domínio de aplicação de regras fonológicas.

Abaixo caracterizamos cada um dos constituintes prosódicos.

Sílaba (σ): é o constituinte de nível mais baixo na escala prosódica, que se constitui de Ataque (A), Núcleo (Nu) e Coda (Co). A sílaba, assim como todos os constituintes da escala prosódica, apresenta ramificação n-ária. Segundo Nespor e Vogel (1986), este constituinte é o menor domínio de aplicação de regras fonológicas.

Segundo Nespor e Vogel (1986), a regra de glotalização do inglês é um exemplo da sílaba como um constituinte prosódico. Nesta regra, um 't' seguido de um segmento [-consonantal] é glotalizado, quando este 't' *a) está em posição final absoluta, b) é seguido de uma consoante que não seja r no interior de uma palavra (fonológica), e c) é seguido por uma consoante ou um glide em uma palavra adjacente* (op. cit, p.77). Exemplo:

(3)

- a. wait → [wai[tʰ]]_σ 'esperar'
- b. giant → [gi]_σ [antʰ]]_σ 'gigante'
- c. atlas → [a[tʰ]]_σ [las]_σ 'atlas'
- d. wait patiently → [wai[tʰ]]_σ [pa]_σ 'esperar pacientemente'
- e. wait wearily → [wai[tʰ]]_σ [wea]_σ 'esperar aborrecido'

(NESPOR; VOGEL, 1986, p.77)

Pé (Σ): o pé métrico é uma unidade constituída de uma seqüência de sílabas, uma forte e outras fracas. Segundo Nespor e Vogel (1986), os pés, bem como todos os constituintes da árvore prosódica, são estruturas de ramificação n-ária. Como exemplo de regra que tem como domínio o pé, é apresentada a aspiração em inglês, a qual atua nas oclusivas /p/, /t/ e /k/:

(4)

time	→	[t ^h]ime	[time] Σ	‘tempo’
detain	→	de[t ^h]ain	[de] Σ [tain] Σ	‘deter’
entire	→	en[t ^h]ire	[en] Σ [tire] Σ	‘completo’

(NESPOR; VOGEL, 1986, p.90-1)

Em (4), observamos que a regra de aspiração de /t/ ocorre quando este segmento aparece na borda esquerda do pé; contudo, se /t/ não for o primeiro segmento do pé métrico, ou seja, se estiver localizado após /s/ ou uma ou mais sílabas o precederem, a aspiração não se aplica, conforme podemos observar em (5).

(5)

sting	→	*s[t ^h]ing	[sting] Σ	‘picada, mordida (de inseto)’
hospital	→	*hospi[t ^h]al	[hospital] Σ	‘hospital’
after	→	*af[t ^h]er	[after] Σ	‘depois’

(NESPOR; VOGEL, 1986, p.90-1)

Palavra fonológica (ω): a palavra fonológica é uma unidade constituída de pés e é caracterizada pela presença do acento primário. Por exemplo, a regra de Sonorização de s Intervocálico (Ssl), do italiano padrão do norte, aplica-se no interior de palavras (6a), porém nunca entre palavras, como vemos em (6b).

(6)

Sonorização de s Intervocálico (Ssl)

a. a[z]ola		'Oxalá'
a[z]ilo		'jardim de infância'
b. la [s]irena	*la [z]irena	' a sereia, a sirene'
hanno [s]eminato	*hanno [z]eminato	'hão semeado'

(NESPOR; VOGEL, 1986, p.125)

Essa regra não se aplica entre uma palavra e um elemento enclítico, ou proclítico (exemplo, telefonati[s]i *telefonati[z]i), portanto seu domínio é a palavra.

Grupo clítico (C): o grupo clítico é definido como uma unidade prosódica composta de uma palavra de conteúdo e um ou mais clíticos. Cabe destacar que os clíticos são problemáticos em virtude de sua natureza híbrida, pois apresentam um comportamento parecido ao de uma palavra independente, mas, ao contrário desta, precisam apoiar-se sintática e fonologicamente. Os clíticos não portam acento, o que os difere de palavras fonológicas. Discussões mais detalhadas sobre esse constituinte serão exploradas no decorrer deste capítulo.

Para Nespor e Vogel (1986), os clíticos são uma categoria independente e formam, com o seu hospedeiro, um grupo clítico. Vejamos a seguir o domínio e a construção de C, de acordo com Nespor e Vogel (1986, p.154-5).

Formação do grupo clítico

I. Domínio de C

O domínio de C consiste em uma ω que contém uma palavra independente (isto é, não clítica) mais quaisquer ω adjacentes que incluam:

- a. um CLD (clítico direcional)
- b. um CL (clítico) tal que não seja possível um hospedeiro com o qual o clítico compartilhe mais membros categoriais.

II. Construção de C

Reúna em um C de ramificação n-ária todos as ω s incluídas em uma seqüência delimitada pela definição do domínio de C.

Segundo as autoras, um exemplo de regra cujo grupo clítico é necessário é a elisão de 't', no Catalão, em que se apaga o [t] no encontro consonantal [nt] em posição final de palavra (7a); entretanto, essa regra é bloqueada quando [t] é seguido por uma ω dentro de C (7b). Verifiquemos, em (7), a aplicação da referida regra de elisão.

(7)

a. [fèn]_C [əʃɔ']_C (< [fènt]) 'fazendo isto'

b. [[purtànt]_ω [u]_ω]_C (<*[purtàn u]) 'trazendo-o'

(NESPOR; VOGEL, 1986, p. 162)

Frase fonológica (ϕ): é um constituinte formado por um ou mais grupos clíticos. Para Nespor e Vogel (1986, p.168), a ϕ é caracterizada considerando-se seu domínio, sua construção e sua proeminência relativa, conforme apresentamos a seguir.

Formação da Frase Fonológica

I. Domínio da ϕ

O domínio da ϕ consiste em um C que contém um cabeça lexical (X) e todos os Cs no seu lado não recursivo até chegar ao C que contém outro cabeça lexical localizado fora da projeção máxima de X^2 .

II. Construção da ϕ

Reúna em uma ϕ de ramificação n-ária todos os Cs incluídos em uma seqüência delimitada pela definição do domínio de ϕ .

III. Proeminência Relativa da ϕ

Em línguas cujas árvores sintáticas são ramificadas à direita, o nó mais à direita da ϕ é classificado como **s** (strong); em línguas cujas árvores sintáticas são ramificadas à esquerda, o nó mais à esquerda da ϕ é classificado como **s**. Todos os nós irmãos de **s** são classificados como **w** (weak).

(NESPOR; VOGEL, 1986, p. 168)

A retração de acento – uma regra do italiano setentrional padrão – tem como domínio de aplicação o constituinte ‘frase fonológica’. De acordo com Nespor e Vogel (1986), essa regra faz com que, em uma seqüência de duas palavras fonológicas, a primeira com acento primário na última sílaba e a segunda acentuada na primeira sílaba, o acento da primeira palavra se desloque para a esquerda (8a), evitando-se, assim, o choque de acentos primários.

(8)

- a. metá tórta → méta tórta
- b. ònoró Búdda → ónoro Búdda

(NESPOR; VOGEL, 1986, 174)

Em (8b), constatamos que o acento secundário é apagado, dando lugar ao primário, que se desloca de sua posição, com o objetivo de evitar o choque de acentos.

Frase entonacional (I): é definida como um conjunto formado de uma ou mais frases fonológicas com uma entonação identificável. Uma frase entonacional é constituída de frases fonológicas, cujo final coincide com a posição em que uma pausa pode ser introduzida. A frase entonacional é constituída de uma ou mais frases fonológicas.

A assimilação de nasais no espanhol tem como domínio a frase entonacional. De acordo com essa regra, a nasal assimila o ponto de articulação da obstruinte seguinte, em um contexto entre palavras e também no interior de um vocábulo. Saliemos que o diacrítico ‘_’ representa a assimilação da nasal; entretanto, ‘+’ indica a não aplicação da referida regra. Vejamos, em (9), exemplos:

(9)

- a. [i Teníã diez cãnguros en un parque muy cerca de aquí] i
- b. [i Un grañ balcón] i [i como sabẽ] i [i puede ofrecer mucho placer] i

(NESPOR; VOGEL, 1986, p.211)

Em (9a), a regra não apenas se aplica entre palavras, como verificamos em 'tenían diez', mas também dentro de palavra, como observamos em 'canguros'. Já em (9b) verificamos que a regra não se aplica entre palavras que pertencem a frases entonacionais diferentes.

As autoras salientam que esta regra depende de fatores como comprimento de uma dada seqüência, velocidade e estilo de fala; em virtude disso, a assimilação da nasal no espanhol pode ser aplicada de maneira distinta a um mesmo tipo de constituinte se não apresentarem o mesmo comprimento.

Enunciado(U): é o constituinte mais alto da hierarquia prosódica. Um enunciado é formado de uma ou mais frases entonacionais. Este constituinte é identificado pela pausa ou pelos limites sintáticos. A proeminência desse constituinte localiza-se sempre mais à direita.

A regra de assimilação de sonoridade em um grupo de obstruintes do Sânscrito é uma regra que tem como domínio de aplicação o enunciado fonológico. De acordo com essa regra, *em uma seqüência de duas obstruintes, a sonoridade da primeira obstruinte é determinada pela sonoridade da segunda* (op. cit, p.229). Cabe destacar que essa regra só é bloqueada quando há casos de pausas. Vejamos em (10) exemplos da regra de assimilação de sonoridade no Sânscrito.

(10)

ad + si → atsi 'tu tiras'

ap – jah → ab – jah 'tu comes'

(NESPOR; VOGEL, 1986, p.230)

Na seção seguinte, apresentamos estudos que tratam da natureza dos clíticos.

2.1.1. A natureza dos clíticos

A natureza dos clíticos tem sido tema de muitas discussões nos últimos tempos. Do ponto de vista fonológico, os clíticos são considerados formas dependentes¹, em função de não serem candidatos a portar acento, precisando apoiar-se em um elemento que seja tônico. Os pronomes clíticos partilham com outras unidades lexicais, como preposições e artigos, a propriedade de serem átonos e, por isso, dependem de itens lexicais com acentuação própria, usualmente designados como seus hospedeiros.

Sob o ponto de vista sintático, os clíticos são morfemas que funcionam como palavras, mas que não aparecem como palavras fonológicas independentes; de fato, são sempre ligados à palavra seguinte ou precedente.

Câmara Jr. (1970, p.63-4), referindo-se aos clíticos pronominais do português, afirma que:

as chamadas partículas átonas não têm status de vocábulo fonológico. Se proclíticas, isto é, associadas a um vocábulo seguinte, elas valem como sílabas pretônicas desse vocábulo (...); e, se enclíticas, isto é, associadas a

¹ Câmara Jr. (1970) estabelece a categoria 'formas dependentes', complementando a classificação de Bloomfield (1933, p.160), relativa a 'formas livres' e 'formas presas'. Para Câmara Jr., 'formas dependentes' são formas que não são livres, em razão de não poderem ocorrer isoladamente, e também não são 'formas presas', pois podem disjuntir-se da forma livre a que estão ligadas: por um lado, pode haver uma ou mais formas entre a forma dependente e a forma livre (exemplo, *a grande, promissora e excelente lei*, op. cit, p.70); por outro lado, no caso dos pronomes átonos que funcionam junto ao verbo, há a possibilidade de mudarem de posição em relação à forma livre a que estão ligados, o que não é permitido a uma forma presa (exemplo, *se fala e fala-se*, op. cit, p.70).

um vocábulo precedente, nada mais são que a sílaba postônica última desse vocábulo(...)

Os clíticos, para o autor, constituem sílabas de um vocábulo. Segundo Câmara Jr, a união de dois vocábulos mórficos, como é o caso do clítico com o hospedeiro, é denominada 'locução'. No caso de 'fala-se' ou 'se fala', há uma locução formada por uma forma livre e uma forma dependente.

Segundo Mascaró (2002, p.470), clíticos são elementos que, por suas propriedades, se encontram entre a palavra e o morfema. Um clítico *normalmente é formado por um morfema ou por um conjunto de morfemas, é átono e apresenta-se ligado a uma outra palavra.*

De acordo com o autor, o caráter átono do clítico pode ser deduzido da pronúncia e também do fato de que, em muitos casos, clíticos são assilábicos, ou seja, não formam nenhuma sílaba e, por isso, não podem receber acento.

Dos estudos que tratam da relação entre clíticos e palavras, devemos destacar o de Zwicky (1985), que estabelece testes para distinguir essas categorias.

Para Zwicky (1985, p.286), os clíticos² *formam uma unidade fonológica com uma palavra independente*, entretanto, conforme destaca, palavras não clíticas também podem formar unidades com a palavra adjacente. A diferença entre 'clítico + palavra' e 'palavra + palavra' está no domínio, ou seja, esses elementos clíticos ou não clíticos formam com a palavra seguinte ou uma palavra fonológica ou uma frase fonológica.

O autor estabelece alguns testes para distinguir clíticos de palavras independentes. Interessam-nos neste estudo os 'testes fonológicos', 'teste acentual' e 'testes que usam similaridades entre clíticos e afixos flexionais'.

² Zwicky (1985) analisa clíticos do Alemão, Chrau, Hidatsa, Welsh e Inglês.

O presente estudo não tem o objetivo de testar a proposta de Zwicky (1985); contudo, esses testes são aqui mencionados, porque alguns deles serão importantes para a análise do status prosódico dos clíticos pronominais do PB.

Primeiramente, apresentamos os testes fonológicos, que são divididos em três tipos: 'sândi interno/sândi externo', 'domínio da palavra/sintagma na Fonologia Prosódica' e 'domínio da palavra/sintagma na Fonologia Segmental'. Apresentamos no Quadro 1 as diferenças entre clíticos e palavras independentes com relação aos testes mencionados.

Quadro 1: Testes Fonológicos

	Clíticos	Palavras Independentes
Sândi interno/sândi externo	condicionados por regras de sândi interno	condicionados por regras de sândi externo
Domínio da palavra/sintagma na Fonologia Prosódica	pertencem a uma palavra fonológica	pertencem a uma frase fonológica
Domínio da palavra/sintagma na Fonologia Segmental	pertencem à palavra fonológica com relação a regras fonológicas que afetam traços segmentais	pertencem à frase fonológica com relação a regras fonológicas que afetam traços segmentais

Com relação aos três testes referidos no Quadro 1, queremos destacar o teste de sândi interno/externo, pois, os clíticos do PB apresentam um comportamento diferente do mencionado por Zwicky. De acordo com Bisol (1999), é a partir da seqüência 'clítico+hospedeiro' que se manifestam regras de sândi externo. A regra de elisão da vogal *a* é um exemplo da aplicação deste tipo de sândi, uma vez que a elisão não se aplica no interior de um vocábulo, mas se aplica ao grupo clítico, bem como à frase fonológica.

O teste acentual, outro tipo de teste apresentado por Zwicky (1985), prediz que elementos que portam acento são palavras independentes, enquanto elementos dependentes acentualmente são clíticos.

Com relação a este teste, os pronomes átonos do PB comportam-se como clíticos, em virtude de não portarem acento, diferindo-se de palavras independentes.

Os testes que usam similaridades entre clíticos e afixos flexionais são divididos em seis tipos: 'ligação', 'fechamento', 'construção', 'ordenamento', 'distribuição' e 'complexidade'. Esses testes são apresentados no Quadro 2.

Quadro 2: Testes que usam similaridades entre clíticos e afixos flexionais

	Clíticos	Palavras Independentes
Ligação	apresentam dependência	aparecem de forma isolada
Fechamento	estão mais próximos de combinações de afixação	não fecham as palavras para posterior afixação
Construção	são combinados tanto com raízes quanto com palavras plenas	são combinados a frases de múltiplas palavras
Ordenamento	são ordenados com respeito ao morfema adjacente	exibem ordem livre com respeito a palavras adjacentes
Distribuição	há princípios simples que regem sua distribuição	apresentam distribuição complexa
Complexidade	normalmente são simples morfológicamente	apresentam complexidade morfológica

O autor apresenta, por fim, um 'teste de meta-consideração', o qual indica que, na falta de evidências claras para classificar um elemento como um clítico, uma palavra ou um afixo, deve-se optar primeiramente por classificá-lo como uma palavra, em segundo lugar, como um afixo flexional, e, em última instância, como um clítico, uma vez que clíticos são mais marcados que palavras e afixos flexionais.

Para Zwicky (1985), em se tratando de diferenciar clíticos de palavras independentes, clíticos assemelham-se mais a afixos do que a palavras, uma vez que são prosodicamente dependentes, formam unidades com palavras vizinhas e, não podendo ocorrer isoladamente, tendem a combinar-se com palavras simples, além de não apresentarem complexidade morfológica. Essas características também são averiguadas nos pronomes átonos do PB; entretanto, conforme verificaremos no decorrer deste estudo, os clíticos do português apresentam algumas características que os diferenciam de afixos.

Diferentemente de Zwicky, para Vigário (2001), os clíticos não se assemelham a afixos. A autora apresenta alguns argumentos em defesa da natureza não-afixal dos clíticos pronominais. Dentre os argumentos apresentados por Vigário, estão os seguintes: a) os clíticos não afetam a mudança do acento; b) clíticos não se submetem a algumas regras às quais são aplicadas a afixos; c) clíticos são manipulados por operações sintáticas³.

Como se pode observar, não há um consenso em relação à natureza dos clíticos. Autores como Zwicky (1985) acreditam em sua natureza afixal; entretanto, Vigário (2001) argumenta que clíticos diferem de afixos em muitos aspectos, o que será apresentado no decorrer deste capítulo. Cabe salientar, porém, que os estudos de Câmara Jr. (1970), Zwicky (1985), Vigário (2001) e Mascaró (2002) assemelham-se no sentido de não considerarem clíticos como palavras prosódicas independentes.

³ Para maiores detalhes sobre o trabalho de Vigário (2001) e a diferenciação entre 'clíticos' e 'afixos', ver seção 2.1.2.2.

Na seção seguinte apresentamos diferentes visões acerca do status dos clínicos.

2.1.2. Discussões sobre o status prosódico dos clínicos

Há muitos estudos que discutem a existência do grupo clínico (C) como um constituinte prosódico. Apresentamos a seguir os estudos de Peperkamp (1997), Vigário (2001), Bisol (2005). Todos os trabalhos serão importantes para nosso estudo, uma vez que analisam a relação do clínico com seu hospedeiro e o tamanho do domínio do constituinte prosódico em que o clínico se insere.

2.1.2.1. Peperkamp (1997)

De acordo com Peperkamp (1997), há fortes razões para que o grupo clínico não integre a escala prosódica. A primeira delas diz respeito à assimetria existente entre proclíticos e enclíticos no inglês, no alemão e no italiano, diante de determinadas regras.

Conforme destaca a autora, Hayes (1989) apresenta duas regras do inglês que evidenciam a existência de C. Uma delas é o apagamento de /v/, que ocorre se /v/ está no final de palavra e a palavra seguinte inicia por consoante, sendo que os dois elementos formam uma seqüência 'clínico-hospedeiro' ou 'hospedeiro-clínico'. Esta é uma regra de fala rápida que só apaga o /v/ final de alguns itens lexicais antes de uma palavra com uma (semi)consoante inicial dentro de um mesmo C. Vejamos, em (11), exemplos:

- (11) a. a piece of pie a piece [ə paɪ]
 b. leave me alone [limi] alone
 c. leave Mary alone *[limæjɪ] alone

(PEPERKAMP, 1997, p. 159)

Para Peperkamp (1997), essa regra pode ser explicada sem postular a existência do grupo clítico. Primeiramente, é importante fazer distinção entre próclise e ênclise, pois, em casos de próclise, o apagamento de /v/ também ocorre diante de palavras que começam por vogal, como (12) exemplifica.

- (12) a. he should have eaten he [ʃʊdəɪj rən]
 b. lot of apples a [lɔrəæpəlz]

(PEPERKAMP, 1997, p.159)

A autora chama a atenção para o fato de que somente as formas reduzidas de 'of' e 'have' submetem-se ao apagamento em casos de próclise. Para Peperkamp (1997), esses casos podem ser definidos lexicalmente como alomorfismo frasal, isto é, os clíticos 'of' e 'have' são marcados por terem um /v/ sem alomorfe que é inserido opcionalmente diante de outra palavra, independentemente de ser iniciada por vogal ou consoante. Com isso, a autora propõe que o alomorfismo frasal tem como domínio a frase fonológica, não sendo necessária uma explicação com base no grupo clítico. Nos casos de ênclise, o apagamento ocorre somente em 'leave', 'give', 'forgive' e com alguns outros poucos verbos diante de formas reduzidas de 'me' e

'them', mas é necessário que a segunda palavra inicie por consoante. Para a autora, não existe uma regra que apaga determinadas formas diante de próclise e ênclise; neste caso, há alomorfes registrados no léxico.

A outra regra mostrada por Hayes (1989) como evidência da necessidade de C na hierarquia prosódica é a regra de palatalização de /s/ e /z/ diante de [ʃ,ʒ]. Essa regra é aplicada em fala normal, conforme verificamos em (13).

- (13) a. próclise I could only see his shadow [ʃʃ]
 b. ênclise Kelly hasn't seen us, has she? [ʒʃ]

(PEPERKAMP, 1997, p.160)

Esse fenômeno, segundo Hayes (1989), é muito freqüente, mas não é obrigatório; pode ocorrer também entre palavras não clíticas, em situações de fala rápida ou descuidada. Para o autor, a palatalização é aplicada opcionalmente por falantes nativos de inglês americano, em fala normal entre palavras não clíticas (14a) e também entre um clítico e uma palavra seguinte que não seu hospedeiro (14b).

- (14) a. the cookies should be ready by now [ʃʃ]
 b. he told us shocking stories [ʃʃ]

(PEPERKAMP, 1997, p.160)

Peperkamp explica que se deveria fazer distinção entre próclise e ênclise, isto é, com a primeira, a regra seria opcional, com a segunda, a regra seria obrigatória. Um forte argumento de Peperkamp (1997) é o fato de que uma abordagem que necessita de C tem de apresentar uma simetria entre próclise e ênclise. Como a palatalização apresenta comportamento assimétrico entre próclise e ênclise, a autora sugere que esta é uma regra opcional que tem como domínio a frase entonacional.

Peperkamp refere que, para Nespor e Vogel (1986), a regra de apagamento da nasal no Grego ateniense evidencia a necessidade de C. Nesta regra, a nasal final de um clítico é apagada obrigatoriamente diante de um hospedeiro que inicie por fricativa. Essa regra é aplicada em clíticos pronominais (15a) e em artigos (15b); entretanto, entre palavras não clíticas, não há apagamento de nasal (15c), como vemos em (15).

- (15) a. /tin vlepo/ [tivlepo] '(I) see her'
 b. /tin θea/ [tiθea] 'the view_{ACC}'
 c. /prin fao/ *[prifao] 'before (I) eat'

(PEPERKAMP, 1997, p.163)

Para Nespor e Vogel (1986), essa é uma regra de juntura de C; entretanto, a regra falha ao não ser aplicada a artigos genitivos plurais e nomes genitivos plurais⁴, como em (16).

⁴ O clítico genitivo plural não acaba em vogal nasal.

- (16) a. /ton θeon/ *[toθeon] ‘of the gods’
 b. /ton peðion su/ *[tonpeðiosu] ‘of your children’

(PEPERKAMP, 1997, p.163)

Em (16b), não há o apagamento da nasal. O fato é que não se sabe se a não aplicação da regra se deve às diferenças entre próclise e ênclise, uma vez que o apagamento não ocorre na ênclise. Além disso, a nasal também é apagada em interior de palavra, sendo, neste caso, opcional, como podemos ver em (17).

- (17) /anθropos/ [aθropos] / [anθropos] ‘human being’

(PEPERKAMP, 1997, p.164)

Nespor e Vogel (1986) afirmam que o fato de uma regra ser opcional em um domínio menor e obrigatória em um domínio maior contradiz o princípio geral da fonologia prosódica, que pressupõe a aplicação de regras obrigatoriamente em um domínio menor e opcionalmente em um domínio maior. Para Peperkamp (1997), esta regra não precisa fazer referência a C, se considerarmos este fato como alomorfismo, ou seja, neste caso, há alomorfes sem o ‘n’ final para artigos e clíticos pronominais. O artigo plural, então, carece de um alomorfe. Isso explica o fato de que o ‘n’ final de um nome plural genitivo não é apagado.

De acordo com a ‘Hipótese da Camada Estrita (HCE)’, cada constituinte deve dominar a unidade imediatamente mais baixa na escala prosódica. No caso dos clíticos, ao se unirem ao hospedeiro ω no C formam palavras prosódicas independentes; entretanto, clíticos não portam acento e por isso não podem aparecer isoladamente em uma frase. De acordo com Peperkamp, clíticos

normalmente escapam à exigência mínima imposta a ω s em muitas línguas. Isto quer dizer que *se palavras prosódicas dominam pés e pés devem ser ramificados, palavras prosódicas deveriam conter pelo menos duas sílabas ou duas moras, dependendo de a língua ter pés silábicos ou moraicos* (op. cit, p.168). Diferentemente de palavras lexicais, clíticos podem ser menores que um pé e, por isso, não portam acento. No inglês, palavras lexicais constituem minimamente um pé bimoraico, já palavras funcionais são monomoraicos. Esses dados sugerem que clíticos não formam palavras prosódicas independentes, uma vez que não obedecem às exigências para constituírem ω s.

Outra razão para não considerar os clíticos como ω s diz respeito às restrições fonotáticas relativas a palavras. Ao clítico é permitida a violação dessas restrições. Por exemplo, no holandês, ω s têm, pelo menos, uma vogal plena e começam com um outro segmento que não o schwa. A maioria dos clíticos tem schwa como única vogal (18a) e há também clíticos que são formados apenas por uma consoante (18b). Além disso, vários clíticos começam por schwa (18c).

- (18) a. een [ən]
 het [ət]
 b. het [t]
 ik [k]
 c. mijn [mən]
 daar [dər]

(PEPERKAMP, 1997, p.169)

A não obediência a restrições fonotáticas por parte dos clíticos pode ser tomada como evidência de os clíticos não formarem ω s. Os clíticos poderiam ser considerados sílabas vazias que se unem ao seu hospedeiro ω num C, mas isto violaria a Hipótese da Camada Estrita.

Outro problema com a inclusão de C na escala prosódica diz respeito à questão da universalidade, uma vez que, em línguas como o Português Europeu, os clíticos têm como hospedeiros palavras fonológicas, mas, no Hausa⁵, os clíticos têm como hospedeiros frases fonológicas, e, no Bantu, frases entonacionais. Dessa forma, a localização do clítico na escala prosódica é problemática, uma vez que, em algumas línguas, deveria estar entre ω e a ϕ , em outras, entre a ϕ e a I e, em outras, entre I e U. De acordo com Peperkamp, se levarmos em consideração a questão da universalidade da hierarquia prosódica, não poderemos considerar o grupo clítico como um constituinte prosódico.

Peperkamp (1997) também analisa dados de três dialetos falados na Itália: Napolitano, Lucaniano e Italiano Padrão. Nesses dialetos, o acento principal na palavra cai em uma das três últimas sílabas. Ênclise tem diferentes efeitos quanto à atribuição do acento em cada uma dessas línguas.

No Napolitano, um clítico simples não muda o padrão de acento, mas se há dois enclíticos, surge um acento adicional no primeiro deles (19a). Já no Lucaniano, o acento cai na penúltima sílaba da seqüência encliticizada, independente do número de clíticos, (19b). No Italiano padrão, ênclise não interage com a atribuição do acento, (19c).

⁵ Hausa e Bantu são línguas faladas na Nigéria. Para maiores informações, ver www.ethnologue.com

(19) a. Napolitano

cóna cónala cónatilla

b. Lucaniano

vínne vønnilla vinnemilla

c. Italiano Padrão

pórta pórtami pórtamelo

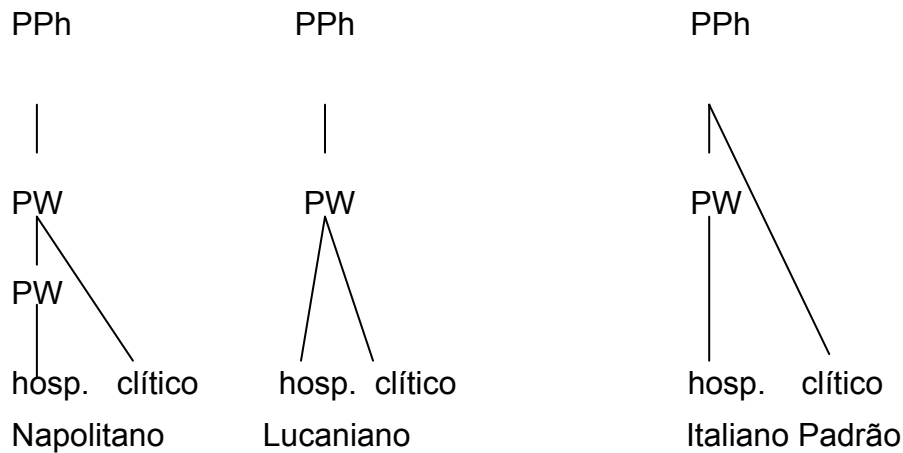
(PEPERKAMP, 1997, p. 177)

Para Peperkamp, esta variação nesses três dilatos decorre da incorporação dos clíticos na estrutura prosódica. O comportamento distinto do acento, nessas línguas, deve-se a diferentes representações. Em uma abordagem que considere C como constituinte prosódico, não pode haver representações distintas; além disso, não existem princípios que justifiquem a variação do acento.

Para a autora, nesses três dialetos, enclíticos⁶ são incorporados pós-lexicalmente na estrutura prosódica de uma das três maneiras mostradas em (20).

⁶ Com relação à posição proclítica, a autora afirma que no Napolitano, proclíticos podem ter a mesma representação que enclíticos; no entanto, não há evidências empíricas que levem à conclusão de que proclíticos se adjungem à palavra prosódica, como ocorre com enclíticos. Já no Lucaniano, proclíticos não são incorporados à palavra, mas podem ser a ela adjungidos ou, ainda, incorporados à frase, mas esta questão fica em aberto. Por fim, segundo Peperkamp, o Italiano padrão apresenta a mesma estrutura prosódica para proclíticos e enclíticos.

(20) a. adjunção à PW b. incorporação à PW c. Incorporação à PPh



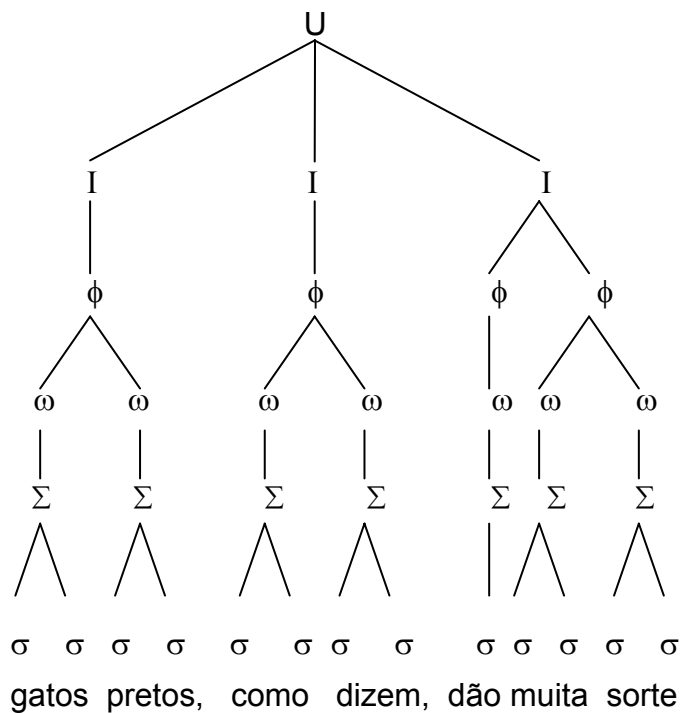
(PEPERKAMP, 1997, p.177)

Nessa proposta, a existência de C não é necessária por duas razões. Em primeiro lugar, porque clíticos não constituem por si só ω ; segundo, as representações em (20a) e (20b) desobedecem a um princípio fundamental da teoria prosódica: a Hipótese da Camada Estrita, visto que apresentam recursividade e salto de níveis.

Em síntese, Peperkamp (1997) argumenta contra a existência do constituinte prosódico 'grupo clítico' na hierarquia prosódica, porque considera que, ao reanalisar argumentos apresentados em favor de C, pode verificar que essas justificativas não são convincentes. Além disso, uma abordagem que conceba C como um constituinte prosódico não explica as assimetrias existentes entre próclise e ênclise; e, por último, o grupo clítico falha na interação do acento e ênclise. Para Peperkamp (1997), os clíticos são unidos prosodicamente aos seus hospedeiros por adjunção ou incorporação. Neste último caso, podem ser incorporados à ω ou à ϕ . A união por adjunção se dá, segundo a autora, quando o clítico é visível às regras; já na incorporação, o clítico é invisível às regras.

2.1.2.2.Vigário (2001)

Para Vigário (2001), assim como para Inkelas (1990), Zec & Inkelas (1991), Selkirk (1996), Kleinhenz (1996), Peperkamp (1997), Hall (1999), e muitos outros, o grupo clítico não ocupa espaço na hierarquia prosódica que assim se delinea.



(VIGÁRIO, 2001, p.7)

Vigário apresenta vários argumentos contra a existência do grupo clítico. Cita Inkelas (1990), que diz que a maioria dos casos apresentados como evidência da existência do grupo clítico podem ser reinterpretados, desde que se distingam palavras prosódicas lexicais de palavras prosódicas pós-lexicais (que pode incluir os clíticos). Além disso, a definição de grupo clítico proposta por Nespor e Vogel (1986) pressupõe, em função de Hipótese da Camada Estrita, que clíticos formam palavras

prosódicas independentes, entretanto os clíticos apresentam deficiências prosódicas e carecem de propriedades que caracterizam uma palavra prosódica independente.

A autora afirma que os clíticos devem estar ligados a outros itens que sejam estruturas prosódicas. Para Vigário (2001), assim como para Peperkamp (1997) e outros, os hospedeiros prosódicos possíveis para os clíticos podem ser a palavra prosódica, a frase fonológica e a frase entonacional. No entanto, no Português Europeu, a palavra prosódica parece ser o hospedeiro mais freqüente.

Outro aspecto destacado por Vigário é a diferença entre clíticos e afixos, pois, enquanto estes se ligam, no nível lexical, à palavra prosódica que domina a base morfológica, os clíticos se juntam pós-lexicalmente ao seu hospedeiro prosódico.

Apesar de muitos estudos (Zwicky, 1985; Klavans, 1985, entre outros) defenderem a hipótese de que clíticos se juntam ao verbo no nível lexical devido às semelhanças de clíticos e afixos lexicais, para Vigário (2001, p.138), *a hipótese de que cliticização pronominal [no Português Europeu] é uma operação pós-lexical é empiricamente superior à hipótese de que clíticos pronominais se ligam aos seus hospedeiros no componente lexical*. A autora apresenta algumas evidências a esse respeito.

A primeira evidência refere-se ao fato de que clíticos são manipulados por operações sintáticas, ou, pelo menos, por operações não lexicais: eles precedem ou seguem o verbo, diferentemente do que ocorre com afixos lexicais, os quais aparecem à direita ou à esquerda do hospedeiro. A autora também afirma que os clíticos são distribuídos, levando-se em consideração informações frasais, isto é, *eles são pré-verbais quando precedidos dentro de um certo domínio por certos advérbios, operadores Wh, quantificadores, complementizadores e palavras negativas* (VIGÁRIO, 2001, p.142). Cabe ressaltar que a forma pronominal clítica

padrão apresentada no PE é a ênclise. Verifiquemos exemplos de ênclise e próclise em (21).

(21)

- | | |
|--------------------|---------------------------|
| a. dou-te | a'. não te dou |
| b. eles ouviram-te | b'. todos eles te ouviram |

(VIGÁRIO, 2001, p.142)

Essas informações sintagmáticas não estão disponíveis no léxico, portanto a seqüência 'clítico-verbo' deve se unir no pós-léxico.

A segunda evidência é que o clítico não se comporta como afixo. Apresentamos, a seguir, algumas regras que diferenciam esses elementos.

✓ Clíticos são insensíveis à mudança de acento. Segundo Vigário (2001), esse fato indica que clíticos pronominais não estão presentes quando o acento é aplicado à palavra. Verifiquemos os exemplos em (22).

(22)

- | | | |
|------------|--------------|-----------------|
| diz[í]amos | diz[í]amo-lo | diz[í]amo-no-lo |
|------------|--------------|-----------------|

(VIGÁRIO, 2001, p.145)

✓ Diferentemente de afixos, clíticos não servem de gatilho para a regra de inserção de glide para romper um hiato. Essa regra consiste na inserção de um glide não-posterior em ambiente intervocálico quando o primeiro é um /e/ acentuado.

(23)

- | | | |
|--------------|--------------|---------|
| a. passe[j]o | b. vê o João | c. vê-o |
| rece[j]o | vê animais | lê-o |

(VIGÁRIO, 2001, p.146)

Nos exemplos, em (23b), verificamos que a regra não se aplica se a primeira vogal está na posição final de palavra. Em (23c), o glide não é inserido, porque é seguido de uma vogal pertencente a um clítico pronominal. Os exemplos em (23c) evidenciam que esses clíticos não são unidos lexicalmente. Os exemplos em (23) mostram que essa regra tem como limite a palavra.

✓ Regras que se referem à informação morfológica (como, por exemplo, a categoria do verbo ou de afixos flexionais) são outro tipo de processos que diferenciam flexão de cliticização no PE. Uma dessas regras se refere à centralização do schwa da vogal temática de verbos de terceira conjugação (/i/), no Português Europeu. Essa regra ocorre em final de palavra seguida de clítico (24c) ou não (24a), mas não ocorre diante de afixos (24b). Essa regra indica que os clíticos pronominais não são vistos como afixos flexionais.

(24)

- a. part[i]
- b. part[i]remos
- c. part[i]-me

(VIGÁRIO, 2001, p.147)

✓ Outro processo que tem aplicação em ambientes flexionais e que mostra que os clíticos pronominais não têm status flexional é o apagamento da vogal temática quando seguida de um afixo flexional iniciado com uma vogal, conforme verificamos em (25).

(25)

a. como (<com e + o)

b. coma (<com e + a)

falo (<fal a + o)

falemos (fal a + e + mos)

(VIGÁRIO, 2001, p.148)

Em (25a), o apagamento da vogal pode ser estabelecido com afixos de pessoa/número ou com marcadores de tempo, modo e aspecto, como em (25b). Note-se que, nos exemplos em (26), o apagamento da vogal não é aplicado diante de um clítico pronominal, indicando que clíticos pronominais não são afixos flexionais.

(26)

come-o (*como)

fala-o (*falo)

come-a (*coma)

(VIGÁRIO, 2001, p.148)

✓ Clíticos pronominais aparecem após todos os sufixos flexionais, como podemos observar nos exemplos em (27).

(27)

fala-me (raiz + VT + clítico)⁷

falava-me (raiz + VT + TMA + clítico)

falávamos-te (raiz + VT + TMA + PN + clítico)

(VIGÁRIO, 2001, p.148)

Esse fenômeno é esperado se considerarmos que clíticos são ligados pós-lexicalmente a palavras plenamente flexionadas.

✓ Cliticização não se restringe ao hospedeiro com características fonológicas específicas. Essas restrições fonológicas podem ser encontradas tanto na derivação quanto na flexão. Vejamos em (28) e (29) exemplos desta evidência em dados do inglês e do português.

(28)

a. blaker

b. *eloquenter

softer

*irascibler

happier

*importanter

(VIGÁRIO, 2001, p.149)

Esses exemplos mostram a sensibilidade de afixos a propriedades fonológicas de sua base, no inglês. Os dados mostram o sufixo derivacional ‘-er’, o qual é ligado a algumas bases monossilábicas e dissilábicas, mas nunca a trissilábicas. No Português Europeu, diz a autora, os sufixos ‘-eza’ e ‘-ez’

⁷ O símbolo VT indica ‘vogal temática’; TMA, ‘sufixo de tempo, modo e aspecto’ e PN representa ‘sufixo de pessoa e número’.

comportam-se de maneira semelhante ao sufixo ‘-er’ do inglês, pois estão relacionados ao número de sílabas dos vocábulos, conforme vemos em (29).

(29)

- a. *cru*eza (raiz: *cru-*) b. *estupid*ez (raiz: *estupid-*)
 *franque*za (raiz: *franc-*)

(VIGÁRIO, 2001, p.150)

Em (29a), verificamos que ‘-eza’ tende a se ligar a bases monossilábicas e dissilábicas; no entanto, o sufixo ‘-ez’ se liga a bases com mais de três sílabas.

✓ De acordo com Vigário (2001, p.150), *os clíticos pronominais no PE se ligam a qualquer elemento com classificação V, sem exceções*. Conforme já mencionado, a autora mostra que, no PE, clíticos não se comportam como afixos. Os clíticos, de um lado, apresentam autonomia sintática, a qual não é encontrada em afixos, e, de outro, pronomes podem posicionar-se antes ou depois do verbo.

✓ Vigário atribui diferenças importantes entre proclíticos e prefixos, tais como: a) prefixos mais a base formam-se no nível lexical, enquanto a seqüência proclíticos mais hospedeiro forma-se no pós-léxico; b) proclíticos podem submeter-se à regra de redução, mas prefixos não. Vejamos em (30) exemplos que mostram as diferenças entre proclíticos e prefixos.

(30)

- a. já não **embarco** hoje [ẽ] * [ẽj]
 b. eles vão **em** barcos velhos *[ẽ]/[ẽj]

(VIGÁRIO, 1999, p.277-8)

Em (30), a autora mostra um processo de nasalidade, no qual o prefixo 'en-' é visto como um limite de morfema, não motivando a criação do ditongo não nasal, já 'em' (preposição/ conjunção) é visto como palavra independente (morfologicamente), por isso o ditongo nasal final é criado.

Em (31) verificamos um exemplo do Português Europeu dado por Vigário (1999, p. 278), referindo-se à diferença entre prefixos e proclíticos, no tocante à regra de redução vocálica.

(31)

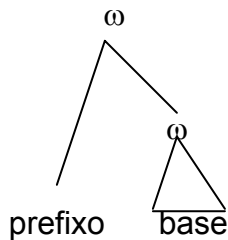
- a. reanalisar [j]/*0
 reorganizar [j]/*0
 b. de analisar [j]/0
 de organizadores [j]/0

A autora mostra que, em (31b), uma regra de redução é aplicada, enquanto, em (31a), não é aplicada. Em *de organizadores* e *de analisar*, temos um elemento proclítico, já, em 'reorganizadores' e 'reanalisar', 're-' é um prefixo, que, como já foi mencionado anteriormente, não pode sofrer a regra de redução.

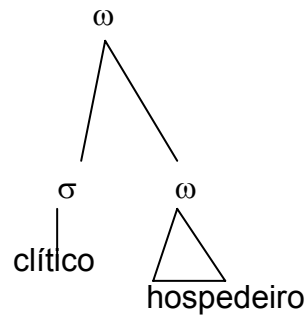
Diante dos fatos apresentados, Vigário (1999) salienta que existe uma diferença fundamental entre proclíticos e prefixos, ou seja, enquanto prefixos são adjungidos à palavra prosódica seguinte no componente lexical, proclíticos adjungem-se à palavra seguinte no componente pós-lexical. Em (32), apresentamos a prosodização de prefixos e proclíticos.

(32)

Prosodização de prefixos do PE



Prosodização de proclíticos do PE



(VIGÁRIO, 2001, p.182 e 217)

De acordo com a autora, o processo de redução é admitido somente em elementos que são independentes em alguns pontos no componente pós-lexical, mesmo sendo esses deficientes prosodicamente; este é o caso de proclíticos, mas não de prefixos.

Dentre algumas regras do PE, a regra de inserção de glide para romper um hiato é exemplificada para distinguir o comportamento de sufixos e enclíticos. Em (33), apresentamos exemplos desta regra.

(33)

a. creio	[kre'ju]	b. dê-o	[déu]
receia	[Riʃe'je]	lê-a	[léɐ]

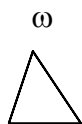
(VIGÁRIO, 2001, p.218)

Em (33a), observa-se a inserção do glide entre um /e/ acentuado e a vogal seguinte; nesses casos, a vogal seguinte é parte de um afixo. Em (33b), não há aplicação dessa regra, pois a vogal seguinte pertence a um enclítico. Segundo a autora, a regra tem aplicação dentro do domínio ω , e, como enclíticos são incorporados à ω precedente, não há inserção do glide na combinação hospedeiro mais clítico.

Vigário salienta que sufixos, assim como enclíticos, são incorporados à palavra prosódica; entretanto, apesar de esses elementos serem ambos incorporados à palavra prosódica, enclíticos e seus hospedeiros se unem no componente pós-lexical, enquanto sufixos, no componente lexical. Além disso, conforme apresentamos anteriormente, há regras que são aplicadas somente a sufixos, evidenciando um comportamento diferenciado de enclíticos. Em (34), apresentamos a prosodização de sufixos e enclíticos.

(34)

Prosodização dos sufixos do PE



base sufixo

Prosodização dos enclíticos do PE



hospedeiro clítico

(VIGÁRIO, 2001, p.177 e 205)

Em conclusão, Vigário (1999, 2001) afirma a não existência do grupo clítico na hierarquia prosódica e diz que clíticos são ligados ao hospedeiro no nível pós-lexical. Além disso, a autora afirma que proclíticos e enclíticos não se comportam da mesma maneira, revelando assimetrias, as quais foram apontadas inicialmente por Peperkamp (1997). Essas assimetrias referem-se ao fato de os proclíticos apresentarem estrutura de adjunção e os enclíticos, de incorporação ao hospedeiro. Observe-se, por fim, que Vigário considera que os clíticos não se comportam como afixos flexionais, uma vez que os clíticos não se submetem a algumas regras que têm como contexto de aplicação esses afixos.

2.1.2.3. Bisol (2005)

Bisol (2005) defende a idéia de que *o clítico é prosodizado no pós-léxico junto à palavra fonológica* (op. cit, p.164), formando um constituinte prosódico, o grupo clítico ou palavra prosódica pós-lexical. Os argumentos são os seguintes: o primeiro refere-se ao fato de que este constituinte, o grupo clítico, porta somente um acento, aspecto em que se assemelha à palavra lexical, mas da qual se diferencia por outras

características; e diferencia-se da frase fonológica, porque a ϕ pode ter mais de um acento. O segundo argumento diz respeito ao fato de o grupo clítico, no Português Brasileiro, estar sujeito somente a regras pós-lexicais. Como terceiro argumento, afirma ser o grupo clítico uma referência necessária em certas regras por seu comportamento específico e por ser o contexto de uma regra incipiente, a regra de elisão de /e/.

As regras fonológicas que envolvem a seqüência clítico e seu hospedeiro são nomeadas:

- A neutralização das átonas, considerada pós-lexical em virtude de ser uma regra variável, em muitos dialetos, converte vogais médias finais em altas, atingindo tanto palavras funcionais (o que inclui os clíticos) como palavras lexicais. Os clíticos são passíveis de neutralização da vogal final, independentemente da posição em que se encontram; por exemplo, 'ama-me', 'ama-m[i]' e 'não me ama', 'não m[i] ama'.
- A nasalização é pós-lexical, pois o sistema não possui vogais nasais puras. Por outro lado, essa nasalização não interage com a morfologia, pois tanto ocorre em 'falamos', onde a nasal é fonêmica, quanto em 'sem' ou 'em' em que não é fonêmica.
- A sonorização da fricativa coronal aplica-se dentro e fora de palavras, atingindo também os clíticos. Por exemplo, *pa[s]ta*, *pa[z]ma* (*palavra lexical*); *o[z] meninos*, *o[s]peixes* (*grupo clítico*) e *casa[z] bonitas*, *casa[s] feias* (*frase*), *idem* (op. cit, p.170).
- A palatalização de /t/ e /d/ atinge também os clíticos. É pós-lexical em virtude de criar alofones, como em '[tʃi] quero' e '[dʒi] coragem'.

- A elisão da vogal /a/, em sândi externo, é por natureza pós-lexical, pois opera entre palavras. Tem por menor domínio o grupo clítico. Essa regra não se aplica no interior de uma palavra, por exemplo, em ‘maometano’ (*mometano); entretanto, aplica-se no domínio de C, como, por exemplo, ‘para operar’, ‘paroperar’, assim como entre palavras, ‘casa escura’, ‘ca[zes]cura’.
- A elisão da vogal média [-post], de escasso uso em variedades do sul do país, é uma regra que na variedade de Porto Alegre (RS) somente se aplica no interior do grupo clítico. Exemplos: ‘de um dia pro outro’ (dum), ‘em outro dia’ (noutro), ‘de + este caso’ (deste). Segundo a autora, esta regra é ativa tanto na fala como na escrita.
- O grupo clítico é o único contexto em que a preservação da vogal média se manifesta na comunidade de fala de Porto Alegre, em que a elevação vocálica e a palatalização são regras de uso geral. Nesse caso, evita-se a palatalização ao criarem-se grupos indicativos de uma variedade de fala, como vemos em ‘cor **de** rosa’ e ‘**de** carro’, em vez de ‘cor [dʒi] rosa’ e ‘[dʒi] carro’. Bisol afirma que *tudo indica que essas expressões, que são grupos clíticos por definição, estariam sendo reanalisadas por falantes dessa comunidade como uma só palavra, valendo o clítico por sílaba pretônica incorporada à palavra, razão pela qual fica invisível à regra de elevação da átona final* (op. cit, p.178).

A autora lembra o argumento de Peperkamp (1997) com respeito à assimetria existente entre próclise e ênclise no inglês, no alemão e no italiano, que seria um indicativo da não existência deste constituinte na escala prosódica. Bisol afirma que

o Português Brasileiro apresenta simetria na aplicação da elevação da vogal média que ocorre em pronomes tanto em posição proclítica quanto enclítica, o que toma como indício favorável à hipótese de que o clítico é anexado ao hospedeiro para formar um constituinte.

Em conclusão, a autora destaca que os clíticos são insensíveis a regras fonológicas lexicais, sendo somente sujeitos a processos fonológicos pós-lexicais, nível em que as informações morfológicas não estão presentes. Por essa razão, para Bisol (2005), clíticos unem-se ao hospedeiro no componente pós-lexical, formando uma palavra fonológica pós-lexical que, assim como a palavra fonológica lexical, porta apenas um acento.

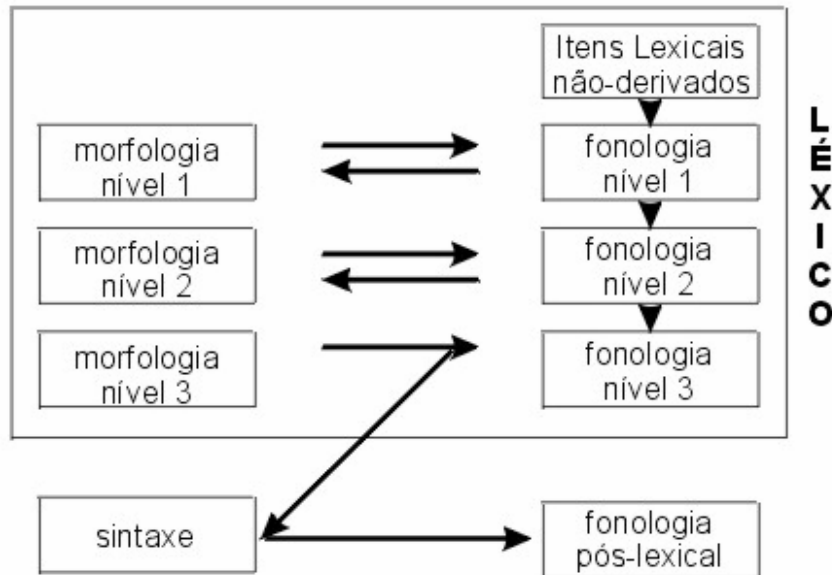
Nesta seção, apresentamos algumas discussões sobre a existência do grupo clítico como um constituinte prosódico, bem como estudos sobre a prosodização do clítico. Na seção seguinte, apresentamos os fundamentos da Fonologia Lexical, os quais servirão para a discussão sobre o status lexical da seqüência 'clítico+hospedeiro'.

2.2. Fonologia Lexical

A Fonologia Lexical (FL) estuda a relação existente entre a morfologia e a fonologia, através da integração de regras morfológicas e fonológicas. Desenvolvida inicialmente por Kiparsky (1982, 1985) e Mohanan (1986), propõe que a língua está organizada em uma série de níveis ou estratos, os quais são domínios para regras morfológicas e fonológicas. Em cada estrato são aplicadas regras morfológicas e regras fonológicas.

A proposta inicial de Kiparsky (1982, p.4), prevê que o léxico do inglês está estruturado como vemos em (35).

(35)



A idéia fundamental dessa estrutura é de que há uma relação cíclica entre componentes morfológicos e fonológicos, isto é, regras morfológicas podem ser aplicadas sobre o *output* de regras fonológicas e vice-versa, sendo que o *output* do último estrato alimenta a sintaxe. Por fim, a partir daí, outras regras fonológicas podem aplicar-se aos vocábulos no componente pós-lexical.

Nessa perspectiva, há regras fonológicas lexicais e regras fonológicas pós-lexicais. As regras lexicais aplicam-se no léxico. As regras pós-lexicais são aplicadas após o término das regras lexicais, sobre a sintaxe, e não interagem com a morfologia.

De acordo com Gussenhoven & Jacobs (1998, p119), as propriedades que distinguem as regras lexicais das pós-lexicais são as seguintes:

REGRAS LEXICAIS

- a. podem referir-se a categorias morfológicas;
- b. podem ter exceções;
- c. preservam estruturas;
- d. são sensíveis à intuição do falante nativo;
- e. não podem aplicar-se sobre o limite da palavra;
- f. devem preceder todas as regras pós-lexicais.

REGRAS PÓS-LEXICAIS

- a. não podem referir-se a categorias morfológicas;
- b. não podem ter exceções;
- c. não necessitam preservar estruturas;
- d. não são sensíveis à intuição do falante nativo;
- e. podem aplicar-se entre palavras;
- f. devem seguir todas as regras lexicais.

Além disso, regras pós-lexicais apresentam variabilidade, diferentemente de regras lexicais, que têm aplicação obrigatória.

A Fonologia Lexical apresenta princípios para determinar como e onde uma regra lexical ou pós-lexical é aplicada, são eles: Convenção de Apagamento de Colchetes (Bracket Erasure Convention), Elsewhere Condition, Princípio da Preservação da Estrutura e Condição de Ciclo Estrito (Strict Cycle Condition).

Convenção de Apagamento de Colchetes (Bracket Erasure Convention)

O domínio de uma regra é representado por colchetes. Esse princípio indica que os colchetes serão apagados ao final de cada estrato, ou seja, os colchetes desaparecem ao se passar de um estrato para outro. No nível pós-lexical, eles não estão mais disponíveis, uma vez que os limites morfológicos são eliminados. Cabe lembrar que os colchetes demarcam a estrutura morfológica.

(36)

Nível X [[[[[xɔz]a]i]ŋ]ə]

Nível Y [xɔziŋə]

Elsewhere Condition

De acordo com Gussenhoven e Jacobs (1998, p. 95), Elsewhere Condition é um princípio que governa a aplicação de regras em geral, e tem sido aplicada tanto na morfologia como na fonologia. Segundo esse princípio, quando há duas regras possíveis de serem aplicadas a um mesmo contexto, a regra mais específica tem prioridade sobre a mais geral. Assim, não é um princípio que governa a ordem de aplicação de regras, mas a aplicação em si mesma, no sentido de que somente uma das duas regras terá sua aplicação permitida.

Elsewhere Condition tem a seguinte formulação:

Regras A e B, no mesmo contexto, aplicam-se disjuntivamente a uma forma θ se e somente se

- a) a descrição estrutural de A (a regra especial) inclui adequadamente a descrição estrutural de B (a regra geral);
- b) o resultado da aplicação de A sobre θ é distinto do resultado da aplicação de B sobre θ .

Nesse caso, A aplica-se primeiro e, se tiver efeito, então B não se aplica.

(KIPARSKY, 1982a, p.8)

Harris (1974) exemplifica o princípio de Elsewhere Condition através das regras de ‘harmonia vocálica’ e ‘abaixamento do verbo’ na língua portuguesa, como vemos em (37).

(37) 1^a p. sing. ind.

/mov + e + o/

a. Regra de harmonia	mov e o
b. Regra de truncamento	mov \emptyset o
c. Regra de acento	móvo
d. Regra de abaixamento	n.a.
	m[ó]vo

(HARRIS, 1974, p.76)

A regra de abaixamento não se aplica em (37), em virtude de ser menos restrita⁸ que a regra de harmonia, porque atinge a última vogal não alta da raiz e uma pequena classe de vogais altas, aplicando-se somente a formas acentuadas. Como se pode ver em (37a), a regra de harmonia é aplicada, por ser um fenômeno mais restrito, por isso tem prioridade. Ambas as regras produzem resultados distintos, ou seja, a regra de harmonia atribui o traço [-baixo] à vogal da raiz; já a regra de abaixamento atribui o traço [+baixo]. Cabe destacar que, nos contextos em que harmonia não tem aplicação, abaixamento opera.

Princípio de Preservação de Estrutura

O Princípio de Preservação de Estrutura proíbe a aplicação de regras das quais resultarão formas proibidas no sistema lingüístico. Esse princípio atua no componente lexical, mas não no pós-léxico. No Português Brasileiro, a regra de síncope da vogal, como em 'medicina' [me'ðsinə], desobedece a esse princípio, pois cria uma africada não palatal, a qual não integra o sistema fonológico do PB. Como a regra de síncope é uma regra pós-lexical no PB, não há problemas em criar formas inexistentes na fonologia da língua.

⁸ A regra de abaixamento é menos restrita do que a regra de harmonia, em virtude de atingir a última vogal não alta da raiz e uma pequena classe de vogais altas. Exemplo: /mov+e/ → m[ɔ]vê.

Condição de Ciclo Estrito (Strict Cycle Condition)

Esse princípio estabelece que uma regra cíclica só pode ser aplicada a uma estrutura derivada. Estrutura derivada é aquela que resulta da aplicação de uma regra morfológica ou fonológica.

Um exemplo da obediência a esse princípio é a regra de encurtamento trissilábico, segundo Kiparsky (1982a). Através desta regra, uma vogal longa torna-se curta quando seguida por pelo menos duas sílabas, das quais a primeira é átona, conforme verificamos nos seguintes exemplos:

(38)

opāque → opăcity

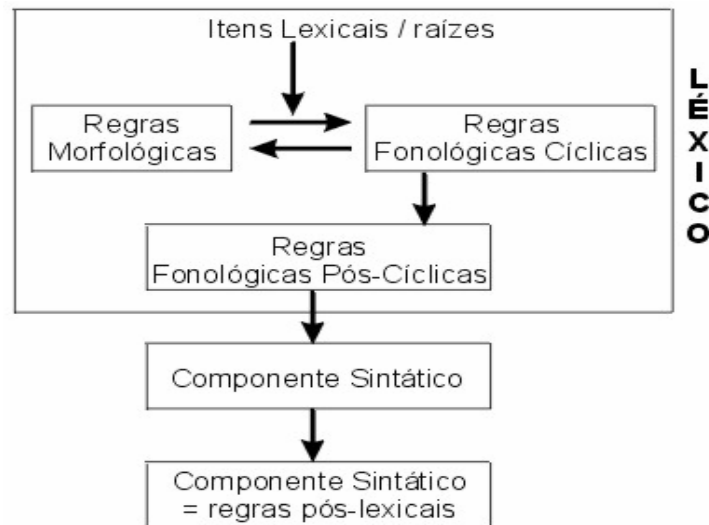
declāre → declarătive

(KIPARSKY, 1982a, p.35)

A regra é bloqueada em palavras como 'nightingale' e 'stevedore' (op. cit, p.35), em razão do caráter não derivado.

Booij & Rubach (1984) apresentam um modelo de estrutura do léxico diferente do proposto por Kiparsky (1982a). Neste modelo, há três tipos de regras: regras lexicais cíclicas, regras lexicais pós-cíclicas e regras pós-lexicais. O modelo de estrutura do léxico, segundo Booij e Rubach (1984, p.3), é mostrado em (39):

(39)



Segundo essa representação, primeiramente são aplicadas regras cíclicas; terminada a aplicação dessas regras, serão aplicadas as regras pós-cíclicas e, então, a palavra estará formada. A partir daí, as regras pós-lexicais serão aplicadas.

As regras cíclicas interagem diretamente com as regras morfológicas e se reaplicam após cada processo de formação de palavra, sempre que haja contexto para a regra, enquanto as regras pós-cíclicas não interagem com a morfologia. As regras pós-lexicais não interagem com a morfologia e são aplicadas após a derivação das sentenças pelo componente sintático.

Em Kiparsky (1985) e Wetzels (1992), dentre outros, o léxico está dividido em dois níveis: o nível da raiz, ou nível 1, e o nível da palavra, ou nível 2. No nível da raiz, há interação entre morfologia e fonologia, já no nível da palavra, toda a morfologia se aplica antes da fonologia. Após a aplicação das regras lexicais de nível 1 e nível 2, a sentença é derivada pelo componente sintático, podendo-se aplicar regras fonológicas pós-lexicais. Esta é a concepção de léxico por nós assumida neste estudo.

Apresentamos, neste capítulo, os fundamentos teóricos da Fonologia Prosódica e Fonologia Lexical, bem como discussões a respeito da existência do grupo clítico na hierarquia prosódica, em que nossa análise se assenta.

3. ANÁLISE VARIACIONISTA

Este capítulo é dividido em três grandes seções: na seção 3.1, tratamos da concepção de língua, sob o ponto de vista dos estudos variacionistas. Na seção 3.2, apresentamos a metodologia desta pesquisa, descrevendo os sujeitos da pesquisa, os bancos de dados dos quais foram extraídos os dados, a forma de transcrição e codificação, as amostras da pesquisa, a seleção das variáveis e o sistema VARBRUL. Por fim, na seção 3.3, apresentamos os resultados estatísticos e os comentamos.

3.1. Teoria da Variação

A Teoria da Variação ou Sociolingüística Quantitativa – modelo proposto inicialmente por William Labov, na década de 60 – tem como objeto de estudo a língua falada e sua evolução no contexto social, ou seja, em situações reais de uso. Esse modelo teórico-metodológico preocupa-se em descrever o sistema (morfológico, fonológico e sintático) de uma língua e entender o seu funcionamento⁹, localizando esse estudo em uma comunidade de fala ou em mais de uma.

⁹ Cabe salientar que o termo ‘sociolingüística’ às vezes é usado para referir-se a estudos que analisam modalidades de uso de línguas e dialetos dentro de uma determinada cultura, os

Segundo Labov (1994, p.41), *a linguagem é concebida como um instrumento de comunicação empregado por uma comunidade de fala, um sistema comumente aceito de associações entre formas arbitrárias e seus significados*. A linguagem não é entendida como uma propriedade do indivíduo, mas da comunidade.

O termo 'comunidade de fala' é usado por Labov para referir-se a uma comunidade formada por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas e que seguem as mesmas normas relativas ao uso da língua.

A Teoria da Variação trata da heterogeneidade das línguas. Essa heterogeneidade lingüística é proveniente das diferentes formas como se relacionam estrutura social com estrutura lingüística. A variação, entretanto, não é aleatória, muito pelo contrário, ela é sistemática e ordenada (Weinreich, Labov & Herzog, 1968). Os elementos que determinam a variação podem ser de caráter lingüístico (dizem respeito à própria estrutura da língua) ou social (dizem respeito à origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, gênero, etc).

Segundo Monteiro (2000, p.57),

a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana e, sendo assim, dado o tipo de atividade que é a comunicação lingüística, seria a ausência da variação no sistema o que necessitaria ser explicitado.(...) As estruturas variantes, muito mais do que as invariantes, revelam padrões de regularidades que, de tão sistemáticos, não podem ser devidos ao acaso.

eventos de fala, o receptor, o tema, o canal, etc; entretanto, segundo Labov (1972), o termo mais apropriado para esse tipo de estudo é 'etnografia da fala' ou 'etnografia da comunicação', termos propostos por Hymes (1962). A sociolingüística de Labov diferencia-se da etnografia da comunicação, uma vez que se ocupa apenas do estudo do sistema em seus aspectos lingüísticos, enquanto os estudos de Hymes focam a estrutura social.

A língua apresenta formas alternativas para comunicar uma mesma informação. Essas formas são denominadas 'variantes'. Existem, na língua, condições ou regras categóricas que obrigam que o falante use formas específicas, mas há também condições ou regras variáveis que favorecem ou inibem o uso de uma ou outra forma variável em dado contexto. Isso pressupõe que há variantes que podem estar em competição, isto é, ora ocorre uma, ora ocorre outra.

Dessa forma, o estudo permite verificar se a variação lingüística se resolve, no sentido da escolha de uma variante específica, ocorrendo a mudança lingüística, ou se as variantes se mantêm em uso na comunidade, caracterizando um fenômeno de variação estável.

De acordo com Naro (1992, p.17), o pressuposto básico do estudo da variação é de que ela não é aleatória, por isso é papel do sociolinguísta descrever e analisar com detalhes as variantes concorrentes e levantar os contextos favorecedores de uma ou outra variante, além de prever o seu comportamento sistemático e regular.

A língua não está sujeita somente à variação, mas também a mudanças. Segundo Monteiro (2000, p.119), *a mudança é condição natural da língua, mas alguns grupos sociais evitam ou tentam suprimir a inovação. A motivação do conservadorismo lingüístico é a mesma que a do conservadorismo político: uma posição favorável à manutenção do status quo existente.*

Para Labov (1994), variação e mudança estão intimamente ligadas e mudança implica variação, mas o contrário nem sempre é verdadeiro. As variações e as mudanças, em uma determinada língua, num momento específico da história, em um grupo de falantes, podem ser diferentes em

relação a outros grupos, assim, também, dentro de um mesmo grupo pode haver diferenças. Essas diferenças devem-se a muitos fatores, tais como região, classe social, escolarização, faixa etária, sexo, dentre outros.

Ao estudar o processo de mudança, temos de levar em conta três momentos. Primeiro, precisamos determinar o início da variação, em que ainda não ocorreu a mudança, mas há o emprego de formas novas numa comunidade de fala. Em segundo lugar, precisamos determinar a sua expansão, isto é, momento em que grande parte da comunidade passa a empregar essa forma e, por último, precisamos determinar o momento em que a variação desaparece, eliminando as formas concorrentes e em que uma forma se fixa.

3.2. Metodologia

3.2. 1. Sujeitos

Para a realização deste estudo, foram ouvidas 14 entrevistas de moradores de Santana do Livramento, retiradas da amostra de Bisol (1978), 22 entrevistas de Santana do Livramento, amostra 2003 a 2005, cedidas pelo Projeto Banco de Dados Sociolingüísticos da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense (BDS PAMPA), um projeto em parceria com a Universidade Católica de Pelotas e Universidade Federal de Pelotas, e 22 entrevistas de Porto Alegre, fornecidas pelo Projeto Banco de Dados de Variação Lingüística Urbana do Sul do Brasil (VARISUL), amostra 1990, sediado nas seguintes universidades: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Paraná e Universidade Federal de Santa Catarina. As entrevistas analisadas das três amostras totalizam 58 gravações.

Para a constituição dessas amostras, foram respeitadas algumas exigências com relação aos entrevistados, a saber:

- serem nativos e monolíngües os informantes das capitais;
- os informantes de regiões fronteiriças poderiam ser bilíngües (português/espanhol);
- não terem morado fora da região por mais de um ano no período de aquisição da língua materna (2 a 12 anos); e
- serem filhos de brasileiros natos.

Além de preencherem esses requisitos, os entrevistados deveriam estar enquadrados em algumas características sociais: gênero (masculino ou feminino), idade e escolaridade (divisões a serem apresentadas em cada amostra).

3.2.2. Apresentação dos Bancos de Dados

3.2.2.1. Banco de Dados BDS PAMPA

O Banco de Dados Sociolinguístico da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense (BDS PAMPA) teve início em 1998 e tem o objetivo de armazenar dados do português falado na região da campanha e na fronteira

sul-rio-grandense. Este projeto vem sendo desenvolvido pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Este banco de dados contém gravações de dados de fala *in natura* e tem como amostra dados lingüísticos de moradores de cidades situadas até 200km da linha fronteira sul-rio-grandense com o Uruguai e com a Argentina. Listamos, a seguir, os municípios alvo deste banco de dados:

Litoral: Chuí, Santa Vitória do Palmar, Rio Grande, Pelotas, Tavares, Jaguarão e Arroio Grande.

Serra do Sudeste: Piratini, Encruzilhada do Sul, Aceguá e Bagé.

Pampa: Santana do Livramento, Rosário do Sul, São Vicente do Sul, Quaraí, Alegrete, São Francisco de Assis, Barra do Quaraí, Uruguiana, Itaqui e São Borja.

Grande parte destes dados já foram gravados. Terminadas estas coletas, haverá gravações de cidades do Noroeste do Estado, a saber: São Luiz Gonzaga, Porto Lucena, Santo Ângelo, Santa Rosa, Palmeira das Missões, Três Passos, Tenente Portela e Três de Maio.

Cada cidade contém 24 entrevistas, com exceção apenas de Pelotas, que contém 48, devido ao número relativamente maior de habitantes. Além das coletas de dados, o BDS PAMPA também tem armazenadas fichas sociais dos indivíduos, transcrições ortográficas de todas as gravações e todos os dados estão gravados em CD ROM.

Como já referimos, os sujeitos que constituem a amostra de cada cidade são 24. Esse número deve-se à combinação de fatores sociais definidos pelo BDS PAMPA, isto é, faixa etária (16 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais), gênero (masculino e feminino) e escolarização (escolaridade 1 –

indivíduos que tenham estudado, no máximo, até a quinta série do Ensino Fundamental, e escolaridade 2 – indivíduos que estejam cursando a partir do 1º ano do Ensino Médio). Para esta análise, foram consideradas 22 entrevistas.

3.2.2.2. Banco de Dados VARSUL

O Banco de Dados Variação Lingüística Urbana do Sul do Brasil (VARSUL) compreende amostras representativas de três Estados: Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, e possibilita a descrição da variedade lingüística urbana da região Sul.

Cada Estado está representado por quatro municípios. No Rio Grande do Sul, foram coletados dados de Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja; em Santa Catarina, Florianópolis, Lages, Blumenau e Chapecó e, no Paraná, foram selecionadas as cidades de Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati.

Para a seleção da amostra desta pesquisa que estamos apresentando, foram consideradas 22 entrevistas, as quais levaram em consideração as seguintes especificidades sociais: gênero (masculino e feminino), idade (entre 20 e 50 anos) e escolaridade (primário, ginásio e segundo grau). A amostra de cada cidade é composta por 24 entrevistas.

Os dados de Santana do Livramento (1978) foram coletados por Bisol e integram o Banco de Dados VARSUL. Ao todo, são 14 gravações de indivíduos com ensino primário completo ou incompleto. Os entrevistados têm entre 25 e 50 anos, sendo 7 homens e 7 mulheres. Para a presente pesquisa, consideramos as 14 entrevistas de Santana do Livramento (amostra 1978).

3.2.3. Formas de transcrição e codificação dos dados da pesquisa

Os dados que compõem a amostra a ser analisada foram, primeiramente, ouvidos e transcritos, com base no IPA – Alfabeto Fonético Internacional. Após a transcrição de todos os dados que seriam analisados no presente estudo, realizamos uma revisão cuidadosa das três amostras.

Cabe salientar que retiramos da pesquisa casos em que havia pausa entre o clítico e o hospedeiro, devido ao fato de termos encontrado poucas ocorrências nas amostras. Além disso, verificamos o aparecimento de alguns casos de hipercorreção, como, por exemplo, ‘me disse-me’; entretanto, como houve apenas quatro dados desse tipo, foram excluídos da amostra.

As 3.078 ocorrências dos clíticos pronominais ‘-me’, ‘-te’, ‘-se’, ‘-lhe(s)’, ‘-o(s)’, ‘-nos’, ‘-lo(s)’ nas três amostras investigados foram codificadas, com base nos grupos de fatores apresentados nas seções 3.2.5.2.1 e 3.2.5.2.2. Após o término desta etapa, os dados foram submetidos a um tratamento estatístico, através do uso do Pacote VARBRUL 2S. Dos 3.078 clíticos pronominais investigados, 1.648 foram extraídos da cidade de Porto Alegre (amostra VARSUL – 1990), 841, da cidade de Santana do Livramento (amostra VARSUL – 1978) e 581, da cidade de Santana do Livramento (amostra BDS PAMPA – 2003-5).

Cabe salientar que as gravações de Santana do Livramento (amostra 2003-5) não são re-contato com os informantes de 1978 (amostra VARSUL). Os informantes fazem parte de uma outra amostra da mesma cidade.

3.2.4. Amostras da pesquisa

Esta pesquisa analisa as variantes [e]~[i], [o]~[u] dos clíticos pronominais '-me', '-te', '-se', '-lhe(s)', '-o(s)', '-nos' e '-lo(s)', em dados de fala do Sul do Brasil das cidades de Santana do Livramento – em duas épocas distintas, ou seja, 1978 e 2003-2005 – e de Porto Alegre.

Primeiramente, as amostras foram analisadas de forma separada, a fim de se verificar o papel dos fatores lingüísticos que influenciam a elevação das vogais dos clíticos. As características socioculturais de cada amostra também foram controladas. Logo, realizamos uma análise, para observar como se comportariam essas vogais em diferentes épocas, na cidade de Santana do Livramento. Nosso intuito ao analisar duas amostras coletadas em épocas diferentes foi o de verificar se a tendência, nesta região, seria a manutenção da vogal média ou a sua elevação, tentando investigar se haveria mudança em curso, ou se estaríamos diante de uma variação estável.

Após, buscamos contrastar os dados de uma região fronteira com uma capital, Porto Alegre, a fim de ver se haveria muita diferença na produção do fenômeno aqui investigado ou se ambas as amostras mostrariam as mesmas características, quanto ao uso variável das vogais em questão.

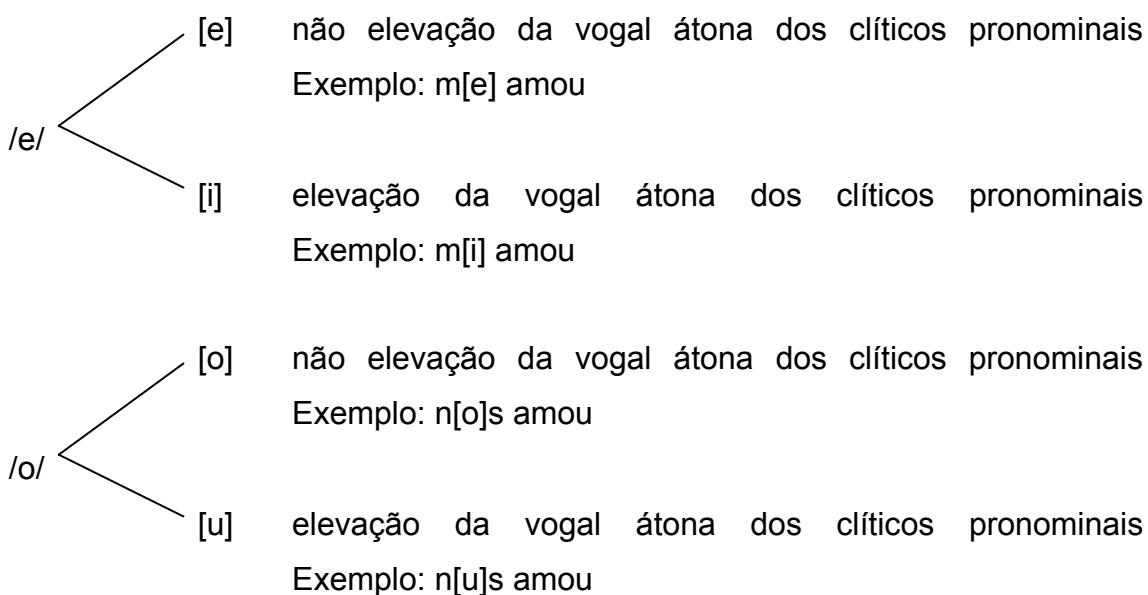
Apresentamos, no item 3.2.5.1, a variável dependente controlada na pesquisa. No item 3.2.5.2.1, mostramos as variáveis independentes lingüísticas controladas em ambas as amostras e, em 3.2.5.2.2, as variáveis sociais específicas controladas.

3.2.5. Definição das variáveis

As variáveis deste estudo foram definidas, com base em pesquisas de Bisol (1981, 2002), Amaral (1996), Carniato (2000), Amaral (2002), Schwindt (2002), Vieira (1994, 2002) e Brisolara (2004), as quais analisam o comportamento de vogais do português falado no Brasil.

3.2.5.1. Variável dependente

A variável dependente foi a regra de elevação das vogais médias átonas /e/ e /o/ dos clíticos pronominais '-me', '-te', '-se', '-lhe(s)', '-o(s)', '-nos', '-lo(s)', em dados de falantes de Santana do Livramento, em duas épocas (1978 e 2003-5), e de Porto Alegre, a capital, (1990), tomada como ponto de referência. Verifiquemos os exemplos da variável dependente.



3.2.5.2. Variáveis independentes

As variáveis independentes são constituídas por grupos de fatores que acreditamos poderem influenciar o fenômeno lingüístico aqui estudado. Esses grupos de fatores são os condicionadores lingüísticos e extralingüísticos que passam a ser apresentados:

3.2.5.2.1. Variáveis independentes lingüísticas

Consideramos, no estudo aqui realizado, as seguintes variáveis lingüísticas:

3.2.5.2.1.1. Tipo de clítico

Com relação à variável 'tipo de clítico', nosso objetivo foi o de verificar que clíticos tendiam a favorecer mais a aplicação da regra de elevação vocálica. Os fatores considerados nesta variável são os seguintes:

me	me fazer / fazer- me
te	te ajudar / ajudar- te
se	se realizarem / realizarem- se
lhe	lhe trair / trair- lhe
lhes	lhes buscar / buscar- lhes
o	o encontrar
os	os amar
lo	dizê- lo
los	buscá- los
nos	nos encontrar /encontrar- nos

3.2.5.2.1.2. Vogal do clítico

A variável ‘vogal do clítico’ foi incluída no presente estudo, a fim de se controlar se a regra de elevação tendia a ser mais favorecida por vogais [+posteriores] ou por vogais [-posteriores]. Essa variável considera as vogais na clássica subdivisão [\pm posterior].

+posterior	n[o]s encontrar
- posterior	m[e] amou

3.2.5.2.1.3. Contexto seguinte

Supondo-se que o elemento seguinte na seqüência de sons passa a exercer papel na elevação das vogais dos clíticos, foram esses elementos assim classificados:

3.2.5.2.1.3.1. Onset da sílaba seguinte ao clítico

Os fatores considerados para esta variável são os seguintes:

[p]	me [p]arou
[b]	nos [b]uscar
[t]	se [t]orna
[d]	se [d]ava
[k]	se [k]asar
[g]	se [g]anha
[f]	se [f]azia

[v]	se [v]estem
[m]	se [m]etendo
[n]	se [n]ota
[s]	te [s]ustentar
[z]	se [z]angaram
[ʃ]	se [ʃ]amava
[ʒ]	se [ʒ]untava
[l]	me [l]embra
[tʃ]	me [tʃ]iraram
[dʒ]	me [dʒ]iziam
[x]	se [x]eunir
[ʎ]	me o[ʎ]ar ¹⁰
não pertinente ¹¹	se [u]sa / pode-se

3.2.5.2.1.3.2. Vogal da sílaba da palavra seguinte¹²

Muitos trabalhos sobre vogais do português (Bisol 1981, Amaral 1996, Brisolara 2004) comprovam que, em algumas localidades do Brasil, a regra de harmonia vocálica é aplicada consideravelmente. Nesta regra, as vogais médias /e/ e /o/ tendem a ser elevadas para [i] e [u] quando há uma vogal alta na sílaba seguinte. A regra ocorre dentro de palavras. O que queremos verificar é se o clítico, uma palavra funcional, é atingido pela harmonia vocálica. Essa variável é constituída pelos seguintes fatores:

¹⁰ Em português, com raríssimas exceções, palavras não começam por consoantes palatais, por isso usou-se um exemplo em que, em um processo de junção entre o clítico e o hospedeiro, o 'onset da sílaba seguinte' é um [ʎ].

¹¹ Consideramos a variável 'onset da sílaba seguinte' como não pertinente quando a sílaba seguinte for iniciada por vogal ou em casos de ênclise.

¹² Optamos por separar as vogais orais das nasalizadas neste estudo, a fim de verificar se a nasalidade apresenta papel relevante com relação ao fenômeno estudado.

[i]	me v[i]sitou
[ɪ]	me s[ɪ]nto
[u]	se p[u]rificando
[ũ]	se j[ũ]ntava
[e]	te p[e]rgunto
[ẽ]	me l[ẽ]mbra
[o]	se t[o]rnou
[õ]	te c[õ]ntar
[ɛ]	se m[ɛ]te
[ɔ]	se b[ɔ]ta
[a]	se f[a]zia
[ã]	se m[ã]ndar
não pertinente	¹³ chamava-se

3.2.5.2.1.3.3. Distância do clítico¹⁴ da sílaba tônica do hospedeiro

O objetivo de incluir esta variável foi o de verificar o papel da distância entre a átona e a tônica, partindo-se do pressuposto de que, quanto mais afastada da tônica, mais fraca é a sílaba, portanto mais vulnerável a processos fonológicos. Os fatores que constituem esta variável são os seguintes:

¹³ Consideramos a variável ‘vogal da sílaba da palavra seguinte’ como não pertinente nos casos de ênclise.

¹⁴ Consideramos o fator ‘sem distância’ quando a sílaba tônica do hospedeiro vem imediatamente após o clítico e ‘distância de uma sílaba’ quando a sílaba tônica do hospedeiro tem uma sílaba intermediária em relação ao clítico e assim sucessivamente. Cabe salientar que essa variável só foi controlada em casos de próclise, uma vez que em posição após o hospedeiro o clítico fica em posição postônica e não há variação, porque os clíticos seguem imediatamente o verbo e, nesse contexto, a regra de elevação das vogais médias tende a ser categórica no português falado no Sul do Brasil; entretanto, em posição pretônica, a regra pode ocorrer, mas não categoricamente.

sem distância	me dá
uma sílabas	te falar
duas sílabas	me procurar
três sílabas	me desesperar
quatro sílabas	se reorganizar
não pertinente	armou-se

3.2.5.2.1.3.4. Tipo de juntura

Partindo-se da idéia de que o sândi externo tende a ser uma regra de aplicação geral, supõe-se que contextos que propiciam a formação de ditongo ou de degeminação sejam favorecedores da elevação vocálica. Esta variável é constituída dos seguintes fatores:

ditongo ¹⁵ crescente	m[ja]posentei
ditongo decrescente	m[ej]xplicando
degeminação	m[i]xplicaram
hiato	m[ea]ssuste
não pertinente ¹⁶	me [x]efiro

¹⁵ Optamos por classificar separadamente os ditongos, uma vez que desejávamos verificar se a vogal do clítico, na ditongação, sofria elevação para formar um ditongo crescente ou tendia a se manter como média para formar um ditongo decrescente.

¹⁶ Consideramos a variável 'tipo de juntura' como não pertinente nos casos em que o clítico seja seguido de uma consoante.

3.2.5.1.3.5. Posição do clítico

Como analisamos dados de Santana do Livramento, cidade que faz fronteira seca com o Uruguai, buscamos verificar se na fala dos santanenses aparecia significativamente a ênclise, uma vez que, no espanhol, seu uso é mais freqüente do que no português. Os fatores dessa variável são os seguintes:

pretônica	se vinha
postônica	armou- se

3.2.5.2.1.3.6. Presença ou ausência da vogal alta no hospedeiro

O intuito de incluir este grupo de fatores neste trabalho foi o de verificar se a presença de uma vogal alta no hospedeiro do clítico poderia exercer influência no comportamento das vogais médias /e/ e /o/ dos clíticos pronominais aqui investigados. Segundo Viera (2002), em um estudo sobre as vogais médias postônicas, a presença de uma vogal alta na palavra é um fator determinante na elevação das vogais médias.

verbo tem vogal alta na sílaba imediatamente vizinha ao clítico (radical)

Exemplo: se v[i]nha

verbo tem vogal alta na sílaba imediatamente não vizinha ao clítico

(radical) Exemplo: te ped[i]

verbo tem vogal alta no sufixo

Exemplo: se botand[u]

verbo sem vogal alta

Exemplo: me l[ẽ]mbr[a]

3.2.5.2.2. Variáveis independentes extralingüísticas

Segundo Labov (1972), variáveis sociais normalmente têm um papel importante em pesquisas variacionistas. Fatores extralingüísticos como 'idade', 'gênero', 'classe social' ou '*status*', 'ocupação', 'etnia', 'região', dentre outros, têm sido usados em análises de fenômenos variáveis, em diferentes tipos de estudos lingüísticos.

Os grupos de fatores extralingüísticos considerados neste estudo foram: 'gênero', 'faixa etária' e 'escolaridade', conforme sua caracterização em cada amostra.

3.2.5.2.2.1. Gênero

Pesquisas sociolingüísticas têm apontado diferenças lingüísticas entre homens e mulheres. Essas diferenças não estão restritas à caracterização biológica dos dois sexos, mas, sim, a questões de comportamento, valores, específicos de cada sexo. Tendo em vista essas diferenças, optamos por usar

o termo 'gênero'¹⁷ ao invés de 'sexo' para a denominação dessa variável extralingüística, uma vez que reflete diferenças não só biológicas, mas também sócio-culturais entre homens e mulheres.

Conforme Vieira (1994), em uma pesquisa sobre a neutralização das vogais medias postônicas /e/ e /o/ do português, não há influência dessa variável com relação ao estudo realizado, uma vez que, em análise dos resultados segundo o VARBRUL, tanto homens como mulheres apresentam pesos relativos próximos a 0,50, em ambas as vogais, isto é, os homens apresentam peso relativo 0,47, para a vogal média /o/ e 0,48, para a vogal média /e/, e as mulheres apresentam peso relativo 0,53, para a vogal média /o/ e 0,52, para a vogal média /e/.

Entretanto, Brisolara (2004), estudando a elevação da vogal média /e/ dos clíticos pronominais '-me', '-te', '-se' e '-lhe', na cidade de Bagé, verifica que as mulheres se mostram mais favorecedoras à regra em questão (0,59), já os homens se mostram pouco favorecedores (0,39).

Segundo Paiva (1992, p.71), a variável 'gênero' só se justifica se outros fatores extralingüísticos forem considerados, como idade, escolaridade, profissão, etc., pois algumas pesquisas apresentam as mulheres como sendo inovadores com relação à linguagem, e outros estudos mostram que os homens são os responsáveis pelas formas inovadoras em sua comunidade. Os fatores que constituem esta variável são:

feminino

masculino

¹⁷ Para maiores detalhes, ver Wodak & Benke, 2000; Romaine, 2000.

3.2.5.2.2. Faixa etária

A variável 'faixa etária' foi incluída nesta pesquisa, uma vez que projeta a mudança em tempo aparente, ou seja, através do estudo do padrão de distinção do comportamento lingüístico de falantes de vários grupos etários. Segundo Naro (1992, p.82), a hipótese clássica postula que a fala de um adulto reflete *o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente quinze anos de idade*.

Nesta pesquisa, além dos dados em tempo aparente, dispomos de dados contrastivos, ou seja, dados em tempo real, uma vez que a tese apresenta duas amostras de gravações de Santana do Livramento, ou seja, amostra 1978 e amostra 2003-5. As coletas de dados em tempo aparente e em tempo real são de extrema importância para esta pesquisa, uma vez que podem mostrar a evolução da linguagem nas cidades investigadas.

De acordo com Labov (1972), as línguas mudam ao longo do tempo e essas mudanças lingüísticas tendem a ocorrer de forma gradual em várias dimensões. Para Naro (1992, p.81), com relação aos eixos sociais, os falantes mais velhos tendem a preservar as formas antigas da língua, enquanto os mais novos tendem a ser inovadores. Essa preservação de determinadas formas lingüísticas pode se dar também em indivíduos mais escolarizados ou pessoas que têm um maior prestígio¹⁸ social ou, por exemplo, mulheres que, de maneira geral, tendem a sofrer pressão com relação ao uso da norma padrão. Para o

¹⁸ *As formas de prestígio ocorrem em contextos mais formais, mais "nobres", entre interlocutores que ocupam posição mais elevada na escala social. A forma de prestígio tende a ser validada na literatura local ou nacional e está codificada nas gramáticas escolares, que a transformam em norma a ser ensinada e aprendida. Podemos dizer que na escola o professor tem como funções básicas descrever, prescrever e legitimar as formas de prestígio (VOTRE, 1992, p.75).*

autor, nos eixos referentes à própria estrutura lingüística, também acontece uma mudança gradual; por exemplo, em um determinado período, certos itens lexicais ou estruturas podem estar mais propensos à mudança do que outros.

Naro (op. cit, p.81) conclui que *a mudança lingüística não é absolutamente mecânica e regular a curto prazo, onde costumam coexistir formas de diversos estágios de evolução.*

Com relação à elevação da vogal átona /e/ dos clíticos pronominais 'me', 'te', 'se' e '-lhe', na cidade de Bagé, o estudo de Brisolara (2004) confirma o que prediz a literatura sociolingüística, visto que os jovens – entre 16 e 25 anos – apresentam um alto índice de elevação dessa vogal, como podemos verificar no peso relativo 0,78; entretanto, os adultos – com mais de 25 anos – se mostram preservadores quanto à linguagem, optando pela manutenção da vogal média /e/; é o que podemos confirmar com o peso relativo 0,36 obtido.

Neste estudo, procuramos homogeneizar a faixa etária, uma vez que cada amostra apresentava suas especificações com relação à divisão da variável 'idade'. Desse modo, propomos, para a presente pesquisa, que a cidade de Porto Alegre (amostra VARSUL – 1990) apresente uma divisão etária em duas faixas, a saber:

26 a 49 anos
a partir de 50 anos

Para a cidade de Santana do Livramento (amostra BDS PAMPA – 2003-5), acrescentamos a faixa etária de 16 a 25 anos, a fim de incluir todos os informantes existentes nos Bancos de Dados.

Cabe salientar que não controlamos a faixa etária na cidade de Santana do Livramento (amostra VARSUL – 1978), uma vez que as idades dos informantes eram muito próximas, ou seja, entre 25 e 50 anos.¹⁹

3.2.5.2.2.3. Escolaridade

A variável ‘escolaridade’ também tem sido bastante estudada em pesquisas na área da sociolingüística variacionista.

Amaral (2002), ao estudar a síncope em proparoxítonas, verifica que indivíduos mais escolarizados tendem a usar as formas padrão da língua, enquanto aqueles que apresentam um menor grau de escolarização tendem a apagar mais elementos nas sílabas átonas postônicas das palavras. Schwindt (2002), em uma pesquisa sobre harmonização vocálica no Rio Grande do Sul, constata que há uma maior aplicação da referida regra por parte dos menos escolarizados em relação aos que possuem uma maior escolarização.

Essa variável extralingüística é relevante no presente estudo para apontar resultados relativos à tendência ou não da mudança em curso do fenômeno aqui analisado.

Salientamos que, neste estudo, buscamos homogeneizar a variável ‘escolaridade’, do mesmo modo que fizemos com a ‘faixa etária’. Assim, na cidade de Porto Alegre (amostra VARSUL – 1990), essa variável foi dividida em ‘0-5 anos’, ‘6-9 anos’ e ‘10-11 anos’ de escolarização. Na cidade de Santana do Livramento (amostra BDS PAMPA – 2003-5), as duas divisões etárias estão

¹⁹ Ressaltamos que fizemos uma tentativa de dividir a referida faixa em dois grupos, entretanto poucos informantes tinham mais de 30 anos, por isso resolvemos não controlar essa variável na amostra de Santana do Livramento (1978).

muito próximas de duas classificações do VARSUL, ou seja, escolaridade 1 (indivíduos que tenham estudado, no máximo, até a 5ª série do Ensino Fundamental), e escolaridade 2 (indivíduos que estejam cursando a partir do 1º ano do Ensino Médio). Essas duas divisões equivaleriam a '0-5 anos' e '10-11 anos' de escolarização.

Com relação à cidade de Santana do Livramento (VARSUL – 1978), não foi possível fazer uma classificação, uma vez que todos os entrevistados continham o primário completo ou incompleto.

A variável 'escolaridade' fica então dividida em:

- 0-5 anos
- 6-9 anos
- 10-11 anos

3.2.5.2.2.4. Informante

Optamos por incluir essa variável, a fim de controlar características individuais e a variação no próprio indivíduo e, se necessário, auxiliar na decisão de novos amálgamas. Neste grupo de fatores, estão incluídos os 58 indivíduos entrevistados.

A seguir, apresentamos um esquema geral das variáveis utilizadas no presente estudo.

Quadro 3: Esquema geral das variáveis relativas às vogais médias /e/ e /o/ de clíticos pronominais nas três amostras.

Variável Dependente
<ul style="list-style-type: none">➤ Elevação das vogais médias átonas /e/ e /o/ dos clíticos pronominais ‘-me’, ‘-te’, ‘-se’, ‘-lhe(s)’, ‘-o(s)’, ‘-nos’, ‘-lo(s)’ <p>VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA AS VOGAIS ÁTONAS DE CLÍTICOS</p>
Variáveis Independentes Lingüísticas
<ul style="list-style-type: none">➤ Tipo de clítico➤ Vogal do clítico➤ Onset da sílaba seguinte ao clítico➤ Vogal da sílaba da palavra seguinte➤ Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro➤ Tipo de junção➤ Posição do clítico➤ Presença ou ausência da vogal alta no hospedeiro
Variáveis Independentes Extralingüísticas
<ul style="list-style-type: none">➤ Gênero➤ Faixa etária➤ Escolaridade➤ Informante

A seguir apresentamos, de forma sucinta, um histórico das duas cidades que constituíram a amostra dessa pesquisa.

3.2.6. As cidades pesquisadas

3.2.6.1. Porto Alegre

Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, antes de ser considerada cidade, teve quatro nomes: Porto de Viamão (1732), Porto de Dorneles (1740), Porto dos Casais ou Porto de São Francisco dos Casais (1772) e, por último, Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre (1773)²⁰, e a partir de 1822 foi denominada Porto Alegre.

Este município teve origem em 1732, com o povoamento dos campos de Viamão e de Porto Alegre por criadores e tropeiros vindos da Laguna, Santa Catarina. Vinte anos mais tarde, os vanguardeiros da expedição de Gomes de Andrade vieram das Missões Jesuíticas e se estabeleceram junto ao lago do Guaíba. Anos mais tarde, o bispo do Rio de Janeiro criou a freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, separada da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão. É importante referir que Porto Alegre foi um dos quatro municípios iniciais do Rio Grande do Sul.

²⁰ As informações históricas da cidade de Porto Alegre tiveram como fonte as seguintes páginas: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br>> e <<http://www.portalmunicipal.org.br/>>

De acordo com a Fundação de Economia e Estatística²¹, a cidade de Porto Alegre tem uma área de 496,8 Km², tendo 1.402.886 habitantes. Destes, 1.368.571 estão concentrados na área urbana e 34.315, na área rural. Localizada no Paralelo 30° sul, com 30 km longitudinais e 15 km de largura no sentido leste-oeste e circundada por morros, possui espaços de planícies e é limitada pela orla fluvial do lago Guaíba.

As principais atividades econômicas de Porto Alegre são o grande centro industrial e comercial, exportação, importação, além da avicultura e fruticultura.

3.2.6.2. Santana do Livramento

Santana do Livramento, conhecida como 'Fronteira da Paz'²², originou-se em um período de conflitos. Os primeiros colonizadores que viveram nesta cidade foram os índios charruas e minuanos, pertencentes ao grupo Guaicurus do Sul. Os primeiros europeus que habitaram Santana do Livramento foram os jesuítas espanhóis.

Este município teve origem em 1823, quando a capela de Nossa Senhora do Livramento foi levantada. Em 1835, o município participa da Revolução Farroupilha e, em 1862, demarca limites com o Uruguai, realizando-se trocas de terras, a fim de que suas terras não ficassem divididas entre dois países.

²¹ Dados obtidos da Fundação de Economia e Estatística (FEE), levantamento de 2004, disponíveis no site: <<http://www.fee.tche.br>>.

²² As informações históricas da cidade de Santana do Livramento tiveram como fonte as seguintes páginas: <<http://www.portalmunicipal.org.br/entidades/famurs/municipio/historia.asp>>, <<http://nutep.adm.ufrgs.br/munisRS/aspec/SANTANADOLIVRAMENTO1.htm>>, <<http://www.portalmunicipal.org.br/>> e <<http://www.santanadolivramento.rs.gov.br>>.

De acordo com a Fundação de Economia e Estatística, o município de Santana do Livramento conta com uma área de 6.950,4 Km², tendo 96.002 habitantes. Destes, 90.319 estão concentrados na área urbana e 5.683, na área rural. Esta cidade está situada na fronteira seca que divide o Brasil, Estado do Rio Grande do Sul, e a República Oriental do Uruguai, Departamento de Rivera. As duas cidades são separadas apenas por uma avenida e pelo Parque Internacional.

As principais atividades econômicas de Santana do Livramento são a pecuária, ovinocultura e agricultura.

Apresentamos, a seguir, o mapa do Estado do Rio Grande do Sul²³, a fim de mostrar a localização de Porto Alegre e Santana do Livramento.

²³ O mapa do Estado do Rio Grande do Sul foi retirado do site: <<http://www.guianet.com.br/rs/mapars>>



3.2.7. Descrição do Pacote VARBRUL 2S

O Sistema VARBRUL foi criado por Pintzuk (1988), tendo sofrido algumas implementações em 1992. É um pacote estatístico que tem por objetivo dar tratamento matemático a fenômenos variáveis. Esse sistema pode dar suporte, portanto, à avaliação quantitativa de dados lingüísticos que são analisados de acordo com a 'Teoria da Variação', de William Labov.

Esse pacote computacional é composto de 10 programas, a saber: CHECKTOK, READTOK, MAKE3000, VARB2000, TVARB, MVARB, CROSSTAB, TSORT, TEXTSORT e COUNTUP. Apresentamos, a seguir, uma descrição sucinta dos programas que constituem o VARBRUL.

O primeiro programa do Pacote VARBRUL a ser utilizado é o CHECKTOK. Para a execução do CHECKTOK, devemos criar um arquivo de dados (arq.dat) e um arquivo de especificações de fatores (arq.esp). No arquivo de dados, são armazenados os dados da pesquisa e seus códigos. Este arquivo possui as ocorrências lingüísticas que serão analisadas no estudo em questão. Já, no arquivo de especificações, encontram-se os fatores das variáveis dependente e independentes a serem utilizados pelo programa. Neste arquivo, há uma lista de símbolos usados na codificação dos dados, na ordem em que estes aparecem no arquivo de dados. A partir do momento em que foram criados o arquivo de dados e o arquivo de especificações, pode-se executar o programa VARBRUL.

O CHECKTOK, primeiro programa do Pacote VARBRUL, recebe o arq.esp e o arq.dat e compara os símbolos desses dois arquivos e, havendo alguma inadequação entre os arquivos mencionados, o programa cria um arquivo intitulado CHECKTOK.ERR, que aponta os erros nos dados. Após a correção desses erros, o VARBRUL gera um arquivo corrigido (arq.cor). Este arquivo serve de entrada para o próximo programa, o READTOK.

O READTOK tem a função de ler o arquivo corrigido, criado no CHECKTOK, e de escrever os dados em um arquivo de ocorrências (arq.oco), eliminando as informações que não são relacionadas aos símbolos necessários para a rodada do programa, tais como: os parênteses iniciais da cadeia de codificações, a transcrição das palavras da amostra, comentários, etc. Caso o resultado apresente erros, este cria um arquivo intitulado READTOK.ERR. Após o pesquisador corrigir essas inadequações e rodar novamente o programa, pode-se passar para a rodada do MAKE3000.

O MAKE3000 é o último programa que prepara os dados. Antes de executar este programa, é necessário que, além do arquivo de ocorrências, o pesquisador crie um arquivo de condições (arq.con). Neste último arquivo, o pesquisador comunica-se com o programa, informando-lhe como quer que sejam analisados seus dados. No arquivo de condições, podem-se juntar ou excluir variáveis ou fatores de uma variável. O MAKE3000 gera um arquivo denominado arquivo de células (arq.cel), que apresenta os percentuais de aplicação do fenômeno investigado para cada fator de cada variável indicada no arquivo de condições. Este programa pode apresentar situações de *knockout*, ou seja, casos em que há 0% ou 100% de aplicação do fenômeno estudado. Este resultado indica que os dados não apresentam variação. Antes de passar à etapa seguinte, o pesquisador deve resolver os *knockouts*, através da exclusão de fatores ou grupo de fatores ou da combinação (doravante intitulada 'amalgamação') de fatores em que há *knockouts*. Resolvidos os *knockouts*, a próxima etapa será a escolha do programa que gerará as probabilidades para os grupos de fatores.

Há três programas que podem ser usados, a saber: o VARB2000 (para duas variantes), o TVARB (para três variantes) e o MVARB (para quatro ou cinco variantes).

Na presente pesquisa, usamos o programa VARB2000, pois trabalhamos com uma análise do tipo binária. Ao rodar-se o VARB2000, são apresentados percentuais, pesos relativos e as variáveis selecionadas como relevantes para o estudo, além de, em alguns casos, o descarte de variáveis consideradas irrelevantes para a pesquisa.

A partir dessa caracterização, seguindo BRESCANCINI (2002), os Programas utilizados do Pacote VARBRUL no presente trabalho podem ser representados conforme o esquema mostrado no Quadro 4:

Quadro 4: Síntese do funcionamento do Programa VARBRUL

Arquivos <i>Input</i> para os Programas	Programas	Arquivos <i>Output</i> dos Programas
Arquivos de Dados Arquivo de Especificações	CHEKTOK	Arquivo Corrigido
Arquivo Corrigido	READTOK	Arquivo de Ocorrências
Arquivo de Ocorrências Arquivo de Condições	MAKE3000	Arquivo de Células
Arquivo de Células	VARB2000	Arquivo Final (arq.var)

Além desses programas, o VARBRUL também é constituído pelos programas CROSSTAB e o TSORT, TEXTSORT e COUNTUP, que servem como auxiliares, no sentido de que não são necessários para a execução do VARBRUL; entretanto, podem ser relevantes, uma vez que podem efetuar tarefas que sofisticam a análise estatística.

O CROSSTAB tem como função a realização de cruzamentos de variáveis. Ele cruza percentagens atribuídas a dois grupos de fatores. O programa que alimenta o CROSSTAB é o arquivo de células (arq.cel), gerado pelo MAKE3000. O CROSSTAB produz um arquivo de saída intitulado arq.cro. Este último arquivo apresenta os cruzamentos dos grupos de fatores especificados. Para Scherre (1992, p.22), este programa é *de grande valia*

quando queremos ver com clareza possíveis interferências entre dois ou mais grupos de fatores.

O TSORT recebe como entrada o arquivo de dados (arq.dat) ou o arquivo corrigido (arq.cor). Este programa executa a procura de uma ou mais codificações específicas na cadeia de codificações e cria um arquivo intitulado arq.sor, onde apresenta somente os dados solicitados pelo pesquisador. Através do TSORT, podemos buscar exemplos de elementos estudados (caso sejam adicionados comentários deste tipo no arquivo de dados). Além disso, por meio desse arquivo, podemos resolver problemas de codificação.

O TEXTSORT, assim como o TSORT, recebe como entrada o arquivo de dados (arq.dat) ou o arquivo corrigido (arq.cor). Este programa auxilia o pesquisador no sentido de que podem ser criados outros arquivos de dados que apresentem determinadas ocorrências que foram digitadas após a cadeia de codificação.

E, por fim, o COUNTUP tem como função apresentar ao pesquisador a frequência geral dos dados por variável e por fator dentro de cada variável. O arquivo de entrada do COUNTUP é o arquivo de ocorrências (arq.oco), gerado pelo READTOK. Conforme Scherre (1992, p.23), *este programa é interessante porque, além de permitir uma visão global da distribuição dos dados, pode apontar possíveis erros na codificação dos dados.*

3.3. Discussão dos resultados

Nesta seção, apresentamos a descrição dos dados que constituem as amostras da presente pesquisa, e os resultados estatísticos fornecidos pelo Pacote VARBRUL 2S, relativos à elevação variável das vogais médias dos clíticos pronominais. São apresentados o número de casos, os percentuais e os pesos relativos de cada grupo de fatores considerados relevantes pelo VARB2000.

Conforme já referimos, este estudo é constituído de três amostras: 22 gravações de Porto Alegre (amostra VARSUL – 1990), 14 gravações de Santana do Livramento (amostra VARSUL – 1978) e 22 gravações de Santana do Livramento (amostra BDS PAMPA – 2003-5), totalizando 58 gravações de fala. Analisamos um total de 3.078 ocorrências dos clíticos pronominais ‘-me’, ‘-te’, ‘-se’, ‘-lhe(s)’, ‘-lo(s)’, ‘-o(s)’ e ‘-nos’, nas três amostras aqui investigadas. Na Tabela 2, verificamos o número de ocorrências de clíticos em cada amostra.

Tabela 1: Distribuição das ocorrências dos clíticos pronominais em cada amostra

Amostra	Dados
Porto Alegre VARSUL (1990)	1.648
Santana do Livramento VARSUL (1978)	841
Santana do Livramento BDS Pampa (2003-5)	589
Total	3.078

3.3.1. Seleção de variáveis pelo VARBRUL

Conforme apresentamos na seção 3.2, as seguintes variáveis independentes foram definidas para a nossa análise: a) tipo de clítico; b) vogal do clítico; c) onset da sílaba seguinte; d) vogal da sílaba da palavra seguinte; e) tipo de junção; f) posição do clítico; g) presença ou ausência da vogal alta no hospedeiro; h) gênero; i) faixa etária; j) escolaridade e k) informante.

Antes de apresentarmos as variáveis selecionadas pelo VARBRUL para cada uma das três amostras, é necessário esclarecer que, para não causar sobreposição ou subcategorização de fatores, estabelecemos um grupo principal de variáveis formado por 'tipo de clítico'; 'onset da sílaba seguinte'; 'vogal da sílaba da palavra seguinte'; 'distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro'; 'tipo de junção'; 'posição do clítico'; 'gênero'; 'faixa etária' e 'escolaridade', deixando-se de fora da rodada principal três variáveis: 'vogal do clítico'; 'presença ou ausência da vogal alta no hospedeiro'; e 'informante'.

Em rodadas posteriores, excluímos as variáveis 'tipo de clítico', 'vogal da sílaba da palavra seguinte' e as variáveis sociais, para então incluir as variáveis 'vogal do clítico', 'presença ou ausência da vogal alta no hospedeiro' e 'informante'. Dessa forma, obtivemos os resultados estatísticos apresentados nas seções 3.3.1.1, 3.3.1.2 e 3.3.1.3.

Além disso, em todas as amostras, realizamos cruzamentos entre variáveis lingüísticas e sociais, a fim de verificar a relevância dessas variáveis para o fenômeno de elevação vocálica. Os cruzamentos realizados nas três amostras foram os seguintes: a) tipo de clítico e tipo de junção²⁴; b) tipo de

²⁴ Através desse cruzamento pretendíamos investigar o papel da qualidade da média (-me, -te, -se, -lhe(s) contra -nos, -lo(s), -o(s)).

juntura e vogal da sílaba da palavra seguinte²⁵; c) tipo de juntura e distância da sílaba tônica do hospedeiro²⁶; d) gênero e escolaridade; e) gênero e faixa etária; e f) escolaridade e faixa etária. Contudo, apenas na amostra de Santana do Livramento (2003-5), o programa VARBRUL considerou os cruzamentos estatisticamente relevantes, mas ainda assim, só selecionou dois cruzamento sociais, o que será apresentado na seção 3.3.1.3.2.

Com relação às variáveis ‘tipo de clítico’ e ‘vogal do clítico’, salientamos que nunca foram rodadas juntas por apresentarem pouca ortogonalidade, uma vez que nem todos os fatores da variável ‘tipo de clítico’ co-ocorreram com todos os fatores da ‘vogal do clítico’.

As variáveis ‘presença ou ausência da vogal alta no hospedeiro’ e ‘vogal da sílaba da palavra seguinte’ tampouco foram rodadas juntas, porque também apresentavam problemas de ortogonalidade. Neste caso, essas variáveis apresentavam um tipo de subcategorização (Guy, 1998), pois todos os dados do fator ‘vogal alta na sílaba imediatamente vizinha ao clítico – radical’ envolviam verbos que apresentavam vogais altas na primeira sílaba que segue o clítico; entretanto, nem todos os casos em que o verbo apresentava vogais altas ocorreram na sílaba imediatamente seguinte ao clítico.

Além disso, a variável ‘informante’ foi rodada apenas com as variáveis lingüísticas quando desejávamos verificar se algum resultado estava sendo obtido em função do comportamento específico de um informante da amostra. Esta variável é uma subcategoria das variáveis sociais, por isso não pode ser rodada junto a essas variáveis. Por exemplo, os dados de um informante x são

²⁵ Através desse cruzamento queríamos verificar se vogais altas e átonas favoreciam mais a elevação vocálica do que altas e tônicas. Também queríamos ver se vogais médias ou baixas favoreciam mais o fenômeno em posição átona do que em tônica.

²⁶ Com esse cruzamento gostaríamos de verificar se os processos de sândi favoreciam a elevação vocálica em qualquer distância da sílaba tônica.

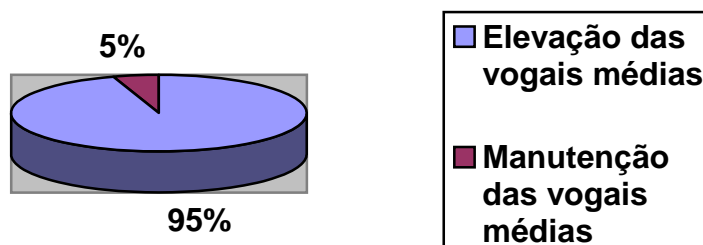
todos produzidos por um falante do sexo masculino, com idade entre 16 e 25 anos e com 0-5 anos de escolarização. Segundo Guy (1998, p.33), *essa é uma relação de muitos para um: todos os dados produzidos pelo informante número um, por exemplo, também foram codificados como tendo sido produzidos por um falante masculino, mas nem todos os dados produzidos por falantes masculinos foram produzidos pelo informante um.*

Na seção seguinte, apresentamos os resultados estatísticos considerados relevantes para a amostra de Porto Alegre (1990).

3.3.1.1. Descrição da amostra de Porto Alegre (1990)

Analisamos, na cidade de Porto Alegre, um total de 1.648 ocorrências dos clíticos pronominais objetos de nosso estudo. Destes dados, em 95% dos casos, houve elevação da vogal do clítico e em apenas 5% dos dados desta cidade houve a manutenção das vogais médias dos clíticos. Conforme podemos verificar no Gráfico 1, a elevação vocálica mostrou-se praticamente categórica nos dados da metrópole.

Gráfico1: Índice geral de aplicação da elevação vocálica



Antes de passarmos à descrição das variáveis selecionadas como relevantes pelo VARBRUL, destacamos que, em virtude de o programa MAKE3000 ter apontado *knockouts*, tivemos de realizar algumas amalgamações, que serão detalhadas a seguir.

A variável 'tipo de clítico' apresentou *knockouts* nos fatores '-lo' (3/3), '-los' (1/1) e '-o' (6/6), os quais indicaram 100% de aplicação da regra de elevação aqui analisada. Diante dessa situação, verificamos que o clítico '-nos' (43/44) não apresentou *knockout*, por pequena diferença, isto é, o percentual de favorecimento da elevação vocálica foi de 98%. Como as percentagens eram muito próximas, amalgamamos esses fatores, reorganizando a variável 'tipo de clítico' como segue:

-me

-te

-se

-lhe

-lo -los, -o, -nos

Com relação à variável ‘vogal da sílaba da palavra seguinte’, também verificamos *knockout*²⁷, por isso realizamos amálgamas. A fim de fazermos uma análise coerente, optamos por amalgamar vogais orais e nasalizadas, já que os percentuais de aplicação dos referidos fatores eram muito próximos; por exemplo, a vogal oral [e] apresentou 95% de elevação vocálica e a vogal nasal [ẽ] 93%. Com esses índices, verificamos que a nasalidade não apresenta um papel específico com relação ao fenômeno estudado. Essa variável ficou reorganizada da seguinte forma:

/i/

/u/

/e/

/o/

/ɛ/ /ɔ/

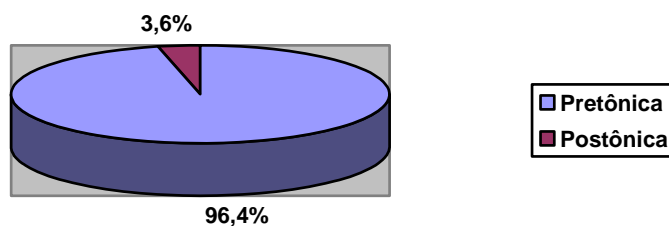
/a/

Além dessas duas variáveis, o grupo de fatores intitulado ‘tipo de junção’ sofreu amalgamação nas variantes ‘ditongo crescente’ e ‘ditongo decrescente’, em razão de *knockouts*²⁸.

No Gráfico 2, apresentamos os percentuais de elevação da vogal em posição pretônica e postônica, em virtude de a variável ‘posição do clítico’ não ter sido selecionada pelo VARBRUL.

²⁷ A vogal [ɛ] apresentou *knockout* (27/27).

²⁸ O fator ‘ditongo crescente’ apresentou *knockout* (192/192).

Gráfico2: Posição do clítico

Conforme já observamos no Gráfico 1, nos dados da amostra de Porto Alegre, houve 95 % de aplicação da regra de elevação das vogais médias /e/ e /o/ de clíticos pronominais em posição pretônica e postônica. Podemos verificar no Gráfico 2 que, do total de dados que sofreram a referida regra nas posições acima referidas, 96,4% (1.514 dados) ocorreu em posição pretônica, e 3,6% (57 dados) em postônica.

Passemos, a seguir, à descrição das variáveis selecionadas pelo programa VARBRUL 2S.

3.3.1.1.1. Variáveis selecionadas pelo Pacote VARBRUL 2S

O Sistema VARBRUL selecionou como estatisticamente relevantes as variáveis lingüísticas e extralingüísticas mostradas a seguir, as quais são apresentadas na ordem de seleção no *step-up*:

- ✓ Escolaridade
- ✓ Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro

- ✓ Vogal da sílaba da palavra seguinte
- ✓ Tipo de junção
- ✓ Tipo de clítico

3.3.1.1.1.1. Escolaridade

Tabela 2: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Porto Alegre, segundo a variável 'Escolaridade'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
0-5 anos	586/603	97%	0,59
6-9 anos	377/384	98%	0,71 ²⁹
10-11 anos	608/661	92%	0,30
Total	1.571/1.648	95%	

Significância .010

Input .97

A Tabela 2 mostra um resultado inesperado, apontando para os indivíduos com escolaridade entre 0 e 5 anos como aqueles em que começam a favorecer a regra, e para os indivíduos com 6 a 9 anos de escolarização como os que usam significativamente a vogal alta; entretanto, no que tange aos indivíduos com escolaridade entre 10 e 11 anos, há um baixo índice de uso da elevação vocálica. Isso parece indicar que o papel da Escolaridade faz-se sentir somente no maior nível de escolarização.

Esse resultado vem ao encontro dos estudos de Amaral (2002) e Schwindt (2002), que indicam que indivíduos mais escolarizados tendem a

²⁹ O resultado encontrado no fator '6-9 anos' não se deu em razão de uma maior aplicação da regra em estudo por um informante deste grupo. Ao rodarmos o TSORT, verificamos que os dados de todos os entrevistados foram bastante homogêneos, ou seja, todos os informantes deste fator apresentaram altos índices de elevação das vogais /e/ e /o/.

preservar as formas padrão da língua. No entanto, essa variável será analisada mais detalhadamente, comparando com as outras amostras desta pesquisa, a fim de que se possam fazer generalizações a respeito do papel da escolaridade com relação à regra de elevação aqui estudada.

3.3.1.1.1.2. Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro

Tabela 3: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Porto Alegre, segundo a variável 'Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
sem distância (se fala)	449/462	97%	0,61
uma sílaba (se cansar)	543/572	95%	0,43
duas sílabas (se visitaram)	399/417	96%	0,52
três sílabas (me visitarão)	122/135	90%	0,40
quatro sílabas (se reorganizar)	1/3	33%	0,02
Total	1.514/1.589 ³⁰	95%	

Significância .010

Input .97

Na Tabela 3, verificamos que a menor distância entre o clítico e a sílaba tônica do hospedeiro favorece muito a regra de elevação das vogais dos clíticos. A distância de duas sílabas se mostra neutra; já as distâncias de uma e

³⁰ Na Tabela 3, o total de dados não é o mesmo da amostra total, em virtude de haver 57 casos de enclíticos. A variável 'distância da sílaba tônica do hospedeiro' só foi controlada em casos de próclise, uma vez que, em posição após o hospedeiro, o clítico fica em posição postônica e não há variação. Nesse contexto, a regra de elevação vocálica tende a ser categórica no português falado no Sul do Brasil.

três sílabas se mostram pouco favorecedoras da elevação vocálica. Cabe ressaltar que, no que tange à distância de quatro sílabas, há um número muito reduzido de dados para se fazerem generalizações.

Esse resultado contraria nosso pressuposto ao mostrar que a menor distância entre a sílaba do clítico e a sílaba tônica do hospedeiro é a que mais favorece a neutralização. Segundo a literatura, quanto mais afastada da tônica, mais fraca é a sílaba e mais propensa a processos de variação.

3.3.1.1.1. 3. Vogal da sílaba da palavra seguinte

Tabela 4: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Porto Alegre, segundo a variável 'Vogal da sílaba da palavra seguinte'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
/i/ (me d[i]sse)	368/380	97%	0,54
/u/ (nos b[u]scar)	89/103	86%	0,20
/e/ (me d[e]via)	448/475	94%	0,45
/o/ (se c[o]me)	235/242	97%	0,63
/ɛ/ /ɔ/ (me qu[ɛ]r/ se m[ɔ]lha)	60/61	98%	0,67
/a/ (me c[a]sei)	314/328	96%	0,51
Total	1.514/1.589³¹	95%	

Significância .010
Input .97

³¹ Dos 1.648 dados totais da amostra, 57 casos eram de ênclise e, com relação à 'vogal da sílaba da palavra seguinte', foram considerados não pertinentes.

Na Tabela 4, observamos que a vogal média /o/ mostra-se a mais favorecedora da elevação das vogais médias dos clíticos pronominais, com peso relativo 0,63. Se verificarmos o peso relativo apresentado para as vogais /ɛ/ e /ɔ/ diremos que estas aparentemente são muito favorecedoras da regra aqui analisada; devido ao baixo número de ocorrência dessas vogais, comparado ao número de ocorrências apresentados pelas outras vogais estudadas, não consideramos essas duas vogais como favorecedoras do fenômeno em estudo.

Note-se que vogal /i/ apresenta peso muito próximo ao valor neutro (0,50), ou seja, 0,54. Já a vogal /u/, com peso relativo 0,20 mostra-se pouco favorecedora da elevação vocálica. Com os resultados relativos às vogais /i/ e /u/ sugerimos que, na amostra relativa à cidade de Porto Alegre, as vogais altas da sílaba seguinte ao clítico não apresentam força condicionadora para elevação das vogais médias dos clíticos pronominais investigados, isto é, o clítico não se eleva em função da regra de harmonia vocálica.

Queríamos, com esta variável, verificar a influência de uma vogal alta seguinte na elevação da vogal do clítico; entretanto, o que a tabela indica é que o clítico não sofre esta influência, pois comparativamente os índices mais altos desta tabela ficam com a vogal média /o/.

3.3.1.1.1.4. Tipo de junctura

Tabela 5: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Porto Alegre, segundo a variável 'Tipo de junctura'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Hiato (m[ea]ssustei)	13/18	72%	0,12
Degeminação (m[e]squece)	95/99	96%	0,59
Ditongação (m[ja]ssustei)	206/223	92%	0,50
Total	314/340 ³²	92%	

Significância .010
Input .97

Conforme relatamos anteriormente, inicialmente optamos por classificar de forma separada os ditongos crescentes e os decrescentes, com o intuito de observar se, na ditongação, a vogal do clítico se mantinha como média alta para formar um ditongo decrescente ou se tendia a se elevar para formar um ditongo crescente. Em função de percentuais muito próximos, optamos por amalgamar estes fatores, obtendo-se os resultados apresentados na Tabela 5.

Na Tabela 5, observamos que o contexto para junctura considerado mais favorável para a elevação foi a degeminação (0,59), isto é, o clítico seguido de uma palavra iniciada por vogal alta. A vogal média do clítico converte-se em alta e a degeminação ocorre. Já o contexto apropriado à ditongação apresenta-se neutro com relação ao fenômeno em questão (0,50) e, nos casos em que a vogal do clítico com a vogal do hospedeiro gera um hiato, o peso relativo é 0,12, o que revela o baixo favorecimento ao hiato.

³² Dos 1.648 dados totais da amostra, houve somente 340 casos em que havia uma seqüência de duas vogais. Os demais casos foram considerados como não pertinentes, em virtude de o clítico seguir uma consoante.

3.3.1.1.1.5. Tipo de clítico

Tabela 6: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Porto Alegre, segundo a variável 'Tipo de clítico'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
-me (me lembrei/lembrei- me)	619/658	94%	0,40
-te (te procurei/procurei- te)	146/151	97%	0,47
-se (se fala / fala- se)	744/774	96%	0,58
-lhe (lhe disse / disse- lhe)	9/11	82%	0,08
-lo(s), -o, -nos (nos pedir/pedir- nos/os amar)	53/54	98%	0,73
Total	1.571/1.648	95%	

Significância .010

Input .97

Observamos, na Tabela 6, que há a preservação da vogal média em contexto da palatal ou palatalizável – ou seja, precedido de /ʎ/ ou de /t/ que se torna /tʃ/ com vogal alta. Entretanto, com relação ao segmento [ʎ], há poucos dados, por isso não podemos fazer generalizações a respeito da preservação da vogal média. Além disso, o clítico que se mostra mais favorecedor da regra de elevação é o clítico '-se'³³.

³³ É fato reconhecido por lingüistas que estudam o Português Brasileiro (Bisol, 1999b) que a fricativa coronal /s/, em posição de coda, favorece a elevação de /e/, em início de palavra (ex. escola, escada, estrada). A sequência inicial **es**, para Bisol (1999b) é formada por epêntese, no pós-léxico, e /e/, seguido de /s/, em dialetos gaúchos, tende a elevar-se para [i]. A partir dessa constatação, podemos entender que também /s/, em posição de onset de sílaba, pode ser motivador da regra de elevação vocálica. Esse fato, na verdade, já foi identificado por Vieira (2002), ao estudar as vogais médias postônicas no sul do país; sua pesquisa constatou que as fricativas /s/ e /z/, em posição de onset, favorecem a elevação de /e/, apresentando peso relativo 0,64.

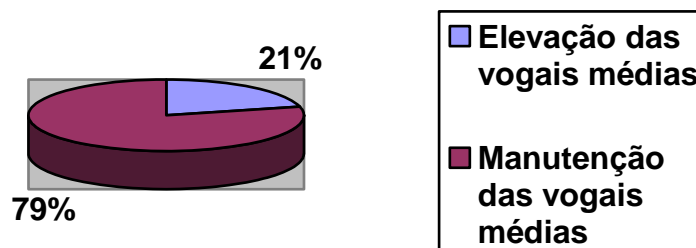
Conforme já referimos, na amostra de Porto Alegre, a elevação das vogais médias dos clíticos pronominais tem uma aplicação de 95%. Não sabemos até que ponto os resultados relativos às variáveis selecionadas pelo VARBRUL são confiáveis, uma vez que a regra se aplica quase categoricamente.

Na seção 3.3.1.2, apresentamos os resultados estatísticos considerados relevantes para a amostra de Santana do Livramento (1978).

3.3.1.2. Descrição da amostra de Santana do Livramento (1978)

Analisamos, na cidade de Santana do Livramento, um total de 841 ocorrências dos clíticos pronominais objeto de nosso estudo. Destes dados, em apenas 21% dos casos, houve aplicação da regra aqui estudada, sendo que, em 79% dos dados desta cidade, houve a manutenção das vogais médias dos clíticos. Os dados mostram uma aplicação majoritária da manutenção das vogais médias /e/ e /o/ de clíticos pronominais. Conforme observamos no Gráfico 3, a elevação vocálica não se mostrou muito significativa nesta comunidade.

Gráfico 3: Índice geral de aplicação da elevação vocálica

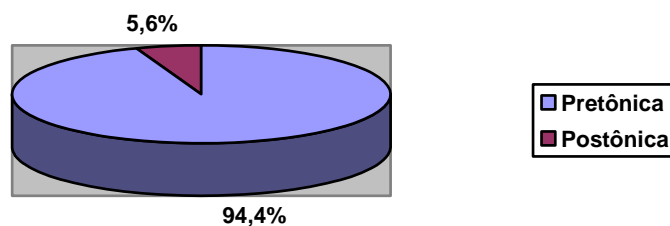


Assim como na amostra formada por entrevistas de Porto Alegre, em Santana do Livramento também houve alguns *knockouts* e, portanto, tivemos de realizar algumas amalgamações. Os *knockouts* apresentados pelo MAKE3000 dizem respeito a dois grupos de fatores: ‘tipo de junção’³⁴ e ‘vogal da sílaba da palavra seguinte’³⁵. Entretanto, como as amalgamações são as mesmas estabelecidas para Porto Alegre, não as descreveremos novamente.

Apresentamos, no Gráfico 4, os percentuais de aplicação da regra de elevação em posição pretônica e postônica.

³⁴ O fator ‘ditongo decrescente’ apresentou *knockout* (0/4) e o fator ‘ditongo crescente’ também apresentou *knockout* (73/73).

³⁵ A vogal [ã] apresentou *knockout* (0/20) e as vogais orais e as nasalizadas apresentaram percentuais muito próximos, daí a amalgamação.

Gráfico 4: Posição do clítico

No Gráfico 3, conforme já verificamos, nos dados da amostra de Santana do Livramento, houve 21% de aplicação da regra de elevação das vogais médias /e/ e /o/ de clíticos pronominais em posição pretônica e postônica. Podemos verificar no Gráfico 4 que, do total de dados que sofreram a referida regra nas posições acima referidas, 94,4% (167 dados) ocorreu em posição pretônica, e 5,6% (10 dados) em postônica.

A seguir, apresentamos as variáveis selecionadas pelo Pacote VARBRUL 2S, no programa VARB2000.

3.3.1.2.1. Variáveis selecionadas pelo Pacote VARBRUL 2S

Foram selecionadas pelo VARBRUL como pertinentes estatisticamente as seguintes variáveis lingüísticas e extralingüísticas:

- ✓ Tipo de junção
- ✓ Vogal da sílaba da palavra seguinte

- ✓ Gênero
- ✓ Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro

3.3.1.2.1.1. Tipo de juntura

Tabela 7: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (1978), segundo a variável ‘Tipo de juntura’

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Hiato (s[eu]sa)	1/67	1%	0,01
Degeminação (m[i]xplicando)	41/50	82%	0,89
Ditongação (m[ja]costumei)	73/77	94%	0,93
Total	115/194 ³⁶	58%	

Significância .013
Input .38

Na Tabela 7, verificamos um escasso uso de hiato e a preferência da degeminação e ditongação (PR 0,89, para a degeminação, e PR 0,93, para a ditongação), para resolver todos os casos de seqüências de duas vogais.

³⁶ Dos 841 dados totais da amostra, houve somente 194 casos em que havia uma seqüência de duas vogais. Os demais casos foram considerados como não pertinentes, em virtude de o clítico seguir uma consoante.

3.3.1.2.1.2. Vogal da sílaba da palavra seguinte

Tabela 8: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (1978), segundo a variável 'Vogal da sílaba da palavra seguinte'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
/i/ (me d[i]sseram)	27/154	18%	0,49
/u/ (nos b[u]scar)	22/45	49%	0,69
/e/ (se v[e])	56/214	26%	0,51
/o/ (me s[o]corre)	19/115	17%	0,23
/ɛ/ /ɔ/ (me l[ɛ]va / se p[ɔ]de)	6/51	12%	0,53
/a/ (se p[a]ssa)	37/251	15%	0,57
Total	167/830 ³⁷	20%	

Significância .013

Input .38

A Tabela 8 aponta para um papel altamente favorecedor da vogal /u/, seguindo-se-lhe /a/. Entretanto, há poucas ocorrências da vogal /u/ na amostra da Santana do Livramento (1978). Os demais fatores ficam em termos de peso neutro ou abaixo. Infere-se que a vogal não tem um papel consistente com relação à altura.

³⁷ Dos 841 dados totais da amostra, 11 casos eram de ênclise e, com relação à 'vogal da sílaba da palavra seguinte', foram considerados não pertinentes.

3.3.1.2.1.3. Gênero

Tabela 9: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (1978), segundo a variável 'Gênero'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Masculino	96/414	23%	0,61
Feminino	81/427	19%	0,40
Total	177/841	21%	

Significância .013
Input .38

A Tabela 9 indica que os homens usam mais a regra de elevação do que as mulheres, conforme podemos constatar nos pesos relativos .0,61 e 0,40.

3.3.1.2.1.4. Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro

Tabela 10: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (1978), segundo a variável 'Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
sem distância (me dá)	22/336	7%	0,39
uma sílaba (lhe dizer)	41/251	16%	0,49
duas sílabas (me levantava)	81/186	44%	0,64
três sílabas (nos ofereceram)	22/49	45%	0,72
quatro sílabas (se naturalizou)	1/8	13%	0,35
Total	167/830³⁸	20%	
Significância .013			
Input .38			

Na Tabela 10, verificamos que, ao contrário do que ocorreu em Porto Alegre, as distâncias de duas ou três sílabas são as que mais favorecem a elevação das vogais dos clíticos, apresentando pesos relativos, 0,64 e 0,72. Já no fator 'sem distância', ou seja, quando a sílaba tônica do hospedeiro vem imediatamente após o clítico, e na distância de quatro sílabas, há o pouco favorecimento deste fenômeno; nesse caso, há um número muito baixo de ocorrências. Além disso, a distância de uma sílaba apresenta-se neutra com relação ao nosso objeto de investigação.

³⁸ Na Tabela 10, o total de dados não é o mesmo da amostra total, em virtude de haver 11 casos de enclíticos. A variável 'distância da sílaba tônica do hospedeiro' só foi controlada em casos de próclise, uma vez que, em posição após o hospedeiro, o clítico fica em posição postônica e não há variação. Nesse contexto, a regra de elevação vocálica tende a ser categórica no português falado no Sul do Brasil.

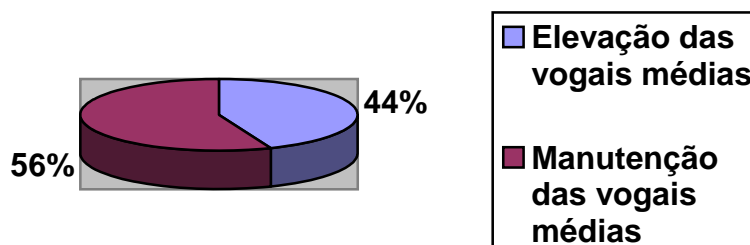
Deixando-se de lado o fator 'quatro sílabas', em razão de apresentar poucos dados, o resultado desta tabela corrobora nossa suposição de que quanto maior a distância da sílaba tônica, mais fraca é a sílaba e mais sujeita a processos de variação.

Na seção 3.3.1.3, apresentamos os resultados estatísticos considerados relevantes para a amostra de Santana do Livramento (2003-5).

3.3.1.3. Descrição da amostra de Santana do Livramento (2003-5)

Analisamos, na cidade de Santana do Livramento, um total de 589 ocorrências dos clíticos pronominais objetos de nosso estudo. Desses dados, em apenas 44% dos casos, houve elevação da vogal; em 56% dos dados houve a manutenção das vogais médias dos clíticos. Conforme observamos no Gráfico 5, a preservação da média apresenta uma porcentagem maior do que a sua elevação.

Gráfico 5: Índice geral de aplicação da elevação vocálica

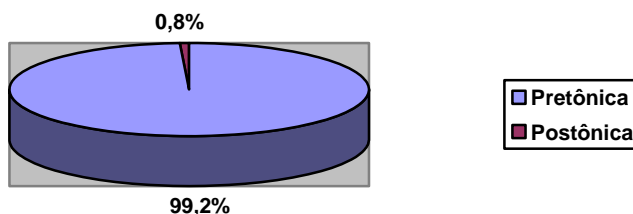


Nesta análise, houve *knockouts* nos seguintes grupos de fatores: ‘tipo de clítico’ e ‘vogal da sílaba da palavra seguinte’ e, portanto, tivemos de realizar algumas amalgamações. Com relação às variáveis ‘tipo de junção’³⁹ e ‘vogal da sílaba da palavra seguinte’, as amalgamações são as mesmas estabelecidas para Porto Alegre e Santana do Livramento (amostra VARSUL – 1978), por isso não serão descritas nesta seção. Já a variável ‘tipo de clítico’ apresentou *knockouts* em ‘-los’ (2/2), com 100% de aplicação da regra de elevação. O clítico ‘-nos’ (8/12), todavia, apresentou percentual de favorecimento da elevação vocálica 67%, por isso amalgamamos esses fatores, reorganizando a variável ‘tipo de clítico’ da seguinte forma:

-me
-te
-se
-lhe
-los, -nos

Apresentamos, no Gráfico 6, os percentuais de aplicação da regra em posição pretônica e postônica.

³⁹ A fim de manter os mesmos fatores para cada variável, amalgamamos o ‘tipo de junção’ nas três amostras. Para a realização dos amálgamos, sempre observamos a pertinência lingüística e estatística.

Gráfico 6: Posição do clítico

No Gráfico 5, conforme já verificamos, nos dados da amostra de Santana do Livramento, houve 44% de aplicação da regra de elevação das vogais médias /e/ e /o/ de clíticos pronominais em posição pretônica e postônica. Podemos verificar no Gráfico 6 que, do total de dados que sofreram a regra nas posições acima referidas, 99,2% (260 dados) ocorreu em posição pretônica, e 0,8% (2 dados) em postônica.

A seguir, apresentamos as variáveis selecionadas pelo Pacote VARBRUL 2S.

3.3.1.3.1 Variáveis selecionadas pelo Pacote VARBRUL 2S

O Pacote estatístico VARBRUL selecionou como relevantes as seguintes variáveis lingüísticas e extralingüísticas⁴⁰.

- ✓ Tipo de junção
- ✓ Escolaridade
- ✓ Presença ou ausência da vogal alta no hospedeiro
- ✓ Tipo de clítico
- ✓ Faixa etária
- ✓ Gênero
- ✓ Vogal da sílaba da palavra seguinte
- ✓ Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro

Apresentaremos, primeiramente, as variáveis lingüísticas, e só então as sociais, para que os cruzamentos das variáveis sociais sigam a rodada das variáveis separadas.

⁴⁰ Nesta amostra, não realizamos apenas uma única rodada. Na primeira rodada, o programa selecionou as seguintes variáveis: 'tipo de junção', 'escolaridade', 'tipo de clítico', 'faixa etária', 'gênero', 'vogal da sílaba da palavra seguinte' e 'distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro'. Na segunda rodada, o VARBRUL selecionou 'tipo de junção', 'escolaridade', 'tipo de clítico', 'faixa etária', 'gênero', 'distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro' e 'presença ou ausência da vogal alta no hospedeiro'. Cabe salientar que os pesos relativos de ambas as rodadas foram muito próximos.

3.3.1.3.1.1. Tipo de junctura

Tabela 11: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável 'Tipo de junctura'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Hiato (m[ea]ssustei)	3/20	15%	0,00
Degeminação (s[i]xpandir)	41/43	95%	0,73
Ditongação (m[ja]pavorei)	63/67	94%	0,73
Total	107/130 ⁴¹	82%	
Significância .042			
Input .96			

Na Tabela 11, verificamos que, na amostra de Santana do Livramento (2003-5), há um escasso uso de hiato. Além disso, existe uma tendência ao uso dos processos de ditongação e degeminação, para resolver os casos de seqüências de duas vogais.

⁴¹ Dos 589 dados totais da amostra, houve somente 130 casos em que havia uma seqüência de duas vogais. Os demais casos foram considerados como não pertinentes, em virtude de o clítico seguir uma consoante.

3.3.1.3.1.2. Presença ou ausência da vogal alta no hospedeiro

Tabela 12: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável 'Presença ou ausência da vogal alta no hospedeiro'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
verbo com vogal alta na sílaba imediatamente vizinha ao clítico - radical (me d[i]sse)	49/132	37%	0,35
verbo com vogal alta na sílaba não vizinha ao clítico – radical (te ped[i])	91/159	57%	0,65
verbo com vogal alta no sufixo (me chamand[u])	64/137	47%	0,51
verbo sem vogal alta (me d[a]v[a])	58/161	36%	0,46
Total	262/589	44%	
Significância .042			
Input .96			

Observamos, na Tabela 12, que a elevação da vogal do clítico só é altamente favorecida em casos em que o verbo tem vogal alta na sílaba não vizinha ao clítico, mas que ainda faz parte do radical. Já nos casos em que o verbo tem vogal alta no sufixo, o peso relativo apresenta-se neutro, ou seja, 0,51. Esses valores indicam que não há nenhuma relação desses fatores com o favorecimento ou não da regra de elevação vocálica aqui estudada.

Os casos em que o verbo contém vogal alta na sílaba imediatamente vizinha ao clítico e os casos em que o verbo não tem vogal alta apresentam-se

pouco favorecedores desta regra, é o que verificamos nos pesos relativos 0,35 e 0,46.

O resultado apresentado na Tabela 12 já era por nós esperado, uma vez que a regra de harmonização vocálica não faz saltos. Se harmonia atingisse clíticos, a vogal que favoreceria essa regra seria a imediatamente seguinte ao clítico e esta apresenta um peso 0,35.

3.3.1.3.1.3. Tipo de clítico

Tabela 13: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável 'Tipo de clítico'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
-me (me lembro/lembro- me)	69/162	43%	0,37
-te (te disse/disse- te)	20/106	19%	0,26
-se (se senta/senta- se)	160/302	53%	0,62
-lhe (lhe procurei/procurei- lhe)	3/5	60%	0,85
-los, -nos (nos espera/espera- nos /buscá- los)	10/14	71%	0,93
Total	262/589	44%	

Significância .042
Input .96

Como em tabelas precedentes, a Tabela 13 indica que o clítico '-se' é sensível à regra de elevação das vogais médias. Os clíticos '-los', '-nos' e '-lhe', aparentemente, favorecem bastante a aplicação desta regra; entretanto, há

poucas ocorrências desses clíticos, por isso não podemos constatar o real favorecimento da regra diante desses fatores.

Contudo, apenas os clíticos ‘-me’ e ‘-te’ mostram-se preservadores da vogal média, enquanto os demais tendem a exibir a vogal alta.

3.3.1.3.1.4. Vogal da sílaba da palavra seguinte

Tabela 14: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável ‘Vogal da sílaba da palavra seguinte’

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
/i/ (se d[i]z)	40/137	29%	0,34
/u/ (se m[u]daram)	22/51	43%	0,24
/e/ (se v[e])	69/145	48%	0,55
/o/ (se c[o]nhece)	63/103	61%	0,64
/ɛ/ /ɔ/ (se qu[ɛ]r; se c[ɔ]bra)	16/24	67%	0,76
/a/ (te m[a]ta)	50/127	39%	0,58
Total	260/587⁴²	44%	

Significância .042
Input .96

⁴² Dos 589 dados totais da amostra, 2 casos eram de ênclise e, com relação à ‘vogal da sílaba da palavra seguinte’, foram considerados não pertinentes.

Na Tabela 14, as vogais altas /i/ e /u/ apresentam-se pouco favorecedoras do fenômeno estudado. Já as vogais /e/, /o/, /ɛ/, /ɔ/ e /a/ apresentam-se favorecedora desta regra. Entretanto, devemos desconsiderar a relevância das vogais médias baixas, uma vez que há poucas ocorrências.

Através do resultado apresentado para as vogais /i/ e /u/, podemos considerar que o fenômeno de harmonia vocálica não se mostra atuante nesta amostra, já que, diante de vogais altas, a vogal do clítico tende a se manter como média. Esse resultado também é confirmado na Tabela 13, em que o fator 'verbo com vogal alta na sílaba imediatamente vizinha ao clítico – radical' apresenta peso relativo 0,35.

3.3.1.3.1.5. Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro

Tabela 15: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável 'Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
sem distância (me dá)	47/193	24%	0,43
uma sílaba (se fazer)	75/194	39%	0,43
duas sílabas (me procuraram)	91/131	69%	0,57
três sílabas (se comunicaram)	36/55	65%	0,78
quatro sílabas (se perpetuarão)	11/14	79%	0,37
Total	260/587⁴³	44%	
Significância .042			
Input .96			

Na Tabela 15, verificamos que as distâncias de duas ou três sílabas são as que mais favorecem a elevação das vogais dos clíticos, apresentando pesos relativos, 0,57 e 0,78; entretanto, os dados referentes ao fator 'três sílabas' são em pouca quantidade. Já no fator 'sem distância' e nas distâncias de uma e quatro sílabas, há o pouco favorecimento deste fenômeno; é o que verificamos nos pesos relativos 0,43, para 'sem distância', 0,43, para uma sílaba, e 0,37, para quatro sílabas.

⁴³ Na Tabela 15, o total de dados não é o mesmo da amostra total, em virtude de haver 2 casos de enclíticos. A variável 'distância da sílaba tônica do hospedeiro' só foi controlada em casos de próclise, uma vez que, em posição após o hospedeiro, o clítico fica em posição postônica e não há variação. Nesse contexto, a regra de elevação vocálica tende a ser categórica no português falado no Sul do Brasil.

Deixando-se de lado o fator 'quatro sílabas', em virtude de apresentar poucos dados, o resultado desta tabela confirma nossa suposição de que, quanto maior a distância da sílaba tônica, mais fraca é a sílaba e mais sujeita a processos de variação.

3.3.1.3.1.6. Escolaridade

Tabela 16: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável 'Escolaridade'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
0-5 anos	100/300	33%	0,23
10-11 anos	162/289	56%	0,78
Total	262/589	44%	

Significância .042

Input .96

Diferentemente das outras duas amostras desta pesquisa, essa variável é constituída apenas de duas divisões de escolaridade: indivíduos que tenham estudado, no máximo, até a quinta série do Ensino Fundamental e indivíduos 10 a 11 anos de escolarização. Na Tabela 16, o fator '10-11 anos' mostra-se altamente favorecedor da elevação vocálica; entretanto, o fator '0-5 anos' apresenta-se pouco favorecedor deste fenômeno, como podemos observar nos pesos relativos 0,78, para o fator '10-11 anos', e 0,23, para fator '0-5 anos', ao contrário do que ocorre na amostra de Porto Alegre, em que no mais alto nível de escolaridade se evidencia uma baixa aplicação da elevação vocálica. Contudo, no caso de Porto Alegre, não se pode verificar se um fator favorece

mais ou favorece menos a elevação vocálica, uma vez que a regra é praticamente categórica.

3.3.1.3.1.7. Faixa etária

Tabela 17: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável 'Faixa etária'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
16-25 anos	62/162	38%	0,56
26 a 49 anos	108/204	53%	0,60
a partir de 50 anos	92/223	41%	0,36
Total	262/589	44%	

Significância .042

Input .96

A Tabela 17 indica que os indivíduos pertencentes às duas faixas etárias mais jovens, ou seja, 16 a 25 anos e 26 a 49 anos, parecem ser os responsáveis pela inovação na sua comunidade, visto que tendem a usar relativamente mais vogal alta em Santana do Livramento, como verificamos nos valores 0,56, para os indivíduos com idade entre 16 e 25 anos, e 0,60, para os entrevistados com idade entre 26 e 49 anos.

Cabe salientar que essa regra não é comum nesta comunidade, uma vez que o município de Santana do Livramento faz fronteira seca com Rivera, cidade uruguaia em que não há elevação das vogais médias /e/ e /o/, em clíticos, nem em palavras. Devido à influência do espanhol, na cidade de Santana do Livramento, há uma tendência à preservação das vogais médias

aqui estudadas. No entanto, os jovens estão passando a aplicar a elevação vocálica em Santana do Livramento.

Nos dados dos informantes com 50 anos ou mais, verificamos a manutenção das vogais médias; é o que se pode observar no peso relativo 0,36.

Os dados da Tabela 17 sugerem que pode estar havendo um processo de mudança em progresso, uma vez que os indivíduos mais jovens passam a usar de forma significativa a elevação vocálica, embora os índices não sejam muito altos.

3.3.1.3.1.8. Gênero

Tabela 18: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), segundo a variável 'Gênero'

Fatores	Ocorrência/Total	Percentual	Peso Relativo
Masculino	101/208	49%	0,60
Feminino	161/381	42%	0,44
Total	262/589	44%	
Significância .042			
Input .96			

A Tabela 18 apresenta o grupo de fatores intitulado 'Gênero'. Nessa variável, o sexo masculino apresenta-se como altamente favorecedor da elevação vocálica, com peso relativo 0,60; já as mulheres apresentam-se como pouco favorecedoras da regra, com peso relativo 0,44.

Assim como na amostra de Santana do Livramento (1978), nesta amostra também os homens mostram-se os responsáveis pelo favorecimento da neutralização.

3.3.1.3.2. Cruzamento de variáveis extralingüísticas

Apresentamos, nesta seção, resultados relativos a cruzamentos de variáveis extralingüísticas selecionados pelo Pacote VARBRUL 2S.

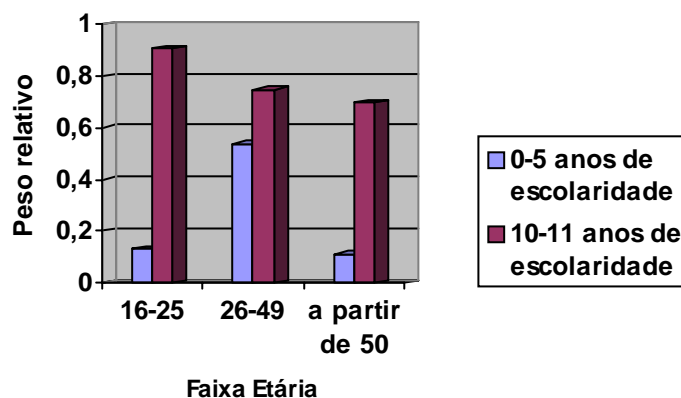
Tabela 19: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), com cruzamento das variáveis extralingüísticas 'Faixa etária' e 'Escolaridade'

Faixa Etária	Escolaridade	Ocorrência/Total	Percentual	PR
16 a 25 anos	0-5 anos	15/88	17%	0,13
26 a 49 anos	0-5 anos	51/100	51%	0,54
a partir de 50 anos	0-5 anos	34/112	30%	0,11
16-25 anos	10-11 anos	47/74	64%	0,91
26 a 49 anos	10-11 anos	57/104	55%	0,75
a partir de 50 anos	10-11 anos	58/111	52%	0,70
Total		262/589	44%	

Significância .016

Input .96

Gráfico 7: Cruzamento das variáveis extralingüísticas 'Faixa etária' e 'Escolaridade'



Os pesos relativos indicam que os entrevistados que pertencem ao nível de escolarização intitulado '10-11 anos' se revelam muito favorecedores da elevação vocálica. Já os indivíduos com '0-5 anos' de escolarização apresentam-se pouco favorecedores desta regra. Apenas os indivíduos com idade entre 26 e 49 anos apresentam-se como levemente favorecedores do fenômeno aqui estudado.

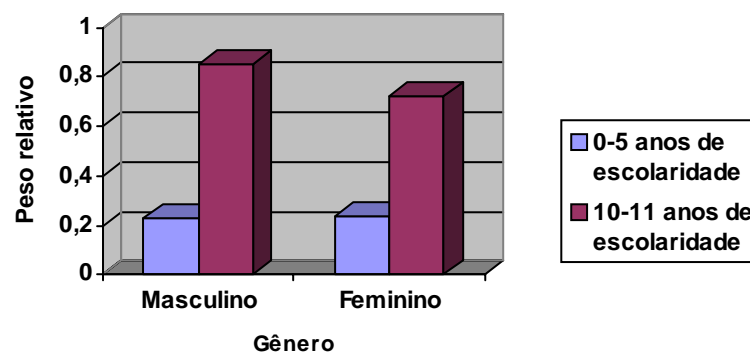
Tabela 20: Registro da elevação de /e/ e /o/ de clíticos pronominais em Santana do Livramento (2003-5), com cruzamento das variáveis extralingüísticas 'Gênero' e 'Escolaridade'

Gênero	Escolaridade	Ocorrência/Total	Percentual	PR
Masculino	0-5 anos	35/118	30%	0,23
	10-11 anos	66/90	73%	0,85
Feminino	0-5 anos	65/182	36%	0,24
	10-11 anos	96/199	48%	0,72
Total		262/589	44%	

Significância .036

Input .96

Gráfico 8: Cruzamento das variáveis extralingüísticas 'Gênero' e 'Escolaridade'



Os resultados indicam que não é o gênero que se mostra relevante e, sim, a escolaridade do indivíduo, embora o peso relativo apresentado para o gênero masculino na maior escolaridade seja superior ao apresentado para o gênero feminino. Constatamos, através desses resultados, que os entrevistados pertencentes ao maior nível de escolarização são de fato os responsáveis pela inovação na sua comunidade, preponderando no uso da variável em estudo. Esse resultado vem de encontro ao apresentado na amostra de Porto Alegre, revelando que não há uma relação entre a preservação da vogal média e o maior grau de escolarização⁴⁴.

3.3.1.4. Síntese dos resultados das amostras da pesquisa

As seções 3.3.1.1., 3.3.1.2. e 3.3.1.3. apresentaram os resultados estatísticos selecionados como relevantes pelo programa VARBRUL 2S, com relação à elevação das vogais médias átonas de clíticos pronominais nas três amostras desta pesquisa. A seguir apresentamos uma síntese dos resultados de cada amostra.

3.3.1.4.1. Amostra de Porto Alegre (1990)

Foram selecionadas pelo programa VARBRUL as seguintes variáveis lingüísticas e extralingüísticas:

⁴⁴ Na verdade, os dados de Santana do Livramento (2003-5) mostram que os indivíduos pertencentes à maior escolaridade são os que mais elevam as vogais; portanto, a preservação das vogais médias não decorre do maior grau de instrução. Provavelmente, essa manutenção das vogais /e/ e /o/ ocorre por influência da língua espanhola.

- a) Escolaridade: 0-5 anos e 6-9 anos
- b) Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro: sem distância
- c) Vogal da sílaba da palavra seguinte: vogal média /o/
- d) Tipo de juntura: degeminação
- e) Tipo de clítico: -se

Em síntese, com relação a Porto Alegre, temos de levar em consideração o fato de que a regra de elevação das vogais de clítico pronominais tem aplicação praticamente categórica. Por essa razão, acreditamos que a regra ocorre, independentemente dos contextos lingüísticos e sociais, sendo esse fenômeno generalizado nessa cidade.

3.3.1.4.2. Amostra de Santana do Livramento (1978)

O programa VARBRUL selecionou as seguintes variáveis lingüísticas e extralingüísticas:

- a) Tipo de juntura: degeminação e ditongação
- b) Vogal da sílaba da palavra seguinte: vogal baixa /a/
- c) Gênero: masculino
- d) Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro: duas sílabas

3.3.1.4.3. Amostra de Santana do Livramento (2003-5)

O programa VARBRUL selecionou as seguintes variáveis lingüísticas e extralingüísticas:

- a) Tipo de juntura: degeminação e ditongação
- b) Presença ou ausência da vogal alta no hospedeiro: verbo com vogal alta na sílaba não vizinha ao clítico - radical
- c) Tipo de clítico: -se
- d) Vogal da sílaba da palavra seguinte: vogais médias /e/ e /o/ e vogal baixa /a/
- e) Distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro: duas sílabas
- f) Escolaridade: 10-11 anos
- g) Faixa etária: 16 a 25 anos e 26 a 49 anos
- h) Gênero: masculino

Ao compararmos os resultados relativos às duas amostras de Santana do Livramento, verificamos que quatro variáveis selecionadas na amostra de 1978 são também encontradas na amostra de 2003-5, ou seja, 'tipo de juntura', 'vogal da sílaba da palavra seguinte', 'gênero' e 'distância da sílaba tônica do hospedeiro'. Nessas variáveis, podemos verificar que os fatores mais favorecedores do fenômeno em estudo são praticamente os mesmos. A única diferença encontrada diz respeito à variável 'vogal da sílaba da palavra seguinte', em que as vogais médias altas são também selecionadas como favorecedoras da elevação vocálica na amostra de 2003-5.

3.3.1.4.4. Resultados mais relevantes relativos às amostras da presente pesquisa

Nos dados das três amostras desta pesquisa verificamos que as seguintes variáveis foram relevantes para o estudo:

- a) **Vogal da sílaba da palavra seguinte**⁴⁵: nesta variável verificamos que as vogais altas /i/ e /u/ não foram consideradas como motivadoras da elevação vocálica, uma vez que apresentaram peso neutro ou as amostras continham poucos dados. Com base neste resultado, podemos afirmar que a harmonia vocálica não tem papel na elevação das vogais médias dos clíticos pronominais estudados na presente pesquisa e que a elevação da vogal do clítico é efeito da neutralização. Tal resultado é relevante para a questão da prosodização do clítico, que será discutida no capítulo 4.
- b) **Tipo de juntura**: ao analisarmos os resultados relativos ao tipo de juntura nas três amostras deste estudo, verificamos que há uma tendência ao uso dos processos de sândi, para resolver os casos de seqüências de duas vogais. Ao observarmos os resultados estatísticos, inicialmente, acreditamos que os processos de sândi favoreciam a elevação das vogais /e/ e /o/ de clíticos pronominais. Entretanto, ao considerarmos, sobretudo, os resultados relativos à ditongação em

⁴⁵ Conforme justificamos na metodologia, o motivo de investigar essa variável foi o de verificar se clíticos pronominais no PB eram atingidos pela regra de harmonia vocálica. Nesse sentido, nossos comentários sobre essa variável somente são sobre a relevância das vogais altas da sílaba da palavra seguinte ao clítico, deixando-se de lado comentários sobre as outras vogais.

todas as amostras, verificamos que, no mínimo, em 92% dos casos de ditongação houve elevação das vogais médias. Isso quer dizer que, em quase todos os casos em que foi aplicada a regra de elevação vocálica, havendo contexto para a regra de ditongação, esta também foi aplicada. Esse resultado indica que, na verdade, é a elevação que favorece processos de sândi, particularmente a ditongação, a qual tem, como um de seus integrantes, um glide – e a vogal alta decorrente da elevação da vogal átona final pode, com facilidade, no fluxo da fala, como resultado de ressilabação, transformar-se em glide, dando origem a um ditongo.

Com relação às duas amostras analisadas, a de Porto Alegre (1990) e a de Santana do Livramento (2003-5) a variável considerada significativa para o presente estudo foi o ‘tipo de clítico’. Nesta variável, o clítico pronominal ‘-se’ mostrou-se como o que mais favorece a elevação vocálica.

Nas duas amostras de Santana do Livramento, ou seja, amostra 1978 e amostra 2003-5, verificamos que uma variável social mostrou-se relevante, ou seja, o gênero. O resultado estatístico revelou que os homens mostraram-se mais susceptíveis à inovação.

Nas duas amostras de Santana do Livramento também constatamos que há tendência à elevação da vogal do clítico quando a sílaba seguinte a esse elemento é átona.

3.3.1.4.5. Conclusão

Conforme mencionamos anteriormente, no Português Brasileiro, os clíticos podem sofrer neutralização, ou seja, alçamento da vogal média, independentemente da posição em que se encontram, como, por exemplo, 'te disse', produzido como 't[i] disse' e 'disse-te', produzido como 'disse-t[i]'. Admitindo-se que regras variáveis que diferenciam variedades geográficas sejam pós-lexicais, a neutralização da átona final é uma regra variável, como constatamos em Amaral (2002), Vieira (2002) e Brisolara (2004).

Os resultados deste estudo indicam que a regra de elevação das vogais médias /e/ e /o/ de clíticos pronominais tem aplicação praticamente categórica na amostra de Porto Alegre (95%); entretanto, essa regra apresenta baixa frequência nos dados de Santana do Livramento, amostra 1978 (21%). Os resultados relativos a Santana do Livramento, amostra 2003 a 2005, indicam um uso relativamente maior em relação à amostra anterior (44%). Notamos que, nas duas últimas amostras que representam o português falado na fronteira, a preservação das vogais médias prevalece.

Na amostra de Santana do Livramento (1978), conforme já mencionamos, a elevação vocálica tem um baixo índice de aplicação. Esse resultado indica que as vogais dos clíticos pronominais na sua subjacência são médias e que a elevação é uma regra pouco atuante nessa comunidade. Ao compararmos os dados das duas amostras de Santana do Livramento, verificamos que, na amostra (2003-5), houve um aumento significativo no uso da vogal alta, na faixa etária dos jovens, do que se infere que está havendo um processo de mudança em curso.

Através dos resultados relativos à variável ‘vogal da sílaba da palavra seguinte’, verificamos que a harmonização vocálica não tem papel relevante nas três amostras investigadas e que as vogais dos clíticos sofrem variação independentemente da vogal seguinte. Isso é um indício de que os clíticos não se comportam como sílabas pretônicas e, sim, como uma sílaba final, o que abre as portas para três interpretações: a) um grupo formado de uma palavra funcional e uma palavra lexical, ou seja, um grupo clítico; ou b) uma frase; ou, ainda c) uma palavra recursiva.

Em síntese, analisamos duas variedades do Português Brasileiro: uma em que a neutralização da átona é bastante freqüente em clíticos em posição proclítica e outra em que a elevação é menos freqüente.

Uma característica que diferencia Porto Alegre de Santana do Livramento é que nesta última cidade há a tendência à preservação das vogais médias em posição átona final⁴⁶, mas também em proclíticos.

Santana do Livramento tem um fator importante no que diz respeito ao tipo de fronteira existente. Esse município está separado de Rivera (Uruguai) apenas por um parque (Parque Internacional), que é comum aos dois países. Neste parque, há um obelisco com as bandeiras das duas cidades, o qual representa a irmandade desses povos, daí o nome “Fronteira da Paz”.

O que queremos destacar com esse dado é o fato de que, por um lado, os Santanenses são influenciados por sua identidade brasileira, costumes e, logicamente, por questões relativas à linguagem como, por exemplo, regras fonológicas que são aplicadas no português (neutralização da átona final, harmonia vocálica, dentre outras); por outro lado, eles também sofrem

⁴⁶ Para maiores esclarecimentos, ver Vieira (1994).

influências do espanhol, uma vez que vivem uma situação de integração bastante forte com a comunidade uruguaia. Essa integração pode ser percebida em vários setores, por exemplo, em relação à economia desses países, devido às flutuações de câmbio, ora o desenvolvimento econômico dá-se no Brasil, ora no Uruguai; isso acarreta uma maior harmonia entre os dois municípios.

A influência do espanhol também pode ser constatada na linguagem dos Santanenses, conforme observamos nos dados da amostra de 1978, em que há uma forte tendência à preservação das vogais médias dos clíticos. No espanhol, as vogais médias não se tornam altas em posição átona final, nem existe a regra de harmonia vocálica.

A partir dos resultados relativos às duas amostras de Santana do Livramento, podemos argumentar que os moradores dessa cidade sofrem influência do espanhol e, por isso, aplicam menos a regra de neutralização.

Com base nos dados das amostras desta pesquisa, podemos dizer que uma análise prosódica que considere os clíticos não como sílabas pretônicas do hospedeiro, mas como elementos que possuem alguma independência fonológica é fundamental, uma vez que verificamos que uma regra, que a princípio se daria apenas no domínio da palavra fonológica, tem sua aplicação também em clíticos pronominais do português.

Neste capítulo, apresentamos os fundamentos da Teoria da Variação, a metodologia empregada no presente estudo, bem como a justificativa sobre a relevância de cada grupo de fatores selecionado para a análise variacionista, e os resultados estatísticos e comentários a respeito das variáveis selecionadas pelo VARBRUL.

4. REFLEXÕES SOBRE A PROSODIZAÇÃO DOS CLÍTICOS

Neste capítulo, apresentamos uma análise dos clíticos do Português Brasileiro. Far-se-á uma comparação com os clíticos do Português Europeu, tomando por referência análises que constam da literatura.

Em 4.1, apresentamos os sistemas vocálicos do PB e do PE; em 4.2, os clíticos do português, em 4.3 e 4.4, os argumentos que sustentam a hipótese defendida com respeito ao clítico; em 4.5, a estrutura da palavra fonológica pós-lexical e em 4.6, a conclusão deste capítulo.

4.1. Os sistemas vocálicos do Português Brasileiro e do Português Europeu

4.1.1. O sistema vocálico do Português Brasileiro

As vogais do português constituem um sistema triangular, em que a vogal /a/ aparece na parte mais baixa de um triângulo de base para cima (Câmara Jr, 1970, p.33). Conforme o autor,

a articulação da parte anterior, central (ligeiramente anterior) e posterior da língua dá a classificação articulatória de vogais – anteriores, central e posteriores. A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá a classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de 1º grau

(abertas), vogais médias de 2º grau (fechadas) e vogais altas. (op. cit, p.41)

Sete são as vogais fonológicas da posição tônica.

(40) Posição tônica

altas	/i/		/u/	
médias	/e/		/o/	(2º grau)
médias	/ɛ/	/ɔ/		(1º grau)
baixa		/a/		
	posteriores	central	anteriores	

(CÂMARA JR, 1970, p.41)

Exemplos:

b[a]la

b[ɛ]lo

b[e]co

b[i]co

b[ɔ]la

b[o]lo

b[u]la

Em posição átona, o sistema de sete vogais é reduzido, porque há a perda de algumas oposições. Como posição inacentuada temos 'posição pretônica', 'posição postônica não final' e 'posição postônica final'.

Em posição pretônica, neutraliza-se a oposição entre vogais médias de 1º e 2º graus, manifestando-se apenas vogais médias de 2º grau, do que resulta um sistema de cinco vogais.

(41) Posição pretônica

altas	/i/		/u/
médias	/e/		/o/
baixa		/a/	

(CÂMARA JR, 1970, p.44)

Exemplos:

f[ɛ]rro → f[e]rreiro

p[ɔ]rta → p[o]rteiro

Em posição postônica não final⁴⁷, ocorre neutralização entre as vogais médias /o/ e /u/, manifestando-se apenas a vogal alta.

⁴⁷ A descrição de Câmara Jr (1970) tem por base dados do português carioca.

(42) Posição átona não final

altas	/i/		/u/
médias	/e/	—	
baixa		/a/	

(CÂMARA JR, 1970, p.44)

Exemplos:

abóbora → abób[u]ra

fósforo → fós[u]ro

Por fim, em posição átona final⁴⁸, há a neutralização das vogais médias em favor das altas, ficando o sistema vocálico reduzido a três.

(43) Posição átona final

altas	/i/		/u/
baixa		/a/	

(CÂMARA JR, 1970, p.44)

⁴⁸ De acordo com Silva (2001, p.86), *para a maioria dos falantes do português brasileiro as vogais postônicas finais são distintas das vogais tônicas e pretônicas e são pronunciadas como [ɪ, ə, ʊ].* Na posição postônica final, também se podem encontrar as formas fonéticas [i, a, o]. A pronúncia dessas vogais vai depender do dialeto que se use do português. Assim, palavras como 'safari', 'bola' e 'foto' podem ser pronunciadas como [sa'farɪ] ~ [sa'fari], ['bɔlə] ~ ['bɔla] e ['fɔtʊ] ~ ['foto].

Exemplos:

ovo → ov[u]

leque → lequ[i]

Segundo Bisol (2003) e Bisol & Magalhães (2005), o sistema da média átona não-final mostra variação entre uma pauta de cinco vogais e uma pauta de três vogais, enquanto o sistema da átona final reduz-se a três vogais, em conformidade com Câmara Jr (1970).

4.1.2. O sistema vocálico do Português Europeu

O Português Europeu e o Português Brasileiro comungam a mesma pauta tônica, como vemos em (40).

Segundo Mateus (2003), Fikkert (2005) e Fikkert & Freitas (2006), nas posições átonas, há uma redução para três vogais, independentemente da posição, embora na posição pretônica haja exceções⁴⁹.

⁴⁹ Segundo Vigário (2001, p.74), nas palavras 'economia', 'velharia' e 'armazém', as vogais pretônicas não sofrem redução vocálica, manifestando-se como 'ec[ɔ]nomia', 'v[ɛ]lharia' e 'arm[e]zém'.

(44) Realização das vogais átonas

/a/ fonológico realiza-se como [ɐ] fonético;

/e/, /ɛ/ fonológicos realizam-se como [ɨ] fonético;

/o/, /ɔ/ fonológicos realizam-se como [u] fonético;

/i/ e /u/ não se alteram.

(MATEUS, 2003, p.1011)

(45) Átonas pretônicas

[i] mirar [mirár] [e] pagar [pegár]

[u] morar [murár] [ɨ] pegar [pɨ gár]

(MATEUS, 2003, p.991)

(46) Átonas pós-tônicas não finais

[i] súbito [súbitu] [e] sábado [sábədu]

[u] cômoda [co'mudɐ] [ɨ] vértebra [vɛ'rtɨ brɛ]

(MATEUS, 2003, p.992)

(47) Átonas pós-tônicas finais⁵⁰

[u] juro [zúru]

[e] jura [zúre]

[ɨ] juri [zúri]

(MATEUS, 2003, p.992)

⁵⁰ Segundo Mateus (2003, p.992), a vogal [i] pode encontrar-se em posição final em algumas palavras importadas ou cultas como 'táxi' [táksi] e 'júri' [zúri], sendo no entanto excepcional esta ocorrência.

Conforme verificamos nas seções 4.1.1 e 4.1.2, no Português Europeu, as vogais átonas ficam reduzidas a três em qualquer posição, enquanto no Português Brasileiro o sistema fica reduzido a cinco vogais na pretônica e três na átona final.

Passemos à apresentação dos clíticos, tema deste estudo.

4.2. Os clíticos do Português

No Português, os seguintes elementos constituem clíticos.

(48)

Clíticos monossilábicos

a, de, por, com, em	preposições
o(s), a(s)	artigos definidos
me, te, se, lhe(s), nos, vos, o(s), a(s) ⁵¹	pronomes pessoais oblíquos
e, mas, ou	conjunções
que, se, de, em, por, a	complementizadores
que	pron. relativo/interrogativo
do(s)/da(s), no(s)/na(s), ao(s)/à(s)	preposições+artigos definidos

⁵¹ Os clíticos pronominais ‘-lo(s)’, ‘-la(s)’ não foram incluídos na lista, uma vez que estão implícitos em ‘-o(s)’, ‘-a(s)’, pois a lateral é epentética.

Clíticos dissilábicos

para	preposição, conjunção
pelo(s)/a(s)	preposição + artigo
	definido
cada	quantificador, pronome
porque	pronome relativo
	interrogativo, complemento
	(VIGÁRIO, 2001, p.191-2)

É possível que haja outras palavras funcionais que possam ser consideradas clíticos, mas aqui não são incluídos por não apresentarem um comportamento prosódico consistente.

Segundo Bisol (2005), defendemos a idéia de que o grupo clítico é uma palavra fonológica pós-lexical, chamando seus argumentos e acrescentando outros. Com Vigário (2001), defendemos a idéia de recursividade, mas dela discordamos com respeito à sensibilidade do grupo clítico a regras lexicais, o que pode estar relacionado ao sistema diferenciado do Português Brasileiro e do Português Europeu, sobretudo nas átonas.

A seguir, apresentamos argumentos que sustentam a nossa idéia, cotejando, quando possível, com o Português Europeu.

4.3. O grupo clítico e as regras fonológicas

Nesta seção, apresentamos algumas regras fonológicas do português, as quais são importantes para nossa proposta defendida com respeito aos clíticos pronominais do PB.

4.3.1. O acento

No Português Brasileiro e no Português Europeu, o acento cai sobre uma das três sílabas da palavra, a contar da direita para a esquerda.

(49)

- a. oxítona cangur**U**
- b. paroxítona cam**l**sa
- c. proparoxítona **Á**cido

A presença de um clítico junto à palavra não altera a posição do acento.

(50)

ped**í**amos ped**í**amo-lo ped**í**amo-no-lo

Clíticos são elementos deficientes prosodicamente, em virtude de não possuírem acento; por conseqüência, sempre se apóiam no acento da palavra vizinha.

Esse fato também se registra no Espanhol e no Catalão. Segundo Zwicky (1985), de maneira geral, os clíticos são dependentes acidentalmente. Por conseguinte, o acento em uma das três sílabas e sem interferência do clítico é uma característica do Português Brasileiro, do Português Europeu, do Espanhol e do Catalão.

4.3.2. A neutralização da postônica final

Conforme mencionamos na seção 4.1, tanto no PB quanto no PE, ocorre neutralização na posição postônica final, ficando o sistema vocálico reduzido a três. Apresentamos, a seguir, o comportamento dos clíticos com relação a essa regra, além de discutir a natureza da regra de neutralização em ambas as línguas.

De acordo com Bisol (2005), no Português Brasileiro, independentemente de estar em posição pretônica ou postônica, o clítico sofre a regra de redução a três vogais que se destina somente a vogais finais, o que é um indício de que o clítico não se confunde com sílaba pretônica que faz parte de uma palavra lexical.

(51)

m[e] fala ~ m[i] fala

fala-m[e] ~ fala-m[i]

d[e] casa ~ d[i] casa

pel[o] caminh[o] ~ pel[u] caminh[u]

Cabe salientar que, apesar de o alvo desta regra ser a vogal postônica final, proclíticos também estão sujeitos à aplicação da regra de neutralização. Na verdade, 'si conta' é uma regra espelho de 'conta-si'.

É importante destacar que há uma grande discussão sobre a natureza lexical/pós-lexical da regra de neutralização da postônica final. Sob a perspectiva da Fonologia Lexical, regras lexicais têm exceções e estão sujeitas ao princípio do Ciclo Estrito. Diante desse pressuposto, a neutralização que se aplica tanto em derivados quanto em não derivados e não tem exceções, embora possa ser uma regra variável em alguns dialetos ou variedades de fala, não atende aos requisitos das regras lexicais, é, portanto, uma regra pós-lexical.

Conforme Vieira (1994), a fala gaúcha apresenta variação com relação a este fenômeno, uma vez que os falantes da região metropolitana usam as vogais altas quase categoricamente, enquanto os falantes da fronteira tendem a preservar as vogais médias⁵². O que este estudo constata é que a neutralização da postônica final é um fenômeno variável nas amostras investigadas. É uma regra sem exceção e sem condicionadores morfológicos, por conseguinte, pós-lexical.

O caráter pós-lexical desta regra é uma evidência que se junta às que seguem para sustentar o postulado de que a expressão 'clítico+hospedeiro' e 'hospedeiro+clítico' formam uma palavra prosódica pós-lexical.

No entanto, no Português Europeu, segundo Vigário (2001), a redução vocálica é um processo de caráter lexical, em virtude de apresentar muitas exceções à sua aplicação, como indicam os exemplos citados em (52b). Essa

⁵² Cabe salientar que o estudo de Vieira (1994) analisa amostras não somente da região metropolitana e da fronteira, mas também de etnias italiana e alemã, mas interessa-nos para a presente tese somente os dados de fala de Santana do Livramento e de Porto Alegre.

diferença se justifica porque, enquanto o Português Brasileiro reduz a cinco a pauta pretônica e a três a átona final, o Português Europeu reduz ambas as pautas a três vogais.

(52)

a.Redução		b. Exceções	
festinha	[ɨ]	mestrado	[ɛ]
velhice	[ɨ]	velharia	[ɛ]
lojista	[u]	motinha	[ɔ]
armazém	[a]	armazenar	[e]

(VIGÁRIO, 2001, p.73-4)

Em suma, a neutralização é um fenômeno que ocorre tanto no PE e quanto no PB, mas a redução a cinco vogais da pretônica é uma característica do PB. Para Vigário (2001), a redução vocálica, que reduz a três vogais o sistema da átona seja pretônica seja postônica é uma regra lexical no PE, enquanto, segundo Bisol (2005), a redução vocálica é pós-lexical.

4.3.3. A nasalização

Segundo Bisol (2005), outro processo a que os clíticos são sensíveis é a nasalização. A vogal nasal subjacentemente é formada pelo grupo VN. A nasalização vocálica ocorre em virtude do espriamento da nasal para a vogal que a antecede, criando-se uma vogal nasal.

Esse processo é característico tanto do Português Brasileiro quanto do Português Europeu.

(53)

a. Palavra prosódica

mensagem [ẽɲ] ~ [ẽj] ~ [ĩɲ] ~ [e] ~ [i]

ferragem [ẽɲ] ~ [ẽj] ~ [ĩɲ] ~ [e] ~ [i]

passagem [ẽɲ] ~ [ẽj] ~ [ĩɲ] ~ [e] ~ [i]

b. Clíticos

em [ẽɲ] ~ [ẽj] ~ [ĩɲ]

sem [ẽɲ] ~ [ẽj] ~ [ĩɲ]

Bisol (2005), ao analisar a nasalização no PB, afirma que este processo se dá no componente pós-lexical, visto que a nasalização não apresenta exceções nem interage com a morfologia, pois ocorre tanto com N morfêmico quanto não morfêmico.

A nasalização, portanto, é uma regra que ocorre em ambas as línguas. No que tange ao PB, consideramos que o fenômeno é pós-lexical, em virtude de não necessitar de informação morfológica e ser um fenômeno de superfície, pois na estrutura profunda é VN. Vigário (2001), todavia, a considera lexical por ser obrigatória.

4.3.4. A sonorização da fricativa coronal

A sonorização da fricativa coronal é um processo característico tanto do Português Brasileiro como do Português Europeu. Conforme Bisol (2005), esse é outro processo que envolve os clíticos do PB.

Através deste processo, a fricativa coronal surda torna-se sonora se for seguida de uma consoante sonora e, se seguida de uma consoante surda, a fricativa torna-se surda; ou seja, ela adquire o traço [voz] da consoante seguinte. Essa regra aparece tanto no interior de palavras como entre palavras e também atinge clíticos, razão por que é uma regra pós-lexical. Além disso, o processo de sonorização da fricativa coronal não apresenta exceções.

(54)

a. Palavra lexical

e[s]pelho e[z]goto

e[s]tilo e[z]boço

b. Grupo clítico

a[s] tarefas o[z] deveres

no[s] pedem no[z] buscou

c. Frase

flore[s] coloridas flore[z] verdes

menina[s] felizes menina[z] belas

4.3.5. A palatalização de /t/ e /d/

Os clíticos do PB estão sujeitos ao processo de palatalização de /t/ e /d/. Por esta regra, /t/ e /d/ palatalizam-se diante da vogal [i] e podem converter-se nas africadas [tʃ] e [dʒ]. A palatalização das consoantes oclusivas dentais atinge tanto palavras lexicais quanto clíticos. Esse fenômeno é de caráter pós-lexical, em virtude de criar alofones.

(55)

a. Palavra lexical

tia [tʃi]a

diretor [dʒi]retor

bate ba[tʃi]

verdade verda[dʒi]

b. Grupo clítico

te falei [tʃi] falei

falei-te falei-[tʃi]

de noite [dʒi] noite

Cabe salientar que a palatalização de /t/ e /d/ é um fenômeno exclusivo do Português Brasileiro e que, no Português Europeu, essas fricativas se mantêm como oclusivas.

4.3.6. A harmonização vocálica

A regra de harmonia vocálica é um fenômeno característico do PB e que tem sido bastante investigado na literatura. Por essa regra, as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ transformam-se nas vogais altas /i/ e /u/ quando a sílaba subsequente contém uma vogal alta. Esse fenômeno aplica-se somente na pauta de cinco vogais, portanto no PB, mas não no PE moderno.

A harmonia vocálica é uma regra sem exceções, mas de aplicação variável sendo considerada, portanto, pós-lexical. Seu domínio de aplicação é a palavra fonológica.

(56)

p[e]pino ~ p[i]pino

m[e]nina ~ m[i]nina

v[e]stido ~ v[i]stido

p[o]lícia ~ p[u]lícia

c[o]turno ~ c[u]turno

Conforme verificamos nos resultados de nosso estudo estatístico, que teve por objetivo verificar se o clítico estaria sujeito à regra, a vogal do clítico eleva-se independentemente da vogal seguinte.

O clítico, todavia, não se mostra sensível a essa regra, porque não se comporta como uma sílaba pretônica, mas como átona final, fato já referido na seção 4.3.2, sofrendo, como vogal dessa posição, a neutralização, conforme aparece em (51) e em (57).

(57) Neutralização

por amor ~ pur amor

do destino ~ du destinu

se fere ~ si feri

fere-se ~ feri-si

me pediu ~ mi pidiu

pediu-me ~ pidiu-mi

nos buscar ~ nus buscar

Por conseguinte, a vogal alta não tem papel – isto é, o clítico se eleva em razão do processo de neutralização da postônica final e não da harmonia vocálica.

Os exemplos apresentados em (56) mostram que harmonia só se aplica a palavras lexicais e que, portanto, não atinge o grupo clítico, porque este constitui uma palavra pós-lexical. O grupo clítico é, sim, atingido pela neutralização da átona, como exemplos do tipo ‘chamam-mi’ e ‘mi chamam’ (por regra espelho), que é uma regra pós-lexical.

4.3.7. Regras de sândi

Conforme Vigário (2001) e Bisol (2005), os clíticos do português estão sujeitos a regras de sândi.

4.3.7.1. Ditongação

A ditongação é o processo de formação de ditongos com a vogal final de um vocábulo e a inicial de outro, quando uma das vogais é alta ou média alta e átona. Esse processo ocorre no Português Brasileiro e no Português Europeu e apresenta propriedades de um fenômeno pós-lexical, a saber: é de uso geral, é um processo variável e não precisa de informações morfológicas.

(58)

a. Grupo clítico

me amou m[ja]mou

me irrita m[ej]rrita

do amor d[wa]mor

b. Frase

casaco azul casac[wa]zul

verdade oculta verdad[jo]cultta

vida interessante vid[aj]nteressante

Cabe salientar que a ditongação é mais freqüente no PB, porque o PE apaga vogais finais em seqüências, como vemos em (59).

(59)

forte abrigo 0/*[j]

pobre artista 0/*[j]

somente o espero 0/*[j]

(VIGÁRIO, 2001, p.112-3)

4.3.7.2. Degeminação

A degeminação ocorre quando as duas vogais que se encontram são foneticamente iguais, devendo a segunda vogal não apresentar acento primário. Esse processo ocorre tanto no Português Brasileiro quanto no Português Europeu.

(60)

a. Grupo clítico

me esquece m[es]quece ~ m[is]quece

te ensina t[ê]nsina ~ t[ĩ]nsina

te encontrei t[ê]ncontrei ~ t[ĩ]ncontrei

b. frase

vida amarga vid[a]marga

sociedade inteira sociedad[ĩ]nteira

menino honesta menin[o]nesto

Esse processo é pós-lexical, em virtude de ocorrer entre palavras.

4.3.7.3. Elisão de /a/

A elisão de /a/ é processo em que a vogal baixa a é elidida diante de outra vogal com qualidade diferente. O fenômeno é de caráter pós-lexical, porque ocorre somente entre vocábulos, além de ser variável.

Tanto no PB quanto no PE, o fenômeno não se aplica no interior de palavra (61a). Segundo Bisol, elisão de /a/ tampouco ocorre em monomorfemas constituídos de um só segmento (61b)⁵³. Além disso, o acento da segunda sílaba inibe a elisão, se for o acento principal da frase (61c).

(61)

a. paulada	*pulada
maisena	*misena
baunilha	*bunilha
b. mora na olaria	* moranolaria
Ele veio da usina	*dusina
c. para Olga	*parolga

(BISOL, 2005, p.173)

Enquanto a degeminação e a ditongação podem ocorrer tanto no interior de palavra quanto entre palavras, a elisão só ocorre entre palavras, atingindo a seqüência 'clítico+hospedeiro'.

(62)

a. Grupo clítico	
para obstruir	par[o]bstruir
para obedecer	par[o]bedecer

⁵³ Segundo Bisol (1992, p.95), (...) elisão faz restrições ao apagamento de categorias morfológicas no âmbito da junção interna, i.é, todo a que está por um morfema é preservado, sozinho ou em formas contraídas como **da** (de+a) (...)

b. Frase

bela homenagem bel[o]menagem

menina estranha menin[e]stranha

Conforme verificamos nos exemplos em (61a), o processo de elisão não se aplica no interior de palavra, o que evidencia que ‘clítico+hospedeiro’ não formam uma palavra fonológica lexical. Cabe ressaltar que o menor domínio de aplicação da regra de elisão de /a/ é a seqüência ‘clítico+hospedeiro’ e que, a partir daí, a regra se estende a outros domínios.

4.3.7.4. Elisão de /e/

Neste processo, há o apagamento da vogal átona final /e/ quando o vocábulo seguinte inicia por vogal de qualidade distinta. O fenômeno é pós-lexical, pois é variável e não necessita de informação morfológica.

4.3.7.4.1. Português Brasileiro

No Português Brasileiro, a regra de elisão da vogal /e/ é um fenômeno raro, ocorrendo em alguns dialetos como regra variável e preferentemente em grupos clíticos⁵⁴.

⁵⁴ Para maiores esclarecimentos sobre a elisão da vogal /e/ no Sul do Brasil, ver Brescancini & Barbosa (2005).

(63)

Você fica **de** antena ligada né? [a]

Eu acho que ele está precisando **de** um neném lá, né? [u]

(BRESCANCINI; BARBOSA, 2005, p.6-7)

A tendência é de que a vogal média /e/ se transforme em semivogal, como vemos nos exemplos.

(64)

gente alegre [ja⁵⁵]

preciso de um amigo [jũ]

disse-me agora [ja]

4.3.7.4.2. Português Europeu

No Português Europeu, a elisão de /e/ é um processo bastante comum, conforme vemos nos exemplos a seguir.

(65)

pele alva [0]

bebe agora [0]

(VIGÁRIO, 2001, p.200)

⁵⁵ A vogal 'a' na pretônica tende a ser igual à tônica; no entanto, há variação entre [a] e [e].

Segundo Vigário (2001, p.200), *é impossível o apagamento da vogal não posterior se há um clítico pronominal seguido.*

(66)

pede-o já *0 / [j]

mede-a depois *0 / [j]

(VIGÁRIO, 2001, p.200)

No entanto, se a vogal do clítico é um /e/, o processo ocorre e, segundo a autora, esse é um argumento a favor de tratar o enclítico como sílaba final do hospedeiro.

(67)

peço-te agora 0 / #[j]

disse-me ontem 0 / #[j]

(VIGÁRIO, 2001, p.200)

Em suma, a elisão de /e/ é um processo de caráter geral no Português Europeu, segundo Vigário (2001) e de uso restrito no PB, sobretudo no sul do Brasil, segundo Brescancini e Barborsa (2005).

4.3.8. Considerações gerais

O Português Brasileiro tende ao uso da próclise, sendo a ênclise um fenômeno raro nessa língua; já, no PE, a ênclise é o padrão de colocação. Segundo Vigário (2001), a próclise tende a ocorrer somente quando há um elemento que a atrai. Diferentemente do PE, no PB, a próclise é preferida em qualquer contexto inclusive inicial absoluto.

Outro ponto importante a observar é que enquanto no PE, segundo Vigário, a seqüência 'clítico+hospedeiro' ou 'hospedeiro+clítico' sofre regras lexicais e pós-lexicais, no PB, somente é sensível a regras pós-lexicais que, por natureza, não interagem com a morfologia, não necessitam preservar estruturas, nem apresentam exceções.

4.4. Tamanho da palavra fonológica

Segundo Nespor e Vogel (1986), a palavra fonológica corresponde ao elemento terminal de uma árvore sintática ou é menor do que ela. Nesta perspectiva, o grupo clítico não é uma palavra fonológica lexical, mas é, em nosso entender, uma palavra fonológica pós-lexical para a qual não há restrições de tamanho. Essa palavra fonológica pós-lexical tem exatamente o tamanho do grupo clítico da escala prosódica de Nespor e Vogel (1986).

Este constitui, portanto, mais um argumento de que o clítico se une ao hospedeiro, formando uma palavra pós-lexical.

4.5. A estrutura prosódica da seqüência 'clítico+hospedeiro' e 'hospedeiro+clítico' no Português Brasileiro

Apesar de usarmos a hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986) como ponto de partida, nosso estudo diferencia-se deste, em virtude de assumirmos que a hierarquia prosódica não inclui o grupo clítico. Além disso, admitimos recursividade na escala prosódica, ao considerarmos que o clítico com o seu hospedeiro formam uma palavra fonológica pós-lexical, fato este também admitido por Vigário (2001), para o Português Europeu, e por Peperkamp (1997), para o Napolitano.

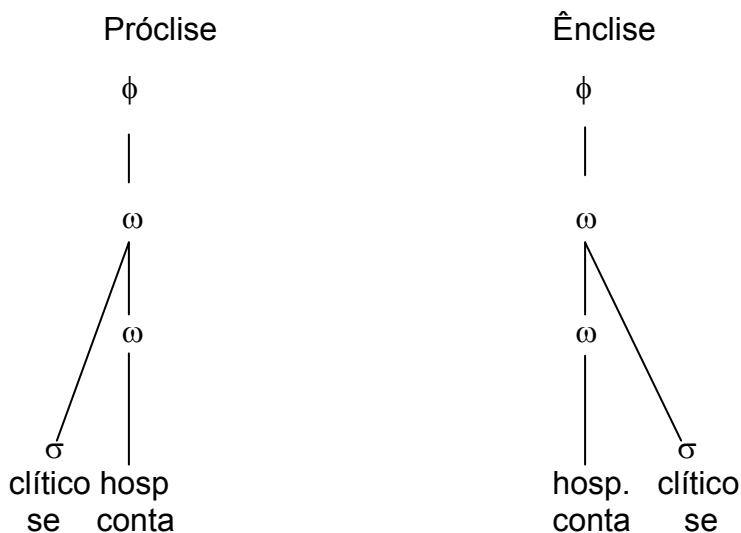
Em nossa proposta, portanto, consideramos que há, na hierarquia prosódica, seis constituintes: a sílaba (σ), o pé (Σ), a palavra fonológica (ω), a frase fonológica (ϕ), a frase entonacional (I) e o enunciado (U). Embora consideremos que o grupo clítico não constitui um nível da escala prosódica, não adotamos a proposição de Selkirk (1986), a qual também não integra esse nível. Na verdade, nosso estudo vai de encontro à proposta de Selkirk (1986), por duas razões fundamentais: para a autora, clíticos são invisíveis a regras que derivam domínios prosódicos (op. cit, p.396); além disso, para Selkirk (1986), o clítico e a palavra de conteúdo adjacente formam uma palavra prosódica; assim, exemplos como 'a casa', 'de noite' ou 'me fere' constituem uma palavra fonológica.

Assim, embora apresentemos a posição a favor de uma escala prosódica sem o nível do grupo clítico, seguimos a proposta de Nespor e Vogel (1986), por seu pressuposto de que a seqüência 'clítico-hospedeiro' é sensível a processos fonológicos em algumas línguas.

4.5.1. Prosodização de proclíticos e enclíticos

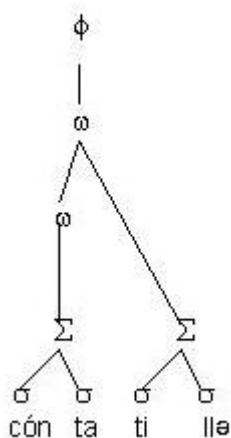
Admitimos, seguindo a linha de Bisol (2005), que os clíticos do PB, por estarem sujeitos apenas a processos fonológicos pós-lexicais, se anexam ao hospedeiro no componente pós-lexical, formando com ele uma só palavra fonológica. Mas diferentemente de Bisol (2005) e de acordo com Vigário (2001), admitimos que a formação do grupo clítico como uma palavra fonológica se dá por recursividade. A diferença entre as duas análises que se apóiam na recursividade – a de Vigário (2001) e a defendida no presente trabalho – está no fato de que, para Vigário (2001), a palavra fonológica pós-lexical está aberta para regras lexicais e pós-lexicais, enquanto em nosso estudo sobre o PB, a palavra fonológica pós-lexical, a que corresponde à seqüência ‘clítico-hospedeiro’ está aberta somente a regras fonológicas pós-lexicais. Acreditamos que os nossos argumentos falam claramente a favor de uma palavra fonológica pós-lexical (discriminados de forma particular nas seções 4.3 e 4.4), enquanto os de Vigário ora apontam para um lado ora para outro.

(68) Estrutura prosódica dos clíticos do PB: adjunção ao hospedeiro⁵⁶ (segundo Peperkamp, 1997, p.177)



Os diagramas em (68) mostram que as seqüências ‘clítico+hospedeiro’ e ‘hospedeiro+clítico’ são formadas por uma sílaba que se alinha à esquerda do

⁵⁶ De acordo com Peperkamp (1997, p.185), no Napolitano, clíticos, sozinhos ou em pares, adjungem-se ao hospedeiro palavra prosódica, formando uma palavra recursiva desta mesma categoria. Segundo a autora, múltiplos clíticos têm a seguinte estrutura:



Na estrutura apresentada por Peperkamp (1997), ‘cón ta’ é uma palavra lexical e ‘ti’ e ‘lle’ constituem múltiplos clíticos que, junto com a palavra fonológica, formam uma palavra recursiva. Acreditamos que, no Português Brasileiro, clíticos dissilábicos também têm a mesma representação prosódica que múltiplos clíticos no Napolitano.

hospedeiro, no caso da próclise, e à sua direita, no caso da ênclise, formando uma palavra por recursividade.

Conforme mostramos nos diagramas em (68), proclíticos e enclíticos apresentam uma mesma estrutura prosódica, em virtude de mostrarem um comportamento simétrico no PB, no que tange à regra de neutralização da postônica final, pois esta se aplica tanto a proclíticos quanto a enclíticos, o que indica que a estrutura prosódica é uma só.

Proclíticos e enclíticos, no Português Brasileiro, não são incorporados ao hospedeiro no componente lexical, uma vez que não interagem com regras deste nível. Esses elementos são, portanto, adjungidos ao verbo no pós-léxico, uma vez que sofrem apenas regras fonológicas deste nível.

Esses argumentos indicam que clíticos se anexam diretamente a uma palavra fonológica, sem integrá-la (Bisol, 2000, p.23-4). Em nossa proposta, assumimos que, sem o nível do grupo clítico na hierarquia prosódica, a palavra prosódica pós-lexical insere-se no nível da palavra fonológica, pois a seqüência 'clítico-hospedeiro' compartilha com a palavra lexical a característica de portar apenas um acento. Além disso, o grupo clítico está sujeito a regras que têm como domínio de aplicação a palavra fonológica. Assumir que essa seqüência se insere no nível da frase implicaria mudar o domínio de aplicação de regras da língua, como a neutralização das átonas finais e a palatalização das plosivas coronais.

Cabe salientar que, ao compararmos o comportamento dos clíticos do Português Brasileiro com os do Português Europeu, verificamos que há duas grandes diferenças entre esses sistemas.

- a) Clíticos no PE são sensíveis tanto a regras lexicais quanto a regras pós-lexicais; clíticos no PB estão sujeitos apenas a regras pós-lexicais.
- b) O PE apresenta assimetria entre próclise e ênclise, enquanto o PB apresenta um comportamento simétrico. Em razão disso, no PE proclíticos são adjungidos ao hospedeiro, mas enclíticos são incorporados a ele⁵⁷. Já no PB, os pronomes átonos, em ambas as posições, são adjungidos ao hospedeiro.

4.6. Conclusão

Neste capítulo, refletimos sobre a formação da seqüência ‘clítico+hospedeiro’ e ‘hospedeiro+clítico’ no Português Brasileiro, com base em estudos de Peperkamp (1997), Vigário (2001) e Bisol (2000, 2005) e constatamos que o clítico com seu hospedeiro estão sujeitos apenas a regras pós-lexicais. Este fato nos leva a afirmar que essa sequencia não pode constituir uma palavra lexical, em virtude de esta estar sujeita tanto a regras lexicais como regras pós-lexicais.

Em razão de a seqüência ‘clítico+hospedeiro’ e ‘hospedeiro+clítico’ apresentar um só acento, assim como palavras lexicais, mas, diferentemente destas palavras, sujeitar-se apenas a regras pós-lexicais, consideramos que o clítico é prosodizado no componente pós-lexical junto à palavra fonológica com

⁵⁷ Segundo Vigário (2001), o comportamento assimétrico entre os clíticos do Português Europeu pode ser justificado se considerarmos que, no componente pós-lexical, apenas a borda esquerda da palavra léxica é preservada; já a borda direita fica invisível. O fato de a borda direita da palavra léxica ficar invisível no pós-léxico justifica a aplicação da regra de elisão de /e/ em enclíticos terminados pela vogal média [-post] (peço-te agora 0/*[j]) e o bloqueio em palavras seguidas por enclíticos que não terminam por essa vogal (pede-o já *0/[j]) (VIGÁRIO, 2001, p.200).

a qual constitui uma palavra recursiva. Sustentam nossa proposta os seguintes argumentos:

- a) os clíticos com o hospedeiro são sensíveis apenas a regras pós-lexicais;
- b) proclíticos e enclíticos sujeitam-se à neutralização da postônica final;
- c) a harmonia vocálica aplica-se apenas a palavras lexicais, não atingindo a seqüência ‘clítico+hospedeiro’ e ‘hospedeiro+clítico’;
- d) a regra de elisão de /a/ não atinge a palavra fonológica lexical, mas atinge a seqüência ‘clítico+hospedeiro’;
- e) o clítico com o hospedeiro formam uma palavra maior do que a palavra morfológica.

Assumimos, portanto, que a hierarquia prosódica não necessita incluir o grupo clítico para dar conta dos clíticos, uma vez que, no PB, estes são adjungidos ao hospedeiro no componente pós-lexical, formando uma estrutura recursiva.

A não existência do grupo clítico na hierarquia prosódica apresenta as seguintes vantagens, referente à relação ‘clítico-hospedeiro’ nas línguas:

- as línguas podem ter diferentes representações prosódicas para a seqüência ‘clítico+hospedeiro’ e ‘hospedeiro+clítico’, segundo Vigário (2001), como vimos, no PE, proclíticos são adjungidos ao hospedeiro, formando uma palavra recursiva; enquanto enclíticos são incorporados ao hospedeiro, constituindo uma palavra simples;

- clíticos podem formar com o hospedeiro uma palavra prosódica lexical, uma palavra prosódica pós-lexical, uma frase fonológica, etc, havendo maior liberdade para a sua representação;
- há maior liberdade na localização prosódica da seqüência 'clítico+hospedeiro' e 'hospedeiro+clítico' na hierarquia prosódica. No PE e o PB, por exemplo, os clíticos têm como hospedeiros palavras fonológicas; mas, segundo Peperkamp (1997), no Hausa, os clíticos têm como hospedeiros frases fonológicas, e no Bantu, frases entonacionais.

5. CONCLUSÃO

Este estudo investigou o status prosódico dos clíticos pronominais ‘-me’, ‘-te’, ‘-se’, ‘-lhe(s)’, ‘-o(s)’, ‘-nos’, ‘-lo(s)’ do Português Brasileiro, tendo como base a análise do comportamento da regra de elevação das vogais /e/ e /o/ desses elementos em dados de fala de Porto Alegre e Santana do Livramento.

Apresentamos, a seguir, as conclusões relativas ao estudo da regra de elevação das vogais dos clíticos, as quais serviram de base para nossa análise fonológica dos clíticos pronominais do Português Brasileiro.

A análise variacionista revelou que a elevação das vogais médias /e/ e /o/ dos clíticos pronominais tem aplicação praticamente categórica na amostra de Porto Alegre (95%). Entretanto, na amostra de Santana do Livramento (1978), a regra apresentou pouca frequência (21%), sendo que na segunda amostra de Santana do Livramento (2003-5), houve maior aplicação do fenômeno em estudo (44%).

A partir desses resultados, podemos afirmar que os moradores de Santana do Livramento sofrem influências lingüísticas da comunidade Uruguia (Rivera) com a qual fazem fronteira, por isso apresentam na sua fala uma reduzida aplicação da regra de neutralização.

Ao compararmos os resultados de ambas as amostras de Santana do Livramento, verificamos que a preservação das vogais médias de clíticos

prevalece. No entanto, tudo indica que está ocorrendo um processo de mudança em curso.

Os resultados estatísticos gerais das três amostras podem ser sumariados da seguinte maneira:

- a) houve um escasso uso de hiato e a preferência pela aplicação de processos de sândi para resolver a maioria dos casos de seqüências de duas vogais;
- b) as vogais altas não motivaram a elevação vocálica do clítico, o que indica que a vogal alta não tem papel, isto é, o clítico se eleva em razão da neutralização da postônica final e não da harmonia vocálica.

Já com relação às duas amostras de Santana do Livramento, também constatamos que:

- a) os homens aplicam significativamente a regra de neutralização, o que indica que são eles os inovadores na sua comunidade;
- b) quanto maior a distância da sílaba tônica, mais fraca é a sílaba e mais sujeita à aplicação da regra de neutralização.

Quanto a Porto Alegre, não sabemos até que ponto os resultados relativos às variáveis selecionadas pelo VARBRUL são confiáveis, uma vez que a elevação das vogais médias dos clíticos foi praticamente categórica.

Partindo da proposta de Câmara Jr. (1970) que afirma, com base no dialeto carioca, que, no Português, o sistema vocálico átono fica reduzido a cinco vogais na posição pretônica e a três na átona final, analisamos as

amostras de Porto Alegre (1990), Santana do Livramento (1978) e Santana do Livramento (2003-5). O resultado estatístico revelou que os clíticos pronominais do PB, em posição pré-verbal, não se comportam como sílabas pretônicas, mas como átonas finais, pois, independentemente de estarem em posição pré-verbal ou pós-verbal, os clíticos sofrem a regra de redução a três vogais que, no PB, destina-se a vogais finais.

A análise fonológica realizada com base nos pressupostos da Fonologia Lexical e Fonologia Prosódica revelou que os clíticos do PB se anexam ao hospedeiro, constituindo uma palavra fonológica pós-lexical, por recursividade. Os seguintes argumentos sustentam nossa análise:

- a) os clíticos do PB estão sujeitos apenas a regras que ocorrem no componente pós-lexical;
- b) proclíticos e enclíticos apresentam um mesmo comportamento prosódico com relação à regra de neutralização da postônica final;
- c) a regra de elisão de /a/ não ocorre no interior de palavra lexical, mas ocorre no interior do grupo clítico;
- d) a palavra fonológica criada no léxico não pode ser maior do que a palavra morfológica;
- e) a regra de harmonia vocálica atinge a palavra fonológica lexical, mas não o grupo clítico.

Ao compararmos o funcionamento dos clíticos do Português Brasileiro com os clíticos do Português Europeu, constatamos que há diferença entre o comportamento dos clíticos nesses dialetos.

Além disso, apesar de a análise em discussão, assim como o estudo de Vigário (2001), defender a idéia de que a seqüência 'clítico+hospedeiro' ou 'hospedeiro+clítico' formar uma palavra fonológica pós-lexical, por recursividade, nosso estudo difere da proposta de Vigário em alguns aspectos, por admitir que, no PB, há uma simetria entre próclise e ênclise, revelando que os clíticos em ambas as posições são adjungidos ao hospedeiro, formando uma palavra fonológica pós-lexical recursiva.

Para Vigário, no entanto, no PE, proclíticos e enclíticos apresentam um comportamento assimétrico, ou seja, apenas proclíticos formam palavras fonológicas por recursividade. Por outro lado, enclíticos são incorporados ao hospedeiro, formando uma palavra simples.

Em suma, através deste estudo buscamos descrever a regra de neutralização das vogais átonas postônica finais aplicada a clíticos pronominais do Português Brasileiro, a fim de verificar as implicações deste fato fonológico relativamente à variação lingüística, à mudança lingüística e à hierarquia prosódica em funcionamento na fonologia do PB na região sul do país. Acreditamos que o estudo, além de discutir o status prosódico dos clíticos do PB, comparando com o PE, também contribuiu para a descrição de um fenômeno variável no Português Brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAT, Brauli Montoya. In: SOLÀ, Joan, LLORET, Maria Rosa, MASCARÓ, Joan & SALDANYA, Manuel Pérez (eds.) *Gramàtica del Català Contemporani*. Vol 1 [fonètica i fonologia; morfologia]. Barcelona: Empúries, p. 5-33, 2002

AMARAL, Luís Isaías Centeno do. *O abaixamento de /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha*. Pelotas: UCPel, 1996. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, 1996.

AMARAL, Marisa Porto do. *As proparoxítonas: teoria e variação*. Porto Alegre: PUCRS, 2000. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

_____. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.99-126, 2002.

ANDERSON, Stephen R. How to put your clitics in their place, or why the best account of second-position phenomena may be something like the optimal one. *The linguistic review*, v.13, número, p. 165-191, 1996.

BATTISTI, Elisa. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

_____; VIEIRA, Maria José Blaskovski. O sistema vocálico do português. In: BISOL, Leda (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.159-194, 1999.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ªed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

BERENDSEN, Egon. *The phonology of cliticization*. PhD Dissertation, University of Utrecht, 1986.

BIBILONI, Gabriel. Elisió de -N i -R, distribució de les ròtiques i altres fenòmens consonàntics en el mot. In: SOLÀ, Joan, LLORET, Maria Rosa, MASCARÓ, Joan & SALDANYA, Manuel Pérez (eds.) *Gramàtica del Català*

Contemporani. Vol 1 [fonética i fonologia; morfologia]. Barcelona: Empúries, p. 271-285, 2002

BISOL, Leda. *Harmonia vocálica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

_____. A harmonização vocálica na fala culta (*Dados do projeto NURC*). *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.4, n.1, p. 1-20, 1988.

_____. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, n.23, p. 83-101, 1992.

_____. O sândi e a ressilabação. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, v.31, n.2, p. 159-168, 1996a.

_____. Sândi externo: o processo e a variação. In: Kato, Mary. A. (org.) *Gramática do português falado: convergências*. Volume V. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, p.55-96, 1996b.

_____. Os constituintes prosódicos. In: _____ (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 229-241, 1999a.

_____. A sílaba e seus constituintes. In.: NEVES, Maria Helena de Moura (org.) *Gramática do português falado*. v. VII. Campinas: Unicamp, p.701-742 1999b.

_____. O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos de Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v.9, n.1, p. 5-30, 2000.

_____. A degeminação e a elisão no VARSUL. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 231-250, 2002.

_____. A neutralização das átonas. *D.E.L.T.A. - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 19, p. 267-276, 2003.

_____. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *D.E.L.T.A. - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v.20, ESPECIAL, p. 59-70, 2004.

_____. O clítico e seu hospedeiro. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, n.141, p.163-184, 2005.

BISOL, Leda; HORA, Dermeval. Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística*. Coimbra: APL, p.61-80, 1993.

BISOL, Leda ; MAGALHÃES, José Sueli de . A redução vocálica no português brasileiro: avaliação via restrições. *Revista da Abralín*, v. III, p. 195-216, 2005.

Bloomfield, L. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.

BONET, Eulàlia. Feature structure of romance clitics. *Natural language & linguistic theory*, vol.13, n.4, p.607-647, nov. 1995.

_____. Cliticització. In: SOLÀ, Joan, LLORET, Maria Rosa, MASCARÓ, Joan & SALDANYA, Manuel Pérez (eds.) *Gramàtica del Català Contemporani*. Vol 1 [fonètica i fonologia; morfologia]. Barcelona: Empúries, p. 935-988, 2002.

BONET, Eulàlia; LLORET, Maria Rosa. *Fonologia Catalana*. Barcelona: Ariel, 1998.

_____. *More on alignment as an alternative domains: the syllabification of Catalan clitics*. ROA. Disponível em [<http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>]

_____. OCP effects in Catalan cliticization. *Catalan Journal of linguistics*. Volume 1, 2002, The grammar of clitics, edited by Joan Mascaró, UAB, Barcelona, Servei de publicacions, Bellaterra p.19-39, 2003.

_____. More on alignment as an alternative to domains: the syllabification of Catalan clitics. *Probus* 17, p.37-78, 2005.

BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. *Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade*. Pelotas: UCPel, 2000. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, 2000.

BOOIJ, Geert. *Principles and parameters in prosodic phonology*. *Linguistics* 21, p.249-280, 1983.

_____. Cliticization as prosodic integration: the case of Dutch. *The Linguistic Review* 13, p.219-242, 1996.

_____. *The phonology of Dutch*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

BOOIJ, Geert; RUBACH, Jerzy. Morphological and prosodic domains in lexical phonology. *Phonology Yearbook*, London, n. 1, p. 1-27, 1984.

BORTONI, Stella. M.; GOMES, Cristina. A.; MALVAR, Elisabete. da S.; ALVES, Poliana. M. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n.20, p. 75-90, 1991.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A análise de regra variável e o programa Varbrul 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.13-75, 2002.

BRESCANCINI, Cláudia Regina; BARBOSA, Cláudia Soares. A elisão da vogal média /e/ no sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 39-56, 2005.

BRISOLARA, Luciene Bassols. *A prosodização dos clíticos pronominais no sul do Brasil: uma análise variacionista com base na elevação da vogal átona /e/*. Pelotas: UCPel, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Católica de Pelotas, 2004.

_____. Cliticização pronominal no sul do Brasil: uma abordagem à luz da fonologia prosódica. In: VANDRESEN, Paulino. *Varição, mudança e contato lingüístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006.

BRITO, Ana Maria et al. Tipologia e distribuição das expressões nominais. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, p.795-867, 2003.

CABRÉ, Teresa; PRIETO, Pilar. Prosodic and analogical effects in lexical glide formation in Catalan. *Probus*, n.16, p.113-150, 2004.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; COUTINHO, Lilian. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Organon*. Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p.71-78, 1991.

CÂMARA JR, Joaquim. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 18ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

_____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. *Dicionário de lingüística e gramática*. 15.ed. São Paulo: Vozes, 1991.

CARNIATO, Míriam Cristina. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. Pelotas: UCPel, 2000. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, 2000.

CARVALHO, Joaquim Brandão de. Phonological conditions on Portuguese clitic placement: on syntactic evidence for stress and rhythmical patterns. *Linguistics Berlin*, 27, p. 405-436, 1989.

CLEMENTS, George N. Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, Ithaca: Cornell University, n.5, p.77-123, 1991.

CLEMENTS, George N.; HUME, Elisabeth V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH (ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 245-306, 1995.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Clítico Acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes/UNICAMP, p. 19-34, 1989.

FIGUEROA, Esther. *Sociolinguistic Metatheory*. Oxford: Pergamon, 1994.

FIKKERT, Paula. From phonetic categories to phonological features specification: acquiring the European Portuguese vowels system. *Lingue e linguaggio*, n.2, p.1-17, 2005.

FIKKERT, Paula; FREITAS, Maria.João. (2006) 'Allophony and allomorphy cue phonological acquisition: evidence from the acquisition of the European Portuguese vowel system'. In *Catalan Journal of Linguistics*, volume on 'The Acquisition of Romance' edited by C. Lleó & A. Gavarró (no prelo).

FRITSCH, Ana Júlia. *Análise do clítico de*. Congresso de Iniciação Científica. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

GALVES, Charlotte; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. Vol. IV. Estudos Descritivos. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, p. 273-319, 1996.

GRIMSHAW, Jane. *Optimal clitic positions and the lexicon in Romance Clitic System*. ROA, 1999. Disponível em [<http://rucss.rutgers.edu/roa.html>]

GUSSENHOVEN, Carlos & JACOBS, Haike. *Understand Phonology*. NY: Oxford, 1998.

GUY, Gregory. Varbrul: análise avançada. *Cadernos de tradução do Instituto de Letras da UFRGS*, nº1. Porto Alegre, 1998.

HALL, T.Alan. The phonological word: a review. In: T.A. Hall and U. Kleinhenz (eds.) *Studies on the Phonological Word*. Amsterdam: John Benjamins, p.1-22, 1999.

HARRIS, James. Evidence from Portuguese for the elsewhere condition in phonology. *Linguistic Inquire*. Cambridge, Mass, v.5, n.1, p.61-80, 1974.

_____. The syntax-phonology mapping in Catalan and Spanish clitics. In: *Mit working papers in linguistics. Papers on phonology and morphology*, v. 21, 321-353, 1994.

_____. The morphology of Spanish clitics. In: H. Campos & P. Kempchinsky (eds). *Evolution and revolution in linguistic theory*. Washington: Georgetown University Press, p.168-197, 1995.

HAYES, Bruce. The prosodic hierarchy in meter. In: KIPARSKY, Paul; YOUNG, G. (eds.) *Phonetics and phonology*. Vol 1, Rhythm and Meter, San Diego, Academic Press, 201-260, 1989.

HYMES, Dell. The ethnography of speaking. In: T. Ladwen and W, Sturtevant (eds.). *Anthropology and human behavior*. Washington, DC: American Anthropological Association, 1962.

HORA, Dermeval. *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear*. Porto Alegre: PUCRS, 1990. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.

HULST, Harry van der. et al. *Avances in nonlinear phonology*. Dordrecht: Foris, 1984.

INKELAS, Sharon. *Prosodic Constituency in the Lexicon*. New York: Garland Publishing, 1990.

JIMÉNEZ, Jesús. Altres fenòmens vocàlics en el mot. In: SOLÀ, Joan, LLORET, Maria Rosa, MASCARÓ, Joan & SALDANYA, Manuel Pérez (eds.) *Gramàtica del Català Contemporani*. Vol 1 [fonètica i fonologia; morfologia]. Barcelona: Empúries, p. 171-194, 2002.

KAISSE, Ellen M. *Sentencial clitics and Wackernagel's Law*. West Coast Conference on Formal Linguistics , v.1, p.1-14, 1982.

KIPARSKY, Paul. Metrical structure assignment is cyclic. *Linguistic Inquire* , 10, p.421-442, 1979.

_____. Lexical morphology and phonology. In: Yang, S. (org.). *Linguistic morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co., p.3-91, 1982a.

_____. From cyclic phonology to lexical phonology. In: H. van der Hulst and N. Smith (eds.) *The structure of Phonological Representations*, Vol. I, Dordrecht: Foris, p. 131-175, 1982b.

_____. Paul. Some consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook* 2. p. 85-138, 1985.

KLAVANS, Judith L. The independence of syntax and phonology in cliticization. *Language*, vol.61, n.1, p.95-120, 1985.

KLEINHENZ, Ursula. The prosody of German clitics. In: ALEXIADU, A. et al. (eds.) *ZAS Papers in Linguistics* 6, p. 81-95, 1996.

LABOV, William. *Language in the inner city: studies in the black English vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University Pennsylvania Press, 1982.

_____. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LEIRIA, Lúcia Lovato. *Em busca da palavra prosódica*. Porto Alegre: PUCRS, 2000. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

LOBO, Tânia. O problema da colocação dos clíticos: variação estável ou mudança em curso? In: CARDOSO, S. A. M. (orgs.) *Diversidade lingüística*. Salvador: EDUFBA, p. 215-224, 1996.

MACKRIDGE, Peter. *The modern Greek language. A descriptive analysis of standard modern Greek*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

MASCARÓ, Joan. *Morfologia*. Biblioteca Universitária: Enciclopèdia Catalana. Barcelona, 1985.

_____. Morfologia: aspectes generals. In: SOLÀ, Joan, LLORET, Maria Rosa, MASCARÓ, Joan & SALDANYA, Manuel Pérez (eds.) *Gramàtica del Català Contemporani*. Vol 1 [fonètica i fonologia; morfologia]. Barcelona: Empúries, p. 465-482, 2002

MATEUS, Maria Helena Mira. Fonologia. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, p.987-1033, 2003.

MATTHEWS, G. Hubert. *Hidatsa syntax*. The Hague: Mouton, 1965.

MATZENAUER, Carmen Lúcia; CARVALHO, Débora. *A regra de palatalização na aquisição da fonologia*. XI Salão de Iniciação Científica. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

MAYA, Leonardo Zechlinsky. *A variação da preposição para na fala de Porto Alegre/RS*. Porto Alegre: PUCRS, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

MCCARTHY, John. A case of surface constraint violation. In: T. Sherer (ed.) *University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics 16*. Amherst, MA: GLSA, p. 125-141, 1993.

MOHANAN, K.P. *The theory of lexical phonology*. Dordrecht: Reidel, 1986.

MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. (Cadernos Didáticos UFRJ). Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes Pessoais: Subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: EUFC, 1994.

_____. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

MUNÉ, Joan Julià. Els sons del Català. In: SOLÀ, Joan, LLORET, Maria Rosa, MASCARÓ, Joan & SALDANYA, Manuel Pérez (eds.) *Gramàtica del Català Contemporani*. Vol 1 [fonètica i fonologia; morfologia]. Barcelona: Empúries, p. 39-86, 2002.

NARO, Anthony J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. (Cadernos Didáticos UFRJ). Rio de Janeiro: UFRJ, 17-25, 1992.

NESPOR, Marina. Vowel deletion in Italian: the organization of the phonological component. *The Linguistic Review* 7, p. 375-398, 1990.

_____. The phonology of clitic groups. In: Hellan and H. Van Riemsdijk (ed.). *Clitic doubling and clitic group*. Eurotyp Working Papers, p. 67-90, 1993.

_____. The phonology of clitic groups. In: H Van Riemsdijk (ed.). *Clitic*. Eurotyp. Theme Group 8. Berlin. Mouton, p.865-890, 1999.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. Prosodic domains of external sandhi rules. In: V. D. HULST and SMITH, Norval (eds) *The structure of phonological representations*. Foris Dordrecht, p. 225-265, 1982.

_____. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

NISHIDA, Chiyo. The Spanish reflexive clitic *se* as an aspectual class marker. Berlin, Linguistics, 32, p. 425-458, 1994.

OLIVEIRA E SILVA, Gisele Machline de. Coleta de Dados. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. (Cadernos Didáticos UFRJ). Rio de Janeiro: UFRJ, p. 101-114, 1992.

PAIVA, Maria da Conceição. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. (Cadernos Didáticos UFRJ). Rio de Janeiro: UFRJ, p. 69-73, 1992.

PAOLILLO, John C. *Analyzing Linguistic Variation: statistical models and methods*. United States: CSLI Publications, 2001.

PEPERKAMP, Sharon Andrea. *Prosodic Word*. Ph.D. Dissertation. University of Amsterdam, 1997.

PINTZUK, Susan. *VARBRUL programs*. 1988. mimeo.

ROBINETT, Florence M. *Hidatsa II: affixes*. IJAL 21, p.160-177, 1995.

ROMAINE, Suzanne. *Language in society: an introduction to sociolinguistics*. 2th.ed. Oxford University Press, 2000.

SASSI, María Pía Mendoza. *A palatalização na cidade de Santa Vitória do Palmar*. Pelotas: UCPel, 1997. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, 1997.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Introdução ao Pacote Varbrul para Microcomputadores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

SCHWINDT, Luiz Carlos. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Porto Alegre: PUCRS, 1995. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

_____. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.161-182, 2002.

SELKIRK, Elisabeth. Prosodic domains in phonology: sanskrit revised. In: ARONOFF, M. & KEAN, M. L. (orgs.) *Juncture*. Saratoga, Calif.: Anma Libri, p. 107-129, 1980.

_____. On prosodic structure and its relation to syntactic structure. In: T. Fretheim (ed.) *Nordic Prosodic II*. Trondheim. TAPIR, p. 111-140, 1981.

_____. The syllable. In: HULST, H. & SMITH, N. *The structure of Phonological Representations*. Foreis Publications, p.337-383, 1982.

_____. *Phonology and syntax. The relation between sound and structure*. Cambridge, Mass, MIT Press, 1984.

_____. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook* 3, p. 371-405, 1986.

_____. The prosodic structure of function words. In: BECKMAN, J; WALSH DICKEY, L. and URBANCZYK, S (eds.) *Papers in Optimality Theory*. University of Massachusetts Occasional Paper 18, Amherst, MA: GLSA, p.439-469, 1995.

_____. The prosodic structure of function words. In: J. Morgan and K. Demuth (eds.) *Signal to syntax: Bootstrapping from speech to grammar in early acquisition*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, p.187-213, 1996.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SOLÀ, Joan, LLORET, Maria Rosa, MASCARÓ, Joan & SALDANYA, Manuel Pérez (eds.) *Gramàtica del Català Contemporani*. Vol 1 [fonética i fonologia; morfologia]. Barcelona: Empúries, 2002.

TARALLO, Fernando. *Tempos Lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *A pesquisa sociolingüística*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2001.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *Neutralização das vogais médias postônicas*. Porto Alegre: PUCRS, 1994. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994.

_____. *Aspectos do sistema vocálico do português*. Porto Alegre: PUCRS, 1997. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

_____. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.127-159, 2002.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. *Colocação pronominal nas variedades européia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português*. Rio de Janeiro, 2002. Tese (Doutorado), UFRJ, 2002.

VIGÁRIO, Marina Cláudia. On the prosodic status of stressless function words in European Portuguese. In: HALL, T. Alan; KLEINHENZ, Ursula. *Studies on the phonological word*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 255-294, 1999.

_____. *The prosodic Word in European Portuguese*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2001. Tese (Doutorado), Universidade de Lisboa, 2001.

VOGEL, Irene. Prosodic constituents in Hungarian. In: P. M. Bertinetto and M. Loporcaro (eds.) *Certamen Phonologicum*. Papers from de 1987 Cortona Phonology Meeting. Torino: Rosenberg & Sellier, p.231-250, 1988.

_____. The clitic group in phonology prosodic. In: MASCARÓ, J.; NESPOR, M. *Grammar in Progress*. Dordrecht: Foris, p.447-454, 1990.

VOTRE, Sebastião. Escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. (Cadernos Didáticos UFRJ). Rio de Janeiro: UFRJ, p.75-79, 1992.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Empirical foundations for a theory of language change*. New York: Columbia University, 1968.

WETZELS, W. Leo. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 19-55, 1992.

WODAK, Ruth; BENKE, Gestrand. Gender as a sociolinguistic variable: new perspectives on variation studies. In: COULMAS, Florian (ed). *The handbook of sociolinguistics*. Blackwell Publishers, [1997], 2000.

WOOLFORD, Ellen. *Clitics and agreement in competition: ergative cross-referencing patterns* ROA, 2001 Disponível em <<http://rucss.rutgers.edu/roa.html>>.

ZEC, Draga; INKELAS, Sharon. The place of clitics in the prosodic hierarchy. In: BATES, D. *Proceedings of the 10th West Coast Conference on Formal Linguistic*. Stanford: SLA, p.505-519, 1991.

ZWICKY, Arnold M. Clitics and particles. *Language*, vol.61, n.2, p.283-305, 1985.

ZWICKY, Arnold M.; PULLUM, Geoffrey K.. Cliticization vs. inflection: English N't. *Language* vol 59, n.3, p.502-513, 1983.